

TAINHA

MAGRU FLORIANO



A TRADIÇÃO DA PESCA DA TAINHA
NO LITORAL DE SANTA CATARINA

tainha

A TRADIÇÃO DA PESCA DA TAINHA NO LITORAL DE SANTA CATARINA

Magru Floriano

**Agradecemos
a ajuda sincera e efetiva de:**

Jessica Martinez Feller
Luiz Antônio Patrício
Nívea Maria da Silva Bucker
Maurício José Pereira
Richard Lopes Correia
Rogério Marcos Lenzi
Sílvia Sant'Anna Braga dos Santos
Thiago Floriano dos Santos

**Agradecemos
instituições e funcionários que possibilitaram
acesso a acervos e informações:**

Fundação Cultural de Itajaí – Prefeitura Municipal de Itajaí
Fundação Genésio Miranda Lins – Centro de Documentação Histórica – Itajaí
Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis
Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina – Florianópolis
Ecomuseu do Ribeirão da Ilha – Nereu do Vale Pereira - Florianópolis
Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – Casa José Boiteux – Florianópolis
Núcleo de Estudos Açorianos – Florianópolis
Fundação Municipal de Cultura – Prefeitura Municipal de Bombinhas
Casa do Homem do Mar - Museu Naval – Bombinhas.
Fundação Municipal de Cultura – Prefeitura Municipal de Porto Belo
Assessoria de Imprensa – Prefeitura Municipal de Porto Belo
Arquivo Histórico – Fundação Cultural de Balneário Camboriú
Biblioteca Comunitária da Univali – Itajaí / Balneário Camboriú
Museu Nacional do Mar – Embarcações Brasileiras – São Francisco do Sul
Secretaria de Esporte e Turismo – Prefeitura Municipal de Barra do Sul

ALERTA

Este livro contém alto grau de cultura popular

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I – A pesca da tainha

- 1 - A pesca de arrasto na praia
- 2 - A pesca em parceria com botos
- 3 - A pesca industrial em mar aberto

CAPÍTULO II- Histórias de pescador: Depoimentos

CAPÍTULO III – Histórias de pescador: Literatura

CAPÍTULO IV - - Curiosidades acerca da tainha

- 1 – Breves notícias sobre a pesca e comércio da tainha
- 2 – Superstições
- 3 – Previsões meteorológicas
- 4 – Causos
- 5 – A limpeza da tainha
- 6 – Do mar à mesa: culinária tradicional

CAPÍTULO V – Redes, canoas e linguagem popular

- 1 – A feitura de redes
- 2– A canoa
- 3 – Fazedores de Canoa na Armação do Itapocorói
- 4– Inventário das canoas no litoral da Foz do Rio Itajaí
- 5 - Dicionário do pescador da tainha

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ANEXOS

BASE DE CONSULTA

APRESENTAÇÃO

Isaque de Borba Corrêa

Apresento ao público amante da cultura regional catarinense esse clássico produzido pelo escritor/jornalista/historiador Magru Floriano.

Magru, dispensa maiores apresentações mas convém lembrar que esse ícone da cultura regional catarinense é um dos poucos que ainda vai a campo buscar diretamente na fonte, promovendo a investigação histórica que precisa. Vivemos numa época em que a maioria dos pesquisadores repete outros autores à exaustão, apenas reescrevendo pesquisas e citando autores consagrados na historiografia recente, sem ter ido ao campo investigatório, às fontes primárias.

Magru nos premia agora com esse trabalho, que certamente referendará o assunto por muito tempo. Obstinado, foi atrás de bibliografia para um assunto que praticamente nada ainda se havia escrito. Nem mesmo órgãos de estudos científicos, que deveriam dar informações sobre o comportamento desse peixe, ainda tem um produto final, definitivo, sobre a sua biologia pela qual o autor pudesse basear suas pesquisas.

Mas isso não desestimulou o pesquisador: não tendo lá muitos fundos bibliográficos, foi direto à informação oral. Por sorte vivemos num período de transição. Nesse momento da história em que convivemos com internet, satélites, cibernética, enfim, tantos termos que nos remetem à globalização, ainda convivemos com pescadores que, à mesma moda dos séculos anteriores, mantêm uma tradição difícil de conservar. O mundo evoluiu sobremaneira e de maneira tal, que manter tradições, folclores que demandam mão de obra especializada, equipamentos, dispositivos de difícil fabricação, é quase impossível. Apuramos com essa pesquisa que a atividade da pesca de arrastão de tainha vem encontrando ano a ano sérias dificuldades, comprometendo sua sobrevivência no médio prazo. Daí a importância desse trabalho, que, em tempo, salvaguardou informações de vital importância para melhor compreender esse exemplar magnífico da nossa antropologia social e cultural.

A tainha é um peixe símbolo de Santa Catarina e sua pesca, nas suas mais variadas modalidades, é verdadeiro testemunho da evolução do homem catarinense que teve a sua sustentação baseada nessa modalidade de sobrevivência por vários séculos. A tainha como representante máximo da pesca e a farinha como elemento indispensável ao homem primitivo de Santa Catarina, formam um conjunto de riqueza cultural inigualável, muito bem retratado nesse estudo. Com certeza é um trabalho inédito, definitivo e por demais importante para entendermos a história da sobrevivência do homem de Santa Catarina.

Sem dúvida, estamos diante de um livro que traz à luz um assunto pra lá de inédito, de extrema significância cultural, histórica, sociológica, antropológica. É um prêmio para nós, os amantes da cultura de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

A tainha está presente em minha vida “desde sempre”. Talvez por ter nascido em uma família típica açoriana, o peixe sempre mereceu destaque nos meus gostos e costumes. A tainha foi o meu peixe preferido desde o tempo que o “homem do peixe” passava na Rua Max empurrando um carrinho de mão, artesanal de madeira, com o pescado devidamente encoberto por folhas verdes de bananeira. Quando ouvíamos a tradicional convocação “*Olhaaaaaa o peixeeeee!*” sempre corríamos para ver o que ele trazia de interessante.

Muito por conta da tainha guardo mais recordações de infância das férias escolares de inverno que as de verão. Afinal, o verão era culturalmente uniforme, monolítico: tudo se resumia em tomar banho no Rio Itajaí escondido dos nossos pais ou passar dias na casa de praia em Cabeçadas. Já o inverno era multifacetado. Era tempo mais intenso em termos de folclore. Além de todas as tradicionais brincadeiras de rua, tínhamos as festas de São João, São Pedro e Corpus Christi, o vento mais forte favorecendo a subida das pandorgas e, esse mesmo vento frio, trazendo as tainhas para nossas praias e, por consequência, para nossas mesas.

Ah! A tainha! Essa tem cheiro de infância. O cheiro da minha infância no Bairro São João. Um cheiro que impregnou meu corpo, vocabulário, gostos, costumes ... de sorte que segue comigo até os dias de hoje. Sinto no ar o cheiro da tainha frita no fogão a lenha. As achas de lenha estalando e cuspidando estrelinhas pela boca afora, a banha de porco chiando ao receber o chuvisco da posta de tainha que gradualmente vai se dourando. Não havia recompensa maior do que receber um “belisco”, uma “provinha” antes do almoço estar servido à mesa. Saborear esse pedacinho do peixe era um feito memorável. Nenhum sabor se igualava ao sabor do belisquinho. Principalmente se fosse conseguido furtivamente, na pressa, pelando a língua.

Então, o roteiro desse livro segue o roteiro de minha vida. Cresci ouvindo histórias e estórias sobre a pesca da tainha e agora recupero muitas delas através de depoimentos de outros personagens, homens da beira da praia, que também viveram essas histórias e estórias de nossa comunidade. Também me esforcei para recuperar boa parcela do vocabulário da beira da praia, rica contribuição cultural de nossa gente. E, como tributo à tradição, busquei inventariar as canoas que estão habitando os ranchos de praia de nosso litoral há século. Canoa, vocabulário, histórias/estórias ... formam um mosaico cultural de nossa gente que merece ser preservado e entregue como herança coletiva às futuras gerações.

A pesca da tainha, e todas as práticas da cultura popular que traz consigo, representa sinteticamente nossa identidade comunitária. Nosso povo tem diversas manifestações culturais que integram essa identidade: engenho de farinha, boi de mamão, vocabulário adaptado às condições regionais. Mas só a tainha tem cheiro de “sempre” porque é comunhão. Nenhuma lavoura, nenhuma caça, nenhuma outra modalidade de pesca compartilha tão generosamente como o arrastão da beira-mar.

De tão preciosa a tainha chega às nossas mãos em cor prata e nos é servida à mesa na cor dourada. Por isso mesmo ela é a joia de nossa cultura. Uma cultura que sempre soube compartilhar.

CAPÍTULO I

A PESCA DA TAINHA

*botos campeiam tainhas
na direção da praia*

*carneiam cardumes
com tocaias
de águas marinhas.*

*À beira dos molhes
pescadores
preparam mo(r)tes
com tarrafas.*

[Nilson Weber]

1 - A PESCA DE ARRASTO NA PRAIA

Nos anos de 2012 e 2013 acompanhamos a pesca da tainha junto com o grupo de pescadores que trabalhou com a canoa **Boa Viagem** na parte norte da Praia de Mariscal, Município de Bombinhas (SC). A baixa captura de pescado obtida em anos anteriores de forma alguma mexeu com o ânimo da *camaradagem*. Um dia após o outro, enfrentando frio, vento e chuva, lá estavam os pescadores no *rancho de praia* esperando o aviso do *vigia* de que a *manta* de tainha estava entrando na praia. Comprovamos na prática que a pesca da tainha é feita sobretudo de esperança e determinação.

A pesca da tainha a bordo da canoa Boa Viagem

Boa Viagem é uma canoa relativamente nova. Foi construída no ano de 1953 tendo como base o tronco de uma figueira da região de Porto Belo. Atualmente ela pertence a Alexandre João de Mello e sua irmã. Eles pertencem à terceira geração de pescadores que usam a canoa para a pesca da tainha na Praia de Mariscal. Antes deles a Boa Viagem serviu à Belmira e João Elpídio.

Falamos que a Boa Viagem é relativamente nova porque das cinquenta canoas que trabalharam nas praias do Município de Bombinhas nos anos de 2012/3 algumas foram construídas há mais de um século. Também não é das maiores, tendo quase oito metros de comprimento [7,90cm x 1,20cm]. Recebe seis tripulantes: o **patrão** – responsável pelo direcionamento da embarcação e a escolha do ponto ideal para o cerco ao cardume; o **chumbeiro** – responsável por lançar ao mar a rede [lanço]; quatro **remadores de voga**. Na praia ficam os **ajudantes [camaradas]** – que puxam a rede para a praia e promovem todas as atividades em terra.

A Boa Viagem é armada com uma rede de 350 braças (um pouco mais de setecentos metros) mais cinquenta metros de *pau de cabo* [Beta] de cada lado. As *mangas* da rede são feitas com malha onze; os *encontros* são feitos com malha nove; o *copo*, que é a maior parte da rede e onde fica aprisionado o peixe, é feito com malha oito. Não dá de afirmar com certeza quantos quilos tem a canoa, mas para tirá-la do mar e levar até o rancho de praia é preciso a força de mais de dez homens. A embarcação desliza por cima de *estivas* – paus com a parte superior cilíndrica. Para puxar a rede cheia de peixes é necessária a força de no mínimo vinte homens.

A canoa tem cinco remos. O remo do *patrão* é conhecido como *remo de pá*, por causa do seu formato mais ampliado, bojudo. Os remos dos dois remadores de trás possuem quatro metros; os remos dos dois remadores de frente possuem cinco metros de comprimento. Esses quatro remos-voga possuem o final mais estreito que o remo do patrão que tem a função de leme e por isso também é chamado de *remo de governo*. O remo é apoiado em uma base protuberante na lateral da embarcação [bordadura] chamada de *remadeira*, que serve de base para um pino chamado de *tolete*. O remo fica preso ao *tolete* por uma corda em forma de anel chamada de estrovo. A Boa Viagem recebe na sua popa o nome ITAJAÍ e tem o registro em suas laterais: 441.006261-1.

A sociabilidade no rancho de praia

Uma das tradições da atividade pesqueira brasileira é a divisão do resultado do trabalho do grupo por **partes** [quinhão, quota]. Cada membro da equipe recebe um quinhão do resultado da pesca dependendo da função que exerce no grupo e de conformidade com acordos estabelecidos pelos proprietários do rancho/canoa/rede na montagem da camaradagem que vai pescar naquela safra.

A primeira divisão é feita entre o dono do barco/rede/rancho e os ajudantes que formam a camaradagem/tripulação. Exatamente a metade para cada um. Geralmente o monte de tainha do dono do barco é recolhido na praia pelo proprietário de uma peixaria da região que mantém acordo comercial prévio com ele e até com alguns pescadores. Também são vendidos peixes no sistema avulso, sem pesagem, por cabeça, na própria areia da praia. No outono de 2012 a tainha ovada estava sendo vendida a vinte reais por peça e a tainha não ovada pelo preço de quinze reais.

O monte dos pescadores começa a ser dividido por *quinhão* ali mesmo na areia da praia, entre turistas tirando fotografias, pescadores recolhendo a rede para dentro da canoa. São montinhos de pescado elaborados na seguinte ordem:

Três partes para o patrão; duas partes para cada um dos remeiros [no total de quatro]; duas partes para o chumbeiro; duas partes para o vigia [no total de três]; duas partes para o cozinheiro do rancho; uma parte para cada ajudante [no total de seis]. A cada ano o número de integrantes da equipe muda, podendo chegar a quase vinte, dependendo das condições sazonais do recrutamento. No ano de 2012 responderam ao recrutamento espontâneo 12 pescadores. Uma ou outra tainha também é dada para

algumas pessoas conhecidas que ajudam a puxar a rede e trazer o peixe até o combro da praia em balaaios.

Muito do esforço da equipe é amenizado pela colaboração espontânea de turistas e *locais* [pessoas naturais da Região de Mariscal]. Os turistas demonstram ficar extremamente felizes por ter a oportunidade de levar uma tainha fresca, ainda viva, cheia de areia de praia para casa. Também ficam encantados por puxarem a rede cheia de peixes e até empurrar a pesada canoa até o rancho de praia. Os pescadores chegam a brincar diante da possibilidade deles não precisarem fazer força alguma para puxar a rede ou colocar a canoa no combro da praia, porque sempre aparecem muitos turistas voluntários para o trabalho. Isso ocorre principalmente nos finais de semana e feriados.

No *rancho de praia* o morador fixo principal é o *cozinheiro*. Ali encontramos um fogão a lenha, diversas cadeiras e banco rústico de tábua, uma televisão e diversos beliches improvisados. Na temporada de 2012 dormiram no rancho quatro pescadores que residiam fora da Praia de Mariscal. As famílias dos pescadores também frequentam o local, principalmente no final de semana.

Um pequeno abrigo também foi construído defronte ao rancho de praia, já na faixa de areia, contendo uma escada de madeira para acesso a um pequeno gradeado superior em forma de torre onde fica estabelecido um dos vigias. Na parte de baixo é praticada uma das brincadeiras preferidas do grupo: o jogo em dupla do dominó. Quem perde uma rodada por cem pontos a zero tem seu nome marcado a carvão na parede do pequeno abrigo como forma de castigo pela “ruindade” no jogo. É assim que as horas passam. Muita conversa e diversão à base de jogos de mesa.

Socialmente a tarefa mais difícil fica para o *vigia*, porque a função dele é uma atividade completamente isolada. Em determinados locais o vigia fica no meio do mato, em cima do morro, em total solidão por horas a fio. O rádio de bolso é o contato entre os vigias e o *patrão*. Quando o vigia anuncia a chegada do cardume na zona de pesca a reação do grupo tem de ser imediata sob pena do peixe fugir. Por isso mesmo praticamente todas as camaradagens da região adotaram o rádio e celular no lugar da tradicional comunicação entre vigia-patrão por panos e gestos de braço. Essa tradicional forma de comunicação própria da pesca de arrastão de praia é mantida ainda para a sinalização do vigia para o patrão de pesca, quando já embarcado e fazendo o cerco, uma vez ser praticamente impossível para ele portar dentro da canoa celular ou rádio. É muito importante que o vigia continue orientando os embarcados para que a canoa tome a direção certa e não faça o lanço para o lado contrário de onde está o *magote*. Os gestos

utilizados pelos vigias para orientar os embarcados depende de prévia combinação entre eles. Não há um padrão de sinalização entre as diversas camaradagens que promovem a pesca da tainha em nosso litoral.

Na temporada da tainha sempre ocorrem atritos entre os grupos de pescadores e outros frequentadores usuais da praia, como é o caso dos surfistas, pescadores amadores, banhistas e, excepcionalmente, tripulantes da frota industrial cujo barco promove pesca fora da área permitida pela portaria interministerial que regula a captura da tainha durante a safra. O grupo da canoa Boa Viagem aproveita de lei municipal para não permitir a prática do surf na Praia de Mariscal durante a época oficial da pesca da tainha, entre o dia 15 de maio e 15 de julho. Há dois anos um grupo de surfistas chegou a se revoltar com a proibição total da atividade esportiva e promoveu um protesto. Um grupo de trinta adeptos do surf entrou nas águas da Praia do Mariscal afrontando os pescadores. O embate entre surfistas e pescadores parecia iminente. Contudo ele foi evitado pelo líder dos pescadores, Alexandre João de Mello, que já foi vereador em Bombinhas e soube contornar a situação de forma satisfatória. Durante a temporada de 2013 também um grupo de três surfistas tentou burlar a proibição e quase ocorre o enfrentamento direto entre pescadores e surfistas. Novamente a *turma do deixa-disso* resolveu a questão de forma amigável.

Existe uma lei municipal específica para a temporada da tainha no Município de Bombinhas e desde maio de 1997 a municipalidade e os pescadores divulgam prospecto contendo o mapa das zonas de pesca artesanal no município. O mapa não deixa dúvida: todas as praias do Município estão incluídas na “zona de pesca” não sobrando um ponto sequer para a prática de surf ou qualquer outro esporte náutico. Na temporada de 2014, contudo, os surfistas avançaram um pouco e conquistaram uma batalha nessa guerra histórica. Foi implantado um sistema, que já vigora há mais tempo nos municípios do Sul do Estado, que controla a prática de esportes náuticos através de bandeiras coloridas. O patrão de pesca é o responsável por hastear bandeira vermelha em caso de proibição e bandeira verde em caso de permissão. O critério para as bandeiras é fundamentado na possibilidade do mar permitir ou não permitir a saída das canoas para o mar. Quando o mar está de ressaca, com as ondas e repuxo muito fortes, a bandeira verde é hasteada e os surfistas tomam conta das praias de Bombinhas. Ficou bom para todo mundo.

O grupo da canoa Boa Viagem permite que pescadores amadores pesquem na faixa de areia com caniços e molinetes. Também permite que os banhistas tomem banho

na franja das ondas, não adentrando muito ao mar. As restrições de atividades na faixa de areia obedecem dois períodos bem distintos na sua aplicação. Até 15 de junho os pescadores consideram que o peixe ainda está muito arisco e de passagem. Eles chamam esses peixes de *o peixe do cedo*, considerando que eles ainda estão nadando muito bem e com energia para continuar viagem. Nesse período qualquer barulho pode ser motivo para o peixe se assustar e seguir viagem, antes que os pescadores tenham a oportunidade da captura.

Depois vem o período com *o peixe do tarde*. Esses peixes chegam à praia após o dia 15 de junho e já estão mais cansados, querendo encontrar uma praia de buraco para ficar um tempo de descanso e alimentação para depois promover a viagem de retorno. Esse peixe é menos arisco e tem menor capacidade de reação. Portanto, os pescadores também podem afrouxar um pouco mais a vigília sobre as atividades na praia.

Quarta geração

No rancho de praia, sentado próximo à boca do fogão a lenha, encontramos o pescador Manoel José da Silva Neto de 75 anos de idade, bisneto de pescador e dono de rede. Manoel usava uma bengala bem peculiar, com o cabo feito em alumínio em formato de um bico de tucano (referência ao PSDB) e na madeira a inscrição: senador Leonel Pavan. Um presente que o conceituado político ofereceu ao seu eleitor e amigo Manoel Pescador.

Manoel não se espantou quando no dia anterior (06 de junho de 2012) o seu grupo capturou 730 tainhas em apenas um lanço. Sem medo de ver sua história ser enquadrada como *estória de pescador* Seu Manoel nos contou que ouviu relato de que há 70 anos, na Praia da Conceição, os pescadores liderados por um tal de Florêncio capturaram em apenas um lanço de rede mais de 60 mil tainhas.

Mas, suas previsões não são otimistas. Seu Manoel e um grupo de pescadores experientes garantem que a pesca da tainha na praia tende a se acabar por simples falta do pescado. Ele destaca que no dia 08 de junho de 2012 a canoa que praticava a pesca da tainha no primeiro ponto ao lado Sul da Praia do Mariscal saiu para o cerco obtendo somente a captura de 15 tainhas. Para Seu Manoel esse lance minguido está longe de ser um caso isolado e parece ser a realidade a conviver a partir de agora como consequência direta da pesca intensiva praticada pela frota pesqueira industrial. Os barcos cercam todos os cardumes já na saída da Lagoa dos Patos e do Rio da Prata. Os pequenos cardumes que chegam às praias de Santa Catarina são indivíduos que

conseguiram pular a rede e fugir ao cerco ou subdivisão de cardumes cercados pelos próprios barcos, ou seja: só chegam às praias de Santa Catarina as *pontas* dos cardumes.

O cerco

A canoa Boa Viagem é colocada mais próxima da franja d'água por volta das seis horas da manhã, sendo recolhida por volta das cinco horas da tarde. A pesca ocorre entre 15 de maio e 15 de julho de forma ininterrupta, não importando se é final de semana ou feriado; se o dia está com chuva, frio, vento, maré alta ... mar grosso. Não existe obstáculo para os pescadores da tainha. Nem mesmo a constatação de que após um mês de espera a maioria das canoas que opera nas praias do Município de Bombinhas ainda não teve a oportunidade de fazer um bom lanço na temporada de pesca. Nada de desânimo. Amanhã poderá ser o dia do maior lanço da história de Bombinhas.

Claro que tudo isso depende de alguns fatores climáticos, como é o caso da temperatura da água e também do vento. Tem de dar um bom frio, *daqueles de mexer com os ossos* de quem está na praia. Mas também precisa soprar o vento certo. Os ventos servem de referência para a movimentação dos cardumes da seguinte maneira:

Vento Sul – o cardume segue na direção Norte

Vento Oeste – o cardume segue para fora da costa. É o conhecido *terral*.

Vento Sudoeste – o cardume segue para a costa

Vento Leste – o cardume segue para a costa *indo lá em cima do combro*, ou seja: entra na praia o máximo possível. A conhecida *lestada* vem de mar aberto.

Segundo os pescadores a tainha é um dos peixes mais bobos que existe. Talvez porque a espécie está acostumada a viver em águas muito paradas e quase sem nenhum predador durante dez meses do ano. Também não é preciso isca para pegar tainha, porque em via de regra o peixe não precisa se alimentar para cumprir seu ciclo de procriação em mar aberto. Ele deixa a Lagoa dos Patos com gordura suficiente para cumprir seu ciclo migratório. Busca apenas o melhor local para operacionalizar a procriação para depois retornar à Lagoa de origem. Sobre a alimentação e todo o ciclo reprodutivo da tainha ainda tem muito estudo em andamento com pouquíssimas conclusões e nenhum consenso pelas partes envolvidas na discussão.

O ideal é que toda a equipe esteja pronta para reagir em questões de minutos ao aviso do vigia. O *atalaia* avisa o proprietário do barco Alexandre João de Mello por rádio. Ele mobiliza toda a equipe para empurrar a Boa Viagem para dentro d'água. A ponta do *pau-de-cabo* fica em mãos de um camarada em terra. Todo cuidado é

dispensado para não deixar uma onda virar a canoa ou tirar de bordo os apetrechos. A tripulação pula para dentro da canoa com água pela cintura. Começa a remar. Cerca de cinquenta metros a frente acaba a corda e começa a ser lançada ao mar a primeira parte da rede (manga). Na hora que o patrão de pesca considera que o cardume foi ultrapassado inicia a mudança de rota da embarcação para fechar o cerco. Geralmente o início do lanço de rede e a curvatura do cerco são orientados pelo vigia com pano em mãos.

Depois que a ponta do outro *pau-de-corda* chega às mãos de um camarada que está em terra firme imediatamente os ajudantes e turistas começam a puxar a rede. Os próprios tripulantes deixam a canoa em lugar seguro na praia e ajudam a recolher a extensa e pesada rede. Turistas e *locais* já estão na praia esperando para fotografar os peixes se debatendo na rede. Enquanto alguns camaradas começam imediatamente a recolher novamente a rede para colocá-la na canoa, outros fazem dois montes com o pescado iniciando a partilha.

O peixe do dono da canoa/rede/rancho é recolhido pela peixaria junto com algumas cotas dos pescadores. O restante é comercializado ali mesmo na praia ou levado em balaies, sacolas plásticas e até carrinhos de mão. Em menos de duas horas não há mais vestígio na areia da praia de que ocorreu um arrastão. Tudo está de volta à sua origem e nova espera se inicia. Voltemos ao dominó e à prosa jogada fora. Para o vigia, contudo, resta a companhia ininterrupta e intensa do vento frio que canta ao passar pela vegetação da morraria.

2 - A PESCA EM PARCERIA COM BOTOS

Existem muitas modalidades de pesca da tainha sendo praticadas no litoral de Santa Catarina, mas de longe o arrastão de praia e a pesca de tarrafa com parceria de botos são as pescarias mais elogiadas pelos turistas e pelos meios de comunicação. Elas são tradicionais e enchem os olhos de quem as acompanha. Apesar das duas trazerem muita emoção àquelas pessoas que acompanham a pescaria, a pesca de arrastão dá à pessoa comum a oportunidade única de participar diretamente de uma parte principal da atividade que é puxar a rede até o combro da praia. Já na pesca de tarrafa com a parceria dos botos a atividade dos visitantes se resume a olhar e fotografar a beleza do sincronismo entre a chegada do boto e a abertura da tarrafa.

O único lugar do Brasil onde ocorre a pesca da tainha com tarrafa contando com a parceria de botos é na Barra da Laguna. O fenômeno de cooperação entre botos e pescadores é tão raro no mundo que Laguna já recebeu a visita de inúmeras equipes de jornalistas internacionais, incluindo uma emissora de televisão do Japão e a conceituada equipe de documentários da BBC inglesa. Essa pesca cooperativa entre boto e ser humano constitui uma tradição catarinense que encanta o mundo e que temos relatos já no início do século XX. João dos Santos Areão, por exemplo, descreveu essa modalidade de pesca na região do litoral próximo à Laguna em artigo intitulado “A pesca com bôto” publicado no “Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore” no ano de 1949.

“Quando o boto surge a uma certa distância, sempre em direção à barra, conduzindo o peixe, fato reconhecido pelo nervosismo com que aflora e novamente se aprofunda n'água, respirando forte e espargindo borrifos pelas narinas, os pescadores se alinham na praia e acompanham-no na sua perseguição. Os peixes perseguidos não têm outro recurso senão procurar o baixio, onde o boto não pode chegar. Este, porém, sente o momento de fazer a *batida* que nada mais é, senão, um avanço rápido, tomando a dianteira do peixe e, em seguida, imprime um movimento circular envolvente e com a cauda levanta o lodo do fundo do mar, toldando a água.

O objetivo do boto na *batida* é desnortear o rumo do peixe e com o remoinho provocado, obriga-o a uma parada momentânea, tempo suficiente para apanhá-lo. É nessa ocasião que se ouve o *chuáa*...das tarrafas atiradas quase ao mesmo tempo, esperando as sobras do boto.” [pag 09]

João Areão também nos dá um relato sobre o tradicional costume local de colocar nomes nos botos parceiros de pescaria:

“Eis como se processa a pescaria: os botos criados dentro da baía vão, aos poucos, tomando contato com os pescadores, chegando mesmo a serem reconhecidos pelo nome, como canivete, miguel, bota-cega, galha cortada, etc... Desse contínuo contato eles vão se amestrando e perdendo o medo que a princípio manifestam ter. [...]”. [ibidem, pag. 12]

Estivemos na Barra da Laguna no inverno de 2014. Chegamos ao *pesqueiro* conhecido como *Tesoura* antes do sol nascer. Quando o sol começou a aparecer no horizonte, em dia de muito frio com vento forte soprando nordeste, já tinha se formado a tradicional fila de pescadores. O *Tesoura* é um dos *pesqueiros* mais populares da região e por isso mesmo é o favorito de cerca de 120 pescadores. Como o local só permite que cerca de quinze pescadores joguem a tarrafa ao mesmo tempo, existe uma fila organizada informalmente pelos próprios frequentadores do local de sorte que a fila anda quando um pescador consegue fazer lanço de pelo menos duas tainhas. Quando isso ocorre o primeiro da fila toma o seu posto na bancada que fica de frente para o Canal da Barra e o pescador que pegou as tainhas ocupa lugar no final da fila.

Passamos um dia inteiro acompanhando a pesca de tarrafa de Marcos Tomé Barroso [40 anos] e Evilásio Soares Fernandes [54 anos]. O dia não rendeu muitas tainhas para esses pescadores acostumados a fazer lanços inacreditáveis. O maior lanço que presenciamos naquele dia foi de apenas seis tainhas. Mas, todos os pescadores do local dão testemunhos de lanços superiores a 200 tainhas. Há consenso entre o grupo de que o maior lanço de tainha ocorrido no *pesqueiro Tesoura* foi o realizado no ano de 2010 por Barroso e que colocou dentro de uma tarrafa de 26 *braças* nada menos do que 297 tainhas.

O tamanho das tarrafas utilizadas pelos pescadores do local já pode estranhar muitos pescadores amadores do litoral catarinense. Afinal, aqui mesmo na Região de Itajaí é comum encontrarmos tarrafas com medidas bem mais modestas, portando entre 12 e 16 *braças*, enquanto no *Tesoura* é comum encontrarmos tarrafas de argola portando entre 24 e 27 *braças*. Precisa muita força nos braços e experiência para fazer abrir uma tarrafa dessas. Mas dificilmente eles erram o alvo e a pesca sempre está garantida na Barra de Laguna, até mesmo para os *perninhas moles*, que são os pescadores menos experientes e produtivos do grupo.

Percebemos que na pesca de parceria a sincronia entre o boto e o pescador é fundamental. Assim que o boto *imbica* em direção às banquetas dos pescadores, eles ficam com a tarrafa em posição arrumada, esperando o momento certo para jogá-la.

Tem de saber exatamente quando jogar a tarrafa porque senão pode cercar um boto e aí os prejuízos são certos e, até mesmo, com risco de vida já que os botos tem uma força muito maior que o homem e podem arrastar o pescador para o fundo do canal. Barroso nos conta que já errou uma tarrafada e cercou um boto-fêmea e seu filhote. A tarrafa sofreu prejuízo total e o boto praticamente saiu ileso do breve incidente.

Segundo estudos feitos por pesquisadores da UDESC e UFSC o complexo de lagoas existente na região pode abrigar atualmente cerca de cinquenta botos residentes. Desse total cerca de vinte são qualificados pelos pescadores como *botos bons* e trinta *botos ruins*. Entre os *botos bons* os pescadores destacam pelo menos catorze que são muito bons, ou seja, cooperam em todas as ocasiões com a pesca do ser humano. O *boto ruim* prefere não cooperar e pescar sozinho ou em companhia de seus filhotes e fêmea. Geralmente eles ficam pescando nas águas mais profundas e evitam a aproximação com os seres humanos que estão em cima de banquetas esperando o empurra da tainha para as águas rasas.

A interação entre homem e boto é tão perfeita que em nenhum momento vimos um boto sequer se assustar com o barulho da tarrafa batendo na água. Eles ficam tranquilos o tempo todo, indo até o fundo do canal empurrar o peixe para a parte rasa onde está o pescador e tentando pegar o seu quinhão da pescaria quando a tainha fica sem saída, já que está entre o boto e o pescador. Assim como eles não se assustam com o barulho das tarrafas, também não se incomodam com a algazarra promovida por pescadores e turistas que frequentam o local. Aqui, ao contrário dos demais locais onde participamos da pesca da tainha, não é exigido silêncio. Muito pelo contrário, é comum ouvir pescadores falando alto o nome de um boto, chamando o parceiro para a pescaria.

Isso mesmo: todos os *botos bons* tem nomes próprios. Alguns possuem até mesmo nomes de pessoas, como é o caso de Jucelino, Figueiredo, Dolores e Tafarel. As diversas gerações de *botos bons* receberam nomes que podem ajudar a reconstituir suas próprias histórias de vida, como é o caso do Chinelo, Lata, Galha Torta, Eletrônico, Canivete, Tanguinha, Mandala, Porquinho, Caroba, Chega Mais ... Geralmente os pescadores mais experientes do local reconhecem o boto por sua galhada ou alguma marca que se torna visível quando ele salta para fora d'água. Alguns botos são tão especiais e cooperativos que os pescadores os reconhecem ao longe, quando estão chegando no *Tesoura*, só pelo seu riscado na água.

Qualquer dúvida sobre a cooperação entre boto e pescador se dissipa quando estamos diante do fato de que os *botos bons* sempre se movimentam de sorte a empurrar

o cardume de tainha para a margem esquerda da Barra de Laguna, justamente o local onde estão os pescadores. Durante todo o dia que estivemos no local não vimos um movimento de um *boto bom* tentando empurrar a tainha para a margem contrária ou até mesmo para dentro ou fora do canal da Barra. O movimento é sempre no sentido de colocar a tainha nas águas rasas do pesqueiro.

Uma das cenas mais emocionantes para os visitantes é assistir a pesca promovida pelo boto-fêmea tendo ao lado seu filhote. A fêmea cerca o cardume de tainha nas águas profundas do Canal da Barra e enxota-o para as águas rasas onde estão os pescadores. O filhote imita a sua mãe em tudo e aprende a ser um *boto bom* parceiro dos seres humanos na pesca da tainha. Assim, essa modalidade de pesca é tradicional para todos os envolvidos, porque nela temos envolvidas diversas gerações de homens e botos.

3 - A PESCA INDUSTRIAL EM MAR ABERTO

A pesca industrial tem forte tradição no Estado de Santa Catarina e utiliza o porto de Itajaí como sua principal base operacional. A pesca da tainha representa entre um e três por cento do total capturado pela frota industrial com registro junto ao Sindipi – Sindicato dos Armadores e das Indústrias da Pesca de Itajaí e Região. Não é pouco pescado. Entre os anos de 2000 e 2014 foram capturados aproximadamente 37.450.884 quilos de tainha. Em 2007 a frota apresentou o maior desempenho do século com a captura de 6.396.590 quilos de tainha.

Por conta desse desempenho da frota industrial é que ouvimos com certa regularidade os pescadores artesanais culparem os “barcos grandes” pela escassez da tainha nas praias catarinenses nos últimos anos. Nos ranchos de praia ouvimos com maior frequência duas queixas dos pescadores artesanais sobre a pesca promovida pela frota industrial: o cerco do cardume imediatamente após sua saída da Lagoa dos Patos e Foz do Rio do Prata; e a pesca ilegal em águas costeiras.

Do lado dos pescadores e armadores industriais as queixas não são menores. Sobram reclamações para todos os lados, principalmente quanto à política adotada pelo governo federal para regulamentar a pesca da tainha e estabelecer seu período de captura. Afinal, a tainha é uma das espécies com o maior período de *defeso* regular anual. Fica praticamente o ano inteiro protegida e por isso é comum ouvimos relatos de pescadores que dizem ver com regularidade, nos meses de julho e agosto, passar gigantescos cardumes de tainha ao lado do barco em alto mar sem poder capturá-los porque já terminou o período oficial da pesca.

Para o presidente do Sitrapesca – Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas de Pesca de Santa Catarina – Manoel Xavier de Maria [Manequinha] – não procedem as reclamações dos pescadores artesanais sobre pesca irregular por parte da frota industrial principalmente porque nos dias atuais todas as embarcações são monitoradas por satélite pelos órgãos governamentais. Já faz uns três anos que a fiscalização realmente ficou rigorosa e não tem como pescar em área proibida, portanto não existe essa possibilidade de pescar próximo à costa ou na saída das lagoas.

Ele avalia que não está faltando peixe e muito menos a espécie está sofrendo esforço de pesca demasiado “podíamos estar mantendo um nível de captura próximo de quatro a seis mil toneladas por safra tranquilamente sem por em risco a preservação da

espécie. Isso é apenas uma questão política, porque pesquisa para valer sobre a tainha não existe. Os estudiosos da tainha aplicam o termo PRECAUÇÃO para justificar as restrições aplicadas à frota industrial e as autoridades acabam se convencendo de que isso é o melhor para todo mundo. É só precaução, não tem ciência.”

Segundo Manequinha “Enquanto as autoridades restringem ao máximo a pesca da tainha por parte da frota industrial, liberam a captura da espécie o ano inteiro para pescadores amadores e artesanais nas águas internas e costeiras. Os artesanais pescam o ano inteiro nas lagoas, baías, costões, enseadas, rios.... Pescam o ano todo. Aqui mesmo no Rio Itajaí pesca-se tainha o ano inteiro sem que haja qualquer tipo de fiscalização.”

Para Manequinha o defeso pode continuar como atualmente, mantendo 45 dias entre maio e junho. Mas, no lugar de conceder licença de pesca para apenas sessenta embarcações [metade da frota de traineiras] o ideal seria estabelecer uma cota de captura para cada embarcação. Ele sugere que essa cota fique próxima de 250 toneladas. “Assim não discrimina ninguém, não comete injustiça com ninguém por que todo mundo pode pegar o seu quinhão e ao mesmo tempo preservar a espécie. Com a cota não precisa estabelecer o corredor de cinco milhas [litoral de Santa Catarina ao Espírito Santo] e dez milhas [litoral do Rio Grande do Sul].”

Conforme cálculos que promoveu sobre as temporadas de 2013/2014 o esforço de pesca artesanal/amadora já foi superior ao da pesca industrial. “A soma de redes e embarcações dos artesanais já é maior que o esforço da pesca industrial, limitada em sessenta embarcações traineiras por temporada. A estrutura artesanal pescou muito mais que a industrial nos últimos anos porque já possui barcos com tecnologia para atuar nas dez milhas ou até mais longe. Os barcos dos artesanais já estão equipados com malha de cerco e tecnologias idênticas aos barcos industriais. Mas o pessoal acaba olhando apenas para a canoa da praia como sendo pesca artesanal e se esquecem de ver o barco que está promovendo cerco de cardume no mar aberto. Muitos que olham da praia pensam que os barcos grandes que estão cercando próximo à costa pertencem à frota industrial, mas estão licenciados como artesanal, podendo capturar nas cinco milhas próximas à costa.”

Por último Manequinha argumenta que a política governamental que visa preservar a pesca artesanal não está levando em consideração que praticamente não existe mais pescador nos ranchos de praia. “Hoje a grande maioria que está pescando tainha na praia não é pescador ou nunca foi pescador. São aposentados de outras áreas, desempregados, trabalhadores em gozo de férias, trabalhadores avulsos da construção

civil e muitas outras atividades que estão sendo recrutados para compor a camaradagem. Está cada vez mais raro ver a camaradagem integrada por gerações de avô-pai-filho-neto de pescadores autênticos. Essa tradição está acabando rapidamente com as novas gerações buscando alternativas de renda.”

Eros Aristeu Martins é filho de pescador e pescador profissional. No barco de pesca atuou por dezessete anos como tripulante e segundo maquinista. Tem 55 anos de idade e atualmente está na direção do Sitrapesca. Portanto, é uma pessoa muito bem informada sobre a pesca profissional e, se tem um tema que possui posicionamento firme, esse assunto é a pesca da tainha e seu defeso. Para ele “se o defeso servisse para alguma coisa era para nós estarmos pegando mais peixe a cada ano. Mas, na prática, o que estamos constatando é justamente o contrário disso. Então os números não estão justificando as medidas até agora adotadas visando a proteção da espécie e sua reprodução.”

“Eles não sabem o que estão fazendo. Estão às cegas” garante Eros sobre os órgãos responsáveis pelas determinações que limitam a captura da tainha em mar aberto. “A captura vem diminuindo de forma acentuada e só tivemos uma grande safra em 2007 por que ocorreu grande enchente na região do Rio do Prata e jogou toda a tainha para o nosso litoral. Depois disso só tivemos safras ruins, apesar do defeso da espécie e legislação cada vez mais rigorosa.”

Eros lembra muito bem das diversas vezes que embarcou em Itajaí e ficou no barco fundeado na localidade de Graxa, no litoral do Rio Grande, esperando bater o vento sul que origina a corrida da tainha. Os barcos pequenos que operam dentro da Lagoa dos Patos acompanham o curso da tainha até a barra do rio e dali em diante começam a operar os barcos da frota industrial. É ali que ele presenciou um caso muito interessante ocorrido com a traineira “Edson Mateus” em 2006:

“Logo na saída da barra do Rio Grande, ainda entre as boias que sinalizam o canal de acesso ao porto para os grandes navios cargueiros, a traineira de Itajaí cercou um grande cardume com aproximadamente duzentas toneladas de tainha. Acontece que antes da tripulação conseguir recolher o peixe passou um navio cargueiro por cima da rede. Além de não embarcar uma tainha a rede ficou muito danificada precisando de mais de uma semana para o conserto.”

Obviamente que a pesca industrial atualmente conta com tecnologia embarcada que facilita muito a localização do pescado. Mas nem sempre foi assim. No tempo de antes os pescadores mais experientes na pesca de mar aberto procuravam por dois sinais

bem fortes da presença de um cardume: o mergulho de grande quantidade de aves [atobá, gaivota...] e o próprio pulo da tainha. O salto você vê de longe, mesmo quando está batendo um vento sul ou nordeste moderado. Mas, tem um problema, na pesca visual não dá de pescar no “claro”, período em que a claridade da lua é tão intensa que dificulta visualizar o salto do peixe e o reflexo de seu dorso. Por conta desse detalhe os barcos saem para a pesca sempre no ciclo lunar que os pescadores chamam de “escuro”.

Outro problema diz respeito à falta de bons pontos de “embate” no litoral do Rio Grande para a proteção da embarcação em tempo de mar grosso. Já no litoral de Santa Catarina existem muitas ilhas, além dos portos de Laguna e Imbituba. O barco que usa o gelo como sistema de conservação do pescado tem restrição de tempo para ficar em mar aberto. No máximo em seis dias, mesmo conservado em gelo, o pescado tem de ser descarregado sob risco de perder consistência e, por conta disso, preço de mercado. Em casos extremos pode até estragar a carne e ficar completamente inutilizada para consumo humano porque ela não é congelada, apenas resfriada.

Não bastassem as dificuldades naturais enfrentadas pelos pescadores eles ainda têm de lutar contra os muitos obstáculos interpostos pela legislação rigorosa e os custos sempre crescentes na manutenção da embarcação e dos apetrechos de pesca, além de despesas com rancho, combustível e gelo. Um barco gasta cerca de R\$ 120 mil para pescar tainha e só sai do vermelho após a captura de trinta toneladas. O Sitrapesca estima que das sessenta traineiras que receberam licença para pescar tainha na safra de 2014 trinta delas não capturaram esse volume de pescado, portanto encerraram a safra no vermelho. Como os barcos também trabalham no sistema de quinhão, a exemplo do que ocorre com a pesca artesanal de arrastão nas praias, o prejuízo é socializado entre toda a equipe. O pescador não desembolsa dinheiro, mas tem sua cota de prejuízo anotada e transferida para o próximo “escuro” [já na volta à pesca da sardinha].

O sistema de quinhão nos barcos industriais funciona assim: primeiro é feita a contabilidade dos custos com a viagem, com o valor sendo retirado antes da distribuição das cotas que cada um tem direito. O sistema de cota pode comportar divisão entre cinquenta e oitenta partes, conforme acordo anterior estabelecido entre o dono do barco e o proeiro. Quem passa a integrar a tripulação de um barco já sabe de antemão qual a sua parte no resultado final da pescaria, portanto, é pegar ou largar.

Supondo que uma traineira estabeleceu previamente a divisão de cota em cinquenta partes a distribuição geralmente ocorre na seguinte proporção:

Proprietário do barco/rede - 25 partes

Mestre/proeiro – dez partes [um pescador]

Motorista – quatro partes [um pescador]

Cozinheiro – duas partes [um pescador]

Caiqueiros – duas partes [dois pescadores]

Gelador/chumbeiro – duas partes [quatro pescadores]

Corticeiro – duas partes [um pescador]

Contramestre – duas partes [um pescador]

Tripulante – uma parte [sete pescadores]

Pode ocorrer de uma embarcação contar com os serviços de um mestre e um proeiro, assim como de geladores e chumbeiros distintamente. Neste caso, é usual o proeiro manter dez partes e o mestre receber entre duas e três partes. Geralmente os geladores recebem duas partes e os chumbeiros outras duas partes.

O **mestre** é o responsável legal pela embarcação e tudo o que ocorre durante a pescaria. É pessoa de confiança do proeiro e por isso usualmente é indicado por ele. O **proeiro** é o gerente, o administrador da pescaria. É ele que toma as principais decisões, inclusive sobre o local de pescaria. O **caiqueiro** exerce a atividade mais arriscada na pesca da tainha. Ele fica embarcado no caique que serve de ponto fixo no mar. Uma ponta da rede é segura pelo caiqueiro enquanto o barco promove o cerco do cardume. A corda inicial da rede é transferida do caique para dentro do barco e fecha-se o cerco.

O corticeiro e o chumbeiro são responsáveis por preparar a rede para o lanço. O corticeiro arruma a parte de cima da tralha contendo as boias; o chumbeiro arruma a parte de baixo da tralha contendo os pesos. O cozinheiro cuida da alimentação do grupo. O gelador deposita o peixe capturado no porão do barco entre camadas sucessivas de gelo. O tripulante faz serviços gerais.

CAPÍTULO II

HISTÓRIAS DE PESCADOR: DEPOIMENTOS

*Na areia, as ondas
molham os pés
descalços do pescador
que puxa a rede*

*Oh! Há rumores no mar
que hoje vai ter tainha*

[Amanda Bonatti]

JOAQUIM SILVA – QUINCA

Encontramos Seu Quinca sentado em um pequeno banco de cimento que faz frente a uma mesa também de cimento, construídos pela municipalidade de Itajaí debaixo de uma goiabeira, no Parque Náutico Odílio Garcia – Boca da Barra do Rio Itajaí-Mirim. Esperava outros dois companheiros para jogar sua tradicional partidinha de dominó do domingo a tarde. Era o dia primeiro de junho de 2014, um domingo que ameaçava chuva. Sobre a pesca da tainha no Rio Itajaí Seu Quinca nos diz:

“Daqui pra cima existiam cerca de uns dez portos de retirada de areia do rio que forneciam esse material para as empresas de construção do Itajaí. Como eu trabalhava justamente retirando areia do rio, eu sabia exatamente quando chegava o peixe e onde ele se alojava. Antigamente essa região era completamente escura, nas duas margens do rio. No lado de Navegantes era mato e bambuzal a perder de vista. No lado do Itajaí tínhamos praticamente somente as empresas petroleiras [Esso, Shell, Atlantic, Ipiranga, Texaco, Heliogas e Liquigas].

Essa escuridão total era muito boa para a pescaria com fisga. No início nós pescávamos de *bateras* com as *pombocas* de querosene. Muito depois apareceu o *cilibrim* com bateria de carro e até de caminhão. A luz da *pomboca* atraía o peixe e a gente fisgava um por um. Como a luz do *cilibrim* era muito mais forte, muitas vezes jogávamos o facho bem em cima do cardume para os peixes ficarem sem ação, desnorteados. Era tanto peixe que tínhamos a oportunidade de escolher qual fisgar e não era rara a vez que vinha duas tainhas fisgadas ao mesmo tempo.

A *fisga* tinha de cinco a oito dentes e era feita artesanalmente por ferreiros da região sob encomenda dos pescadores. Antes de sair de casa a gente limava as pontas da fisga e dava uma caprichada na envergadura dos dois espetos centrais, sendo que eles tinham direções opostas, quase como uma *garateia*, justamente para fisgar bem o peixe. Assim era difícil ele escapar, mesmo se batendo muito e dando aquelas suas tradicionais rabeadas.

Antigamente a pesca da tainha começava mais cedo, em abril. Bastava começar a esfriar um pouquinho e a turma corria para o rio. O peixe aparecia em grandes cardumes rio acima. Mas tinha dois tipos de tainha. A do tipo *pirizeira* ou *facão*, de

costado preto, era criada dentro do Rio Itajaí e quase ninguém a pescava porque tinha gosto de lodo e até de óleo. A preferida era a *tainha de corso*, de costado amarelo, que subia o rio a partir de abril. Quando apareciam os cardumes que vinham do Sul em sucessivas levas migratórios essa região de Cordeiros-Barra do Rio parecia uma cidade de tantas lanternas.

A técnica de pescar tainha ia sendo ensinada nas conversas entre amigos e aparentados. A fisga sempre ficava por trás da luz da pomboca ou do cilibrim para não assustar o cardume com sombras. Pelo mesmo motivo exigia-se total silêncio dentro d'água. Eram apenas duas pessoas por batera – uma ficava somente no remo de popa e a outra ia em pé na proa, com o cilibrim em uma mão e a fisga em outra. O remador tinha de ser de confiança e experiente porque qualquer movimentação mais brusca da batera poderia levar o pescador para dentro d'água.

Eu tenho 83 anos e pelo que me lembro sempre teve a pesca da tainha aqui em Cordeiros. A pesca acontece nesse local desde sempre.”

[Entrevista concedida no dia 01 de junho de 2014]

ARLINDO FERNANDES HANSEN

Arlindo tem 62 anos e pode ser considerado uma pessoa apaixonada por pescaria desde o seu tempo de juventude quando acompanhava membros da família Nolli pelo litoral da Foz do Rio Itajaí. Quando começou a pescar sozinho, não dispensava a companhia de uma velha garrafa de café e uma porção generosa de *bananinha recheada* para o lanche da madrugada. Sobre a pesca da tainha diz:

“A gente andava por tudo isso atrás da tainha: Porto Belo, Bombinhas, Barra Velha, Balneário Camboriú. Não tinha lugar bom ou ruim, nem chuva, vento ou frio. Eu comecei a pescar com a família Nolli aos 17 anos de idade. Gostavam muito de pescar de fisga e me levavam para remar pra eles. O remador tinha muita importância na pescaria de fisga porque o pescador ficava na proa, de pé, completamente solto. Daí, qualquer bobeira do remador e lá ia o pescador com fisca e cilibrim pra dentro d’água. Outro ponto importante era a técnica de remar com cuidado extremo e sem fazer barulho. Por isso a gente apoiava o remo em nossas pernas e não na borda da batera ou canoa.

A fisga geralmente tinha cinco farpas. Para nós era a ideal, porque não era muito pequena como as de três pontas, nem muito grande como as oito pontas, muito utilizadas de antigamente. Além do melhor desempenho na pescaria a fisga de cinco pontas estragava menos o peixe. Se bem que isso dependia também da perícia do pescador. Eu fazia de tudo para acertar somente na cabeça, deixando a carne da tainha intacta.

Quarenta anos atrás o cardume encostava ali na Barra. Com o crescimento da cidade as margens do Rio Itajaí ficaram muito iluminadas e isso fez com que o peixe deixasse de adentrar a barra e fosse rio acima. Sempre foi proibido pescar tainha de fisga e tarrafa. A fiscalização era dura com os pescadores amadores e o fiscal mais temido pela turma era o Seu Ludovino da Sudepe. Ele botava todo mundo pra correr na região de Penha a Porto Belo. Quando ele pegava o pessoal pescando recolhia toda a tralha de pesca. Eu mesmo tive de comparecer diversas vezes na Delegacia da Pesca, ali ao lado da Sul Atlântico de Pesca [Avenida Ministro Victor Konder] para pagar a multa e tentar recuperar meus apetrechos recolhidos pelo Seu Ludovino na noite anterior.

Apesar da proibição muita gente gostava de pescar tainha na fisga e na tarrafa. No início tinha mais gente na pesca da fisga porque era mais barata. Fazer uma tarrafa não era tarefa fácil devido ao preço do material utilizado e a técnica exigida. A pesca era feita sempre de madrugada. Aqui em Cordeiros tinha muito peixe. Enchi balaies e balaies pescando com os Nolli ali onde hoje é o Parque Náutico na Reinaldo Schmithausen e até no Rio Itajaí-Mirim.

Tinha dois tipos de tainha: a primeira era aquela criada dentro do próprio Rio Itajaí que a gente chamava de *tainhota* ou *parati de cara amarela* e, a *tainha de temporada* que vinha de fora da barra. A tainhota tinha gosto de óleo e lodo, enquanto a *tainha de fora* era deliciosa. Conheci pescador que pegava tainhota o ano inteiro nos nossos rios. Cada um com seu gosto. Agora, era tanta tainha que a gente escolhia que peixe fisgar. Eu, particularmente, sempre evitei pegar tainha em desova e tainhota. Cheguei a pegar tainha de quatro quilos no Rio Itajaí.

Lembro muito bem de uma pescaria que fiz em 2004 ali na Barra do Rio Itajaí. Atravessei com minha batera para o lado de Navegantes para tentar a sorte em umas daquelas entradas do Molhe da Barra. Em um determinado momento fui surpreendido por um cardume que cercou minha embarcação e deixou a água completamente escura. Era tanta tainha que eu não sabia onde atirar a fisga porque sempre aparecia uma tainha ainda maior e mais brilhante. Quando eu jogava a fisga o cardume se espalhava e lá ia eu novamente atrás dos peixes para mais um lance de fisga. O peixe sempre encostava mais na margem de Navegantes porque era mais escuro, mais sem movimento e barulho. Até a década de oitenta fiz muitas pescarias de ter que vir embora mais cedo porque a batera estava cheia e ao passar um barco de pesca de maior porte a marola colocava em risco a minha segurança e da embarcação.

Um dia eu estava pescando de fisga no Saco da Fazenda quando vi uma tainha nadando de lado. Naquele tempo o Saco da Fazenda não era dragado e tinha muitos bancos de areia e lodo. Espetei a fisga nela e recolhi para dentro do barco. Foi aí que percebi que ela estava com uma garateia grande na barrigueira pelo lado de fora. Provavelmente era uma tainha que lutou muito para escapar da linha de um pescador de costão e veio dar no Saco da Fazenda onde terminou sem forças para continuar nadando. Em outra pescaria encontramos um cardume tão grande, tão grande, que na hora que jogamos a fisga elas se assustaram e duas pularam para dentro da batera indo de encontro ao peito do remador. Foi um susto danado que quase me colocou dentro d'água.

Os meus avós encostavam a batera no *pirizal* que existia em abundância nas margens do Rio Itajaí-Mirim e *chaqualhavam* a planta. O peixe era tanto que muitas vezes eles, assustados, pulavam dentro da batera. Isso há cem anos. Agora nem tem mais *piri* nas margens do Rio Itajaí-Mirim. Acabou tudo pelas construções e também porque se retirou muito *piri* para fazer esteiras e até balaios e chapéus.

Eu vi gente pescando tainha de todas as maneiras possíveis. No Gravatá, por exemplo, era comum o pessoal colocar uma grande rede ao redor da pedra e depois subir na pedra e fazer o máximo de barulho possível para o peixe se assustar e correr direto para as redes de espera. Esse tipo de pescaria era incompatível com a pesca de fisga, porque na primeira usava-se o barulho como estratégia; na segunda, o silêncio era essencial. Lá nos costões do Morro do Farol e Morro do Morcêgo eu vi o pessoal pescando com garateia sem isca. Jogava a garateia em cima do cardume e dava um puxão bem rápido antes que a linha descesse, pegando o peixe de qualquer jeito, por qualquer parte do corpo. Tinha noite de se trazer dez tainhas. Bastava o cardume encostar no costão, o que quase sempre ocorria no período noturno.

Também vi o pessoal pescar no Rio Itajaí com caniço de bambu. Eles colocavam uma rolha [que fazia o papel de boia] e usavam como isca a *massinha de pão velho* ou até mesmo a *tripa de charuto*. Esse tipo de pescaria era mais para a tainhota que tinha o rio como seu *habitat* natural e por isso também era menos arisca.

[Entrevista concedida no dia 01 de junho de 2014]

NELSON ROBLEDO FILHO

Nelson é fotógrafo profissional e pescador nas horas de folga. Costuma pescar regularmente nos costões existentes no litoral de Penha a Taquaras [Balneário Camboriú], sendo seus pesqueiros preferidos os costões dos morros do Farol e Morcego [Itajaí]. Pesca tainha com garateia há trinta anos, ofício que aprendeu com seu vizinho Waldir Rosa, que o pratica há quase cinquenta anos. Ele mesmo fabrica suas garateias especiais. Compra anzóis grandes [entre dez e quinze centímetros], amarra três deles com arame, envolve suas hastes com pedaço de alumínio retirado da latinha de cerveja ou refrigerante, enche o recipiente com chumbo derretido. Está feita a garateia artesanal para pescar tainha nos costões.

Ele costuma sair de casa por volta das 6 horas da manhã não tendo hora certa para voltar para casa. Quando está “dando peixe” chega a ficar o dia inteiro no costão, tal é seu gosto por pescaria - isso só é possível porque pega férias do trabalho na safra tainha. Leva consigo uma boa quantidade de linha de nylon setenta [bem grossa], uma vara de bambu de quatro metros, bota sete-léguas cano curto, corda para fazer a tradicional fieira, carretilha e binóculos.

Sua estratégia de pescaria consiste em ficar em um local mais alto de onde possa ver toda a extensão do mar defronte ao costão. Vigia o mar com o binóculos e quando encontra sinais de peixe, desce até o costão e começa a pescaria da tainha. Joga a garateia com força suficiente para que a mesma ultrapasse um pouco o cardume, deixa-a descer entre um metro e um metro e meio, e dá um forte puxão com a carretilha já devidamente travada.

Nelson garante que capturou cerca de 28 tainhas na safra de 2014, considerando-a “muito fraca” já que em 2010 chegou a capturar 135 tainhas. Segundo seu entendimento, a tainha chegou muito mais cedo ao litoral catarinense em 2014 “no começo de maio ela já tinha passado pelas nossas praias”.

OLINDINO MIGUEL

Olindino é natural de Itapema e chegou à Praia de Camboriú [depois Balneário Camboriú] com 15 anos de idade. Ele fez parte da camaradagem do rancho do Manoel Germano Corrêa e do seu filho Germano Corrêa. Sobre a pesca da tainha diz:

“Eu vim de Itapema para pescar na Barra do Rio Camboriú com o Antenor na lancha a remo. Naquele tempo dava muito peixe. Hoje em dia não dá mais nada se comparado com antigamente. A tainha acabou pra nós aqui da praia. Agora a tainha é só para os barcos da pesca industrial que esperam a tainha na boca da barra. [Lagoa dos Patos]. Mas o início disso tudo foi a pesca do camarão no litoral do Rio de Janeiro ao Rio Grande, porque acabaram com o alimento natural dos grandes cardumes. Ninguém respeita mais nada.

Naquele tempo antigo o Mané Germano fazia muita rede com fio de algodão, barbante e só muito depois com nylon. Fazíamos tarrafa de fibra de ticum e gravatá [curtida por mais de um mês]. Era um tempo sem turistas e até sem estradas. Tudo era feito pela areia da praia.

A “Onça” foi a maior canoa que pescou em Balneário Camboriú. Tinha 1,80m de boca por mais de dez metros de comprimento. O pau da figueira que o Mané Germano usou para fazer a “Onça” foi tirado do mato pra cima da Toca da Onça no Itajaí. E eu assisti aquele episódio triste quando o Mané Germano vendeu a canoa para dois homens que vieram do Rio Grande. Eles chegaram na praia, dentro de bons ternos, e pediram pra ele colocar preço na canoa. O Mané Germano disse que não estava vendendo a canoa mas que aceitava quarenta mil réis. Os homens não contaram até três e puxaram a *dinheirama* dos bolsos. Quando viu que os homens não estavam jogando conversa fora e que palavra empenhada não se volta atrás, Mané Germano baixou os olhos, pegou o dinheiro e foi pra casa triste. Foram dez homens para conseguir colocar a canoa dentro de um caminhão que já estava devidamente escondido em uma rua transversal esperando se concretizar a compra da canoa.

A figueira tirada no mato da Toca da Onça era tão grande que com a ponta dela o Mané Germano fez uma nova canoa pra ele. Essa segunda canoa ainda está pescando tainha na Praia de Taquaras. Foi com essa segunda canoa que o Germano pegou aqueles dois grandes lanços de tainha na Praia Central nos anos 70.”

[Entrevista concedida a 22 de junho de 2014]

MOACIR CORRÊA - CI

“Ci” ou “Toureiro” - como Moacir Corrêa era conhecido no Canto da lagoa - barra sul de Balneário Camboriú – demonstra preservar uma memória invejável quando o assunto é pesca da tainha. Aos 61 anos de idade ele gosta de lembrar-se dos bons tempos da pesca de praia, atividade que não abandonou apesar dos seus inúmeros compromissos como empresário. Dos antigos pescadores da praia ele lembra de Protásio Boaventura Caetano [Dido], Manoel Germano Corrêa e Germano Corrêa, Bibiano Venâncio dos Santos [Nim] e Mané Venâncio dos Santos, Lázaro Antônio dos Santos [Lazo], Manoel Amaro Fonseca [Maroca], Almerindo Caldeira, Irineu dos Santos [Nena do Ludo], Ludo, Joé Boaventura [Zé Ventura], Olímpio da Silva, Manoel Miguel [Neneco], Olindino Miguel, Ari de Souza [Bango], Abel da Silva, José da Silva [Zé Pernelongo] e Gonga. Sobre a pesca da tainha diz:

“Quando eu era pequeno eu tinha a responsabilidade de cuidar de um bezerro. Então eu trazia ele para a beira da praia e ficava cuidando dele ali, mantendo um olho no bezerro outro na pescaria. Por isso ganhei logo cedo o apelido de Toureiro. Desse tempo lembro bem que o pessoal muitas vezes fazia sua comida ali mesmo na areia da praia. Fazia uma fogueira na areia, depois, por cima da brasa colocava aipim, batata-doce e o *parati cara-amarela*, que era um peixe muito abundante na nossa praia, com o pessoal da pesca da tarrafa chegando a pegar duzentos a trezentos peixes por pescaria.

Ainda quando criança fazia rede de cipó para matar filhote de parati na Prainha da Lagoa do Canto da Praia. [hoje Canal do Marambaia]. Até hoje é muito comum encontrar no local grande quantidade de *tainha pisada*, que é a tainha que fica machucada durante o curso por conta dos seus predadores naturais [como o cação e boto] ou ao tentar escapar das redes dos barcos da pesca industrial em mar aberto.

Quando chegava o inverno todo mundo deixava o que estava fazendo para ficar na pesca da tainha. Era o acontecimento do ano para nós.”

[Entrevista concedida no dia no dia 23 de julho de 2014]

ISAUQUE DE BORBA CORRÊA

Isaque de Borba Corrêa é um memorialista que gosta de contar a história e estórias ocorridas nos municípios de Camboriú e Balneário Camboriú. Neto de Manoel Germano Corrêa e filho de Germano Corrêa – dois pioneiros da pesca de praia na região cultuados como lendas pelos pescadores da praia – Isaque é dono de uma memória privilegiada quando o assunto é pescaria de praia. Sobre a pesca da tainha diz:

“Meu avô Mané Germano fez o primeiro rancho de praia por volta de 1901/1902. No início tinha um rancho na Prainha e depois um rancho no início da Praia Central ao lado da Lagoa do Canto [bem perto do atual Hotel Marambaia]. Ele construiu a famosa canoa “Onça” com um pau de garupuvu retirado das matas da localidade da Toca da Onça no Itajaí. O pau era tão grande que ele ainda fez outra canoa menor com o que sobrou da primeira.

Nos dias de hoje as pescarias estão muito facilitadas por conta das novas tecnologias e materiais. Dois exemplos evidenciam essa mudança: o primeiro é a rede. Antigamente a rede era feita de fibra natural do ticum, gravatá, entre outras plantas nativas. Por volta de 1925 apareceu o barbante de algodão, o fio de pneu e, por último, o nylon; o segundo exemplo de mudança grande que ocorreu na pesca de praia foi no setor de comunicação. Antes o vigia ficava no morro e quando avistava uma malha usava um pano, muitas vezes seu próprio paletó, para fazer os sinais de orientação para os camaradas que estavam na praia e embarcados. Era uma coleção de sinais previamente combinados que fornecia aos embarcados informações precisas sobre a localização do cardume de sorte a cercá-lo com precisão. Só com as novas tecnologias foi possível confeccionar redes de arrasto com estrutura suficientemente forte para *guentar* o peso do cardume. Por isso, antes a pesca da tainha era feita com rede de espera, tresmalhão e caceio.

Eu estava na praia no dia 23 de maio de 1972 quando ocorreu o maior lanço de tainha de Balneário Camboriú. Tem gente falando em trinta mil tainhas, tem gente falando em trinta toneladas. A verdade é que virou um verdadeiro formigueiro. Muita gente se aproveitou da confusão e acabou levando tainha pra casa antes que o Germano e seu pessoal pudesse fazer a contagem oficial. Até o peixe referência da contagem - aquele pequeno que vai para dentro do balaio a cada centena de peixe contado – foi furtado. Só sei que o lote maior foi vendido para um tal de Ayres do Itajaí.

Foram duas canoas e duas redes casadas que fizeram o cerco naquele dia histórico para a Praia de Camboriú. Os primeiros a avistarem o cardume foram o João Linhares dos Santos [Kiko] e Vilson Xavier. As canoas casadas foram a “Onça” do Germano e outra do Bibiano Venâncio dos Santos (Seu Nim). Então, diante da dinheirama que estava entrando no bolso do meu pai por conta da venda de tainha avulsa eu tive de ir em casa buscar um saco. Enchemos de dinheiro um saco de aveia do projeto americano “Aliança para o Progresso” ainda na praia. Lembro que eu fazia as atividades de apoio ao meu pai que ficava o dia inteiro na beira do mar. Naquele dia, por exemplo, fui em casa buscar o almoço dele e também no bar comprar a sua cerveja preferida – a Malzebier – pra lubrificar sua garganta, pois ele falava muito durante o cerco.

Foi uma pescaria de manhã inteira. Como não conseguiram puxar a rede até a parte seca da praia, porque ela bateu em um banco de areia e corria o risco de arrebentar, começaram a tirar o peixe ainda dentro d’água com balaies e picarés. Todo mundo diz que “não saltô” uma fora das redes de tão bem que foi o trabalho da camaradagem. Meu pai ficou muito bem de vida depois daquele lanço, a ponto de comprar um automóvel Itamaraty 1971, verde metálico, do Seu João Simas de Itajaí. O lanço foi tão bonito que mereceu destaque na imprensa nacional, incluindo o *Jornal Nacional* com o Cid Moreira dando a notícia.

Até aquele momento a pesca da tainha ainda não tinha recebido destaque na imprensa regional ou nacional. A partir do espaço conseguido na Globo em nível nacional é que os jornalistas de Santa Catarina começaram a voltar seus interesses para a atividade na beira da praia no inverno. Com a mídia veio o interesse do setor de turismo e lazer. Em seguida Florianópolis também começou a investir nessa atividade casada com turismo, cultura, lazer, culinária Então, o lanço histórico do Mané Germano foi um divisor de águas na pesca da tainha em Santa Catarina. Quem viu não esquece.”

[Entrevistas concedidas nos dias 20 e 28 de junho de 2014]

VENCESLAU XAVIER

O pescador artesanal Venceslau Xavier está na pesca há mais de quarenta anos. Nasceu em Blumenau e veio para Itajaí na adolescência sendo testemunha das mudanças ocorridas na pesca da região. Sobre a pesca da tainha diz:

“Pescamos tainha com canoa e rede de arrasto aqui na Praia de Cabeçadas até 1996. No início a preferência era pela pesca de arrasto na praia, mas aí começou a faltar pessoal disponível para ficar na beira da praia das seis da manhã às seis da noite. Muitos camaradas foram se aposentando, outros morreram, e a equipe não conseguiu se renovar por falta de interesse da nova geração. Em 1989 o Luiz João dos Santos, que era o patrão de pesca e proprietário da canoa “Esperança da Vida”, foi passar uma temporada de pesca no Rio Grande e trouxe a novidade da rede na modalidade de caça de malha [cerco - caceio]. Entre 1989 e 1996 ainda ficamos pescando nas duas modalidades. Até o dia de São Pedro, 29 de junho, pescávamos tainha pelo sistema de arrasto na praia e depois dessa data recolhíamos a canoa e íamos de bote para a pesca de caceio.

O peixe que capturávamos aqui em Cabeçadas era vendido na areia da praia para moradores e turistas, mas a maior quantidade sempre era vendida para os comerciantes do Mercado de Peixe de Itajaí, como acontece até hoje. O maior lanço de tainha que ocorreu aqui em Cabeçadas foi de 3.800 tainhas em 1982 ou 1983. O problema da pesca de arrasto é que o resultado depende do peixe chegar na praia, enquanto que na pesca de caça de malha a gente vai atrás do peixe. Então todo dia se captura um pouquinho e no final a produtividade é muito maior. Por isso o pessoal trocou a pesca de praia pela pesca em mar aberto.

Hoje eu pesco com o bote “Erimar” que possibilita a pesca entre a Ilha do Macuco [Bombinhas] e Barra Velha. Tem rede de seiscentos metros de comprimento por doze metros de altura. Tem comprimento de sete metros e meio, comportando tripulação de três homens. Geralmente a pesca inicia por volta das cinco horas da manhã e não tem hora pra acabar, dependendo do que se acha no mar. Mas dificilmente chegamos em casa antes das quatro horas da tarde. Já cercamos 860 tainhas na Praia Brava e 1280 tainhas no canto norte de Cabeçadas. Foram esses os cercos maiores que participei. Na safra de 2014 cercamos um pouco mais de mil tainhas no total, sendo que o maior cerco foi na Praia Brava, quando capturamos 112 tainhas. Foram lanços pequenos e frequentes durante toda a safra.

A canoa *Esperança de Vida* foi vendida para a família Mazzafferro que a colocou em exposição por um tempo no Iate Clube de Porto Belo. Atualmente ela integra o acervo do Museu de São Francisco do Sul. Era uma canoa grande, que enfrentava muito bem as ondas mais encorpadas aqui de Cabeçudas. Comportava uma tripulação de quatro remeiros e o patrão.”

[Entrevista concedida no dia 29 de julho de 2014]

JOSÉ DAMÁSIO ALEXANDRE

Zé Gregório tem 89 anos e lembra que está na pesca da tainha “toda vida, desde criança”. Ele pesca tainha com seus camaradas na Praia de Taquaras no litoral do Município de Balneário Camboriú e faz referência a pescadores antigos da região como Francisco Venício, Damasio Alexandre, Galdino Miranda, Domingos Euflorzino. Sobre a pesca da tainha diz:

“Demos um lanço muito bom na Praia de Taquarinhas no ano de 1976. Acho que chegou a passar de doze mil tainhas. Também aqui na Praia de Taquaras demos um lanço de mais de vinte mil tainhas no ano de 2008 com a canoa “Bia”. Foi no dia catorze de maio e a praia ficou coberta de peixe. A “Bia” é uma canoa forte que enfrenta mar brabo, vai mar adentro sem qualquer problema. Todo pescador sonha em ter uma canoa como ela.

Eu particularmente não acredito que a tainha vá acabar. Mas tem muita rede de caça e malha próxima ao costão prejudicando a pesca de praia. A fiscalização apareceu somente uma vez esse ano aqui na região, colheu algumas redes clandestinas *de espera* e nunca mais apareceu. Está uma vergonha.”

[Entrevista concedida a 23 de junho de 2014]

MANOEL PEREIRA FILHO

Maneca tem 59 anos e é natural do litoral do Mato de Camboriú [Estaleiro] e pesca tainha há cerca de doze anos na Praia de Laranjeiras como patrão da rede. Começou ajudando familiares na pesca aos onze anos de idade e lembra de pescadores antigos da região como Agenor, João Gracindo, Ricardo, Sabino, Reinaldo, Pedro Bernardino e Cidinho. Sobre a pesca da tainha diz:

“A canoa mais antiga aqui da praia é a “Yara I” que agora está encostada ali no rancho. A “Princesa” original [agora tem uma canoa de fibra com o mesmo nome] foi levada para a Praia do Estaleiro. Um ano bom de safra da tainha aqui na praia foi 1960 quando em dois lanços foram capturadas cerca de 60 mil tainhas. Depois a tainha sumiu por um tempo. De 2004 pra cá o ano que deu um pouco mais de tainha foi 2014 quando tivemos um lanço de 5.150 tainhas.

Em 2013 tivemos azar em um grande lanço. Era para pegar trinta mil tainhas fácil, fácil. Porque da *marisqueira* em direção à praia a tainha era um *saltiu* só. Na hora que avistamos a tainha não tinha camaradagem na praia e mesmo assim ainda conseguimos cercar 2.500 peixes.”

[Entrevista concedida a 23 de junho de 2014]

ISIDORO JOSÉ DA SILVA

Isidoro tem 64 anos de idade e pesca nas praias da região desde 1979. Mas desde 1956 pescou nas praias da Ilha de Santa Catarina, principalmente em Santo Antônio da Lisboa e Sambaqui. Ele lembra que antigamente as praias da região tinham outros nomes. Estaleiro, Estaleirinho e a atual Praia da Ilhota recebiam o nome de Praia do Mato de Camboriú e a atual Praia do Plaza era chamada de Praia da Ilhota. Agora praticamente acabou o nome Mato de Camboriú e as praias ficaram com os nomes Estaleiro, Estaleirinho, Praia da Ilhota e Praia do Plaza respectivamente.

Isidoro lembra-se de pescadores antigos da região como Laurentino Pinheiro, Pedro Cunha [Bernardo], Velho Ambrósio, Adelar Vieira, Velho Doca, Nico Sabino, Nino Sabino, Valdevi e Genésio. Sobre a pesca da tainha diz:

“No ano de 1976 fizemos um grande cerco que chegou a estourar a rede. Mesmo assim conseguimos trazer pra praia mais de duas mil tainhas. Como aqui na Praia da Ilhota nós temos um bom remanso, o local também é conhecido como Porto do Mato de Camboriú, com os pescadores artesanais fazendo sua base. Aqui na Praia da Ilhota trabalhamos mais nas pescas de *caceio* e *espera*, por isso temos uma frota com dezoito bateras e botes. A canoa quase não é usada aqui por conta das condições de mar e pouca faixa de areia.

A pesca indiscriminada de algumas espécies teve consequência direta na quantidade da tainha que bate na praia. A pesca industrial feita pelos barcos grandes, por exemplo, praticamente acabou com o cação de grande porte [mangona, tintureira, cabeça chata, martelo, galha preta...]. Esses peixes são os predadores naturais da tainha e responsáveis por perseguir o cardume da tainha em mar aberto forçando-o a bater na praia. Então o cação, o boto, o tubarão são aliados dos pescadores de praia, porque empurram o cardume pra cá.

A pesca com *tresmalhão*, a famosa rede *feiticeira*, é proibida justamente porque dela não escapa nada. Ela trabalha com três panos combinados, sendo que o malhão cerca um pano fino, miudeiro, que pega desde peixe miúdo como o canguá até tartaruga e tubarão. Nos dias de hoje está se diminuindo a quantidade de peixe capturado, o tamanho do peixe e também o tamanho da malha da rede. Por isso mesmo tem de ter fiscalização. Senão, será o fim da pesca em nosso litoral.”

[Entrevista concedida a 23 de junho de 2014]

VÂNIO AVELINO DA SILVA

Vânio tem 60 anos de idade e é natural de Porto Belo. Pesca na Praia Central com batera e uma pequena *rede de espera* que geralmente posiciona entre o trapiche e a Ilha João Cunha, conhecida como Ilha de Porto Belo, na Enseada das Garoupas. Sobre a pesca da tainha com rede de espera diz:

“A gente deixa a rede em ponto fixo e pega a batera para dar diversas olhadas durante o dia. Geralmente eu vejo a rede às cinco horas da manhã e às seis horas da tarde, mas tem dia que chego a ir quatro vezes até a rede para dar uma espiada se tem peixe. Em cada visita que faço à rede costumo trazer entre quatro e seis tainhas, às vezes mais, às vezes menos, mas nunca venho com a batera vazia e as mãos abanando.

O problema aqui em Porto Belo é que tem muita rede de espera próximas ao costão prejudicando a passagem do peixe pela enseada. Tem noites que é fácil avistar quase dez redes de espera por aqui. Outro problema sério para nós é o siri. Tem muito siri, e dos grandes, que cortam com muita facilidade a rede. Então, temos de viver recolhendo a rede para fazer a manutenção. Isso nos faz perder muito tempo de pescaria.

Sobre boas pescarias na Praia de Porto Belo lembro de uma vez quando o meu irmão pegou ali próximo ao Costão da Vieira uma *tainha-maranhão* de oito quilos. Era uma tainha curta e grossa que parecia um *rolo*.

Antigamente tinha muita canoa aqui na região, mas praticamente elas foram desativadas e abandonadas em ranchos ou levadas para outras praias da região. Na Praia do Estaleiro [Ponta do Araçá] chegou a ter dois ou três ranchos com até quatro canoas. Agora aqui na Praia de Porto Belo tem três canoas próximas ao estaleiro que estão guardadas no rancho, mas completamente fora de atividade. Mesmo porque atualmente tem tanta embarcação *fundeada* na enseada que fica difícil alguém conseguir arrastar uma rede, por menor que ela seja.”

[Entrevista concedida a 23 de junho de 2014]

CLAUDIR CARLOS PINHEIRO

Claudir é vigia da pesca da tainha na Praia da Sepultura [antiga Praia da Baixada] em Bombinhas. Ele aprendeu ser vigia com seu pai – Carlos Adrião Pinheiro [Seu Naro] dono de rancho e canoa. Geralmente fica na Ponta das Palmeiras [também conhecida como Ponta do Zarling]. Ele acompanha a pesca da tainha desde os dez anos de idade e garante que o bom vigia tem de ter boa visão e experiência para saber diferenciar o cardume da tainha dos cardumes de outros peixes, principalmente o cardume da manjuva. Sobre a pesca da tainha diz:

“Hoje a minha maior preocupação não é com a falta da tainha, mas com a falta de pessoal para atuar na pescaria. Muitos pescadores e filhos de pescadores aproveitam o bom momento da economia para conseguir empregos fixos, com maior estabilidade para a família. O sujeito não pode ficar dois meses à beira da praia sem receber nada esperando o cardume. Além disso alguns reclamam que a atividade é um pouco ociosa, porque podem ficar catorze a dezoito horas na praia sem fazer nada. Então, não está ocorrendo uma renovação na turma de pesca. O conhecimento não está seguindo adiante, passando de pai para filho, ou de camarada a camarada. Está cada vez mais difícil arrumar um bom remador ou alguém que conserte bem a rede.

Os bons lanços da tainha aqui na Praia da Sepultura foram: 43 mil tainhas no ano de 1949; doze mil no ano de 1974 e seis mil tainhas no ano de 1986.”

[Entrevista concedida no dia 21 de junho de 2014]

CARLOS ADRIÃO PINHEIRO - NARO

Seu Naro é proprietário de terras, rancho e canoas na Praia da Sepultura, onde mantém um verdadeiro museu sobre a pesca artesanal no Município de Bombinhas. Aos 89 anos nos surpreendeu subindo com extrema facilidade o costão entre Sepultura e Lagoinha para mostrar a taipa construída pela escravaria do Major Mafra [1800] ainda existente em toda a região. Comprou sua primeira canoa aos doze anos de idade e não parou mais de pescar. Na pesca fez coisas que os jovens de hoje tem muita dificuldade para compreender e até mesmo de acreditar. Por exemplo, pescava com os amigos na região da Praia da Sepultura [então Município de Porto Belo], escalavam o pescado e depois remavam por sete horas até Itajaí de onde seguiam rebocados pelo vapor Blumenau até Itoupava Seca, onde comercializavam todo o produto.

A testemunha dessas aventuras seu Naro guarda no rancho de praia, é a *baleeira* Alta, feita nos Zimbros. Ele acordava as três horas da madrugada para arrastar camarão que iria servir de isca nos espinheis [corda com até seiscentos anzóis] que jogava ao mar “pra fora da Ilha do Arvoredo” visando a pescaria de corvina, cação e aguaria [hoje chamada de mistura ou misturinha]. “Tudo isso no braço. Só tínhamos o remo e chegávamos a passar por fora das ilhas, quase em Florianópolis. A vela também ajudava um pouco, mas nem sempre era possível contar com ela.” Sobre a pesca da tainha diz:

“O melhor ano da pesca de arrasto da tainha foi 1949. Até hoje quando alguém aqui da região diz que nasceu em 49 acrescenta que nasceu na *safra rica*. Só em um lance nós tiramos aqui na Sepultura cerca de 43 mil tainhas. Entre treze de maio e seis de agosto estimamos a safra daquele ano em um milhão e duzentas mil tainhas aqui na Região de Bombinhas. Por isso que a pesca da tainha mexe tanto com as pessoas, porque temos muitos peixes e muitas histórias de pescarias, mas nenhuma delas tem tanta história interessante como a pesca de arrasto na praia.

A canoa mais antiga que temos aqui nos ranchos da Sepultura é a *Aventureira*. Ela foi comprada pelo Major Manoel Mafra nos idos de 1800 e trazida pelo pescador Laurentino Pinheiro. Foi feita de um pau de canela garuva, tem cerca de 8 metros e 260 braças de rede. Ela é bem conservada, apesar de seus quase dois séculos de história, porque tudo que é bem guardado dura. Cuidando dela vai durar muito tempo ainda.

Tudo era mais difícil no antigamente. No tempo que eu me criei na pesca se fazia rede a luz de pomboca. O centro da rede [copo] era feito de fibra de ticum. O

ticum tinha menos rendimento mas era mais forte e conservava melhor no molhado, não apodrecia com a facilidade de outras fibras. A fibra de gravatá era mais fraca e era usada na tralha e em cabos de puxar. Fazíamos também corda de fibra tirada do *imbirussu* que tinha uma casca com fibras em duas camadas. Outra espécie usada na confecção de cordas era a *embaúva*. Aproveitávamos apenas o lado do sol nascente para fazer uma corda chamada de *beta*. A fibra do lado da sombra [lado da árvore virada para a mata] não tinha o mesmo rendimento, era muito mais fraca e por isso era desprezada pelos bons conhecedores da arte de fazer corda para a pesca. Levei muita mordida de formiga da *embaúva*.

Aqui na Sepultura antes a gente usava o *rolo* feito com pau de garapuvu ou *canemassu* para movimentar as canoas entre o rancho e o mar. O *rolo* corria por dois paus grandes de coqueiros que chamávamos de *val* formando a *carreira*. Depois trocamos o *rolo* pela *estiva* porque percebemos que tínhamos melhor controle sobre a direção e velocidade da canoa.

Sobre a tainha posso garantir que o cardume dá seus sinais ao vigia: pula [*salteia*]; deixa uma sombra na água, uma mancha; vira de barrigueira deixando uma mancha prateada na linha d'água; coloca o rabo para fora e mexe [*rabeia*, *galheia*]; nada com a cabeça e o dorso pra fora d'água como os botos [*boteia*]. O bom vigia acompanha esses sinais oferecidos pelo cardume e tem a paciência e experiência para saber o momento certo de avisar seus camaradas na praia. Também tem a hora certa de se colocar a canoa n'água. Isso ocorre no *jajigo*, quando o mar dá um espaço maior que o comum entre as ondas com forte repuxo, ficando manso.

O barulho atrapalha a pescaria da tainha na praia. No tempo antigo a gente pedia, inclusive, para o pessoal parar com as batedeiras de fiar algodão. Como era todo mundo aparentado ou *cumpadre*, ficava fácil estabelecer a cultura do silêncio na safra da tainha. Nos dias de hoje deixamos o pessoal pescar com caniço e linha nos costões da Ponta das Palmeias e na Baixada, sem quaisquer problemas. Só pedimos para não usar boias luminosas e fazer apenas o barulho necessário à atividade.”

[Entrevista concedida no dia 21 de junho de 2014]

ANDRINO JOÃO NORBERTO

Andrino tem 64 anos de idade, é natural do Município de Bombinhas e pesca na Praia dos Ingleses [Retiro dos Padres] desde criança junto com familiares. Sobre a pesca da tainha diz:

“Naquela época não tinha tamanho para participar da pesca da tainha, por isso comecei muito cedo. Meu pai já pescava aqui na Praia dos Ingleses e também em Quatro Ilhas. No tempo das antigas teve lanço de trinta mil tainhas por aqui. Eu lembro-me de alguns bons arrastos na praia: catorze mil tainhas no ano de 1974; mais de vinte mil no dia 24 de junho do ano de 1989; onze mil em 1992 cercadas com apenas uma rede.

A tainha está acabando por causa da pesca industrial. Eles estão acabando com a tainha porque vão pegar o peixe na boca da barra da lagoa. Eu defendo a ideia de fazer um calendário de pesca com a proibição da pesca um ano sim outro não. Assim a tainha tem tempo suficiente para se reproduzir. No final ficam elas por elas, porque o que não se pega em um ano se pega em dobro no seguinte.

Outro problema sério que temos aqui na praia é o pessoal que costuma pescar peixe-espada nos costões com boias luminosas. Eles não respeitam a lei municipal que proíbe atividades desse tipo e não temos uma boa fiscalização. A luz e o barulho produzidos pelos pescadores amadores acabam afastando os cardumes da praia.”

[Entrevista concedida no dia 21 de junho de 2014]

SEU LUIZ

No dia 29 de maio de 2014 Seu Luiz estava no combro da Praia da Tainha conversando com seus camaradas quando recebeu comunicado dos vigias, por rádio, que um cardume estava na boca da enseada circulando entre as duas pontas sem entrar em direção à praia. Seu Luiz pediu para dois voluntários pegar um bote para ir até “lá fora” para bater com força na água com uma vara de bambu visando assustar a tainha e fazê-la entrar na enseada ao alcance das redes. O truque deu certo imediatamente e em meia hora todos estavam envolvidos em um lanço que rendeu mais de duas mil tainhas.

Seu Luiz é patrão de pesca e sobre a captura da tainha diz:

“Trabalho há 15 anos como patrão na Praia da Tainha e o maior lanço que participei foi no dia de Corpus Christi do ano de 2009 quando conseguimos cercar 9.400 tainhas.

Muitas pessoas não entendem o rigor que adotamos aqui na Praia da Tainha com relação ao uso da água na enseada e também da faixa de areia. Diante da nossa exigência de total silêncio alguns usuários de praias da região alegam que em muitas outras praias é permitido navegar, surfar e até pescar de vara com molinete ou jogar tarrafa à noite. Acontece que aqui a natureza é muito diferente do Mariscal, por exemplo. Lá a praia é *de banho* enquanto aqui é *praia de tombo*. A tainha vem bem perto da praia porque é funda, além da faixa de areia ser muito estreita. Então qualquer barulho faz o efeito de assustar e dispersar o cardume que estamos tentando cercar.

Também não deixamos o pessoal entrar na enseada durante a noite para pescar com cilibrim ou lanternas de mão porque, muitas vezes, ficamos guardando o cardume por um ou dois dias contra as pedras do costão. Então, se o pescador amador chega à noite com fisga, tarrafa ou feiticeira, acaba assustando o cardume e ele vai embora. Por isso temos dois vigias durante o dia, um em cada canto da enseada, e um vigia no período noturno.

No tempo antigo era comum ter rixas mais sérias entre o pessoal que praticava tipos diferenciados de pesca. Já chegamos a registrar aqui na região até uso de facão e revólver. Hoje o clima é mais calmo porque as pessoas já estão mais conscientes e aceitam a nossa tradição da pesca da tainha no período de maio a julho. Há um respeito com nossa tradição.”

[Entrevistas concedidas nos dias 15 e 29 de maio de 2014]

WALDIR CABRAL / TARSILA PINHEIRO CABRAL

Waldir Cabral e Tarsila Pinheiro Cabral são proprietários da única casa construída no combro da Praia da Tainha e possuem rancho com canoas que trabalham exclusivamente na pesca da tainha. O casal mora em Nova Trento mas gosta tanto da pescaria da tainha que se muda para a casa de praia durante a temporada de inverno para acompanhar de perto suas canoas cercando os cardumes. Sobre a pesca da tainha o casal diz:

“Aqui sempre deu muita tainha. Por isso mesmo foi a praia que ficou com o nome desse pescado. Em 2010 cercamos quase vinte mil tainhas, sendo dez mil em apenas um lanço. Em 2011 o total cercado foi superior a dez mil tainhas. Em 2012 cercamos algo em torno de três mil tainhas. Em 2013 cercamos cerca de doze mil tainhas. Já ouvimos relatos de pescadores mais velhos sobre o cerco de até cinquenta mil tainhas. Naquela época o principal problema dos pescadores era a comercialização e a retirada do pescado aqui da praia, principalmente por conta da morraria que a cerca.

Nos últimos dois anos [2012/13] o nosso pessoal recebeu o troféu de maior quantidade de peixe cercado no Município de Bombinhas. No ano de 2012 a safra foi tão pequena que recebemos o troféu oferecido pela Prefeitura Municipal apesar de termos capturado apenas três mil tainhas durante a temporada inteira.

Esse ano [2014] a tainha está vindo magra e isso tira um pouco o gosto do pescado, pelo menos aquele gosto mais forte que o pessoal está acostumado a experimentar. Em compensação já nos primeiros dias cercamos quase três mil tainhas, o que sinaliza para uma excelente safra em 2014.”

Tarsila foi a responsável por contar a tainha retirada das redes e levada para o combro da praia no dia 29 de maio de 2014. Foi um lanço de 1.644 tainhas. Ela usou um método tradicional de contar o pescado: separou um balaio e colocou diversos peixes pequenos ao seu lado, a cada centena de peixe contado ela jogava um peixe pequeno para dentro do balaio. No final foi só contar quantos peixes foram reservados no balaio e estava anunciado o resultado da boa pescaria.

[Entrevista concedida no dia 29 de maio de 2014]

JONECI SIMAS

Joneci Simas é um pescador experiente apesar de contar apenas com 55 anos de idade. Natural das praias Triste e Vermelha - no Costão de Zimbros onde seu avô cultivava café e praticava a pesca artesanal – ele está engajado na camaradagem da pesca da tainha há 24 anos, sendo doze anos na Praia da Conceição e doze anos na Praia da Tainha. Ele guarda a cultura da família no seu próprio linguajar. Usa expressões típicas como: *facão* ou *xingó* para qualificar a tainha-guia do cardume; *surriar* para designar o fenômeno do encalhe da chumbada da rede por baixo de um banco de areia. Sobre sua experiência na pesca da tainha diz:

“Tem tainha que vem dando o sinal, pulando na frente. É uma tainha cabeçuda e corpo fino, mais magra. É a tainha *facão* ou *xingó*. Só ela que pula. Ela mostra para o nosso vigia onde está o cardume e para onde ele está se movendo. Por isso a atividade de vigia precisa de muita concentração, porque as vezes o sinal é apenas um peixe pulando fora d’água. Nem sempre dá de ver a mancha escura na água por causa das nuvens. A tainha *facão* é uma tainha-macho. Por isso falamos: *Quando o xingó pula é um cardume por baixo*.

Eu cheguei a ver a pesca da tainha com rede feita com fios naturais de tincum e gravatá, com corda de embaúva.”

[Entrevista do dia 29 de maio de 2014]

QUINTINO RAULINO DE MELO

Seu Quintino tem 83 anos e “desde sempre” participa da pesca da tainha. Passou uma temporada de três anos pescando com o “Luiz Pescador” ali na estrada de Cabeçudas [Itajaí] e depois voltou às suas origens. Iniciou na pesca da tainha aos cinco anos de idade com seu pai que exercia a atividade de vigia. Com dez anos de idade avistou seu primeiro cardume de tainha sozinho e avisou aos camaradas na praia. Pensou ser um lanço para cercar trezentas tainhas e, não deu outra, foram cercadas 366 tainhas. “Calculei certo já na primeira” nos dizia com orgulho, tendo os cotovelos apoiados sobre a borda de uma canoa centenária. Sobre a pesca da tainha diz:

“Vi pelo menos dois lanços grandes, um de catorze mil e outro de dezessete mil tainhas. Pelo menos que me lembro foram os dois maiores lanços que fizeram aqui na Praia da Tainha. Quando ainda não tinha estrada para passar carro a praia era praticamente isolada por conta dos morros existentes na região. Nessa época antiga o pescado saía daqui através de um sistema bem primitivo. Dois pescadores colocavam balaios em uma vara e cada um colocava a ponta da vara no ombro. A dupla levava o peixe para o outro lado do morro. Da Baía de Zimbros o pescado seguia de barco para centros maiores, como Itajaí e Florianópolis, onde era devidamente comercializado.”

[Entrevista concedida no dia 29 de maio de 2014]

ZITOMAR FREITAS

Zito tem 55 anos de idade, é proprietário de embarcações de pesca na Praia das Pedras Brancas – Itajuba – Barra Velha. Sobre a pesca da tainha na região diz:

“Não tem mais pesca de tainha pelo sistema de arrastão de praia desde 2002 por aqui, principalmente por falta de pessoal. As leis também estão muito rígidas. Por outro lado, o Rio Itapocu joga muitos detritos no mar prejudicando o desempenho das redes. A maré chega a trazer pra cá até troncos inteiros de árvores. O maior lanço que vi por aqui foi feito no Meio da Praia das Pedras Brancas capturando mais de 4.500 tainhas no ano de dois mil.

Antigamente tínhamos duas redes na praia. Uma ficava no Pontal e outra na Barrinha do Rio Itajuba. Agora o pessoal prefere pescar com rede embarcada cercando o cardume dentro do mar com tecnologia muito parecida com a pesca de cerco das traineiras especializadas na captura de sardinha. A captura é menor em cada lanço, mas é possível promover maior quantidade de lanços o que no final dá bom resultado para o pescador. Em 2013 chegamos a pegar cerca de setecentas tainhas num cerco e um total de três mil tainhas na temporada. Agora em 2014 já conseguimos um total de trezentas tainhas em pequenos cercos.

[Entrevista concedida no dia 20 de junho de 2014]

MANOEL LAURENTINO ROSA

Maneca tem 59 anos, mora às margens da Lagoa do Imaruí e há 35 anos exerce a profissão rara de restaurador de canoa. Ele mantém uma pequena oficina aos fundos de sua casa na localidade de Prainha onde demora cerca de vinte dias para restaurar uma canoa. A maioria das embarcações que chega às suas mãos de artesão-carpinteiro são feitas de garapuvu, mas tem de canela, cedro e figueira.

A profissão de “carpinteiro de ribeira” está praticamente extinta. Até mesmo na região das lagoas tem apenas dois ou três carpinteiros com experiência suficiente para mexer nas embarcações. Por isso Maneca recebe canoas a serem restauradas de lugares diversos como Garopaba, Imbituba e Florianópolis. O último que saiu da atividade foi o Seu Moisés dos Santos que aos 75 anos de idade parou de fazer *canoas de verdade* para talhar pequenas canoas a serem comercializadas em lojas de artesanato da região.

Maneca é bastante econômico quando fala de sua atividade como restaurador de canoas. Ele nos recebeu em sua oficina e em nenhum momento parou de *falquejar* a madeira onde entalhava um novo *talhamar* para uma canoa que veio de Florianópolis para ser restaurada em sua oficina. Sobre sua atividade nos diz:

“A maior canoa que eu restaurei veio da Costa da Lagoa [Ilha de Santa Catarina], media 1,30m de boca e 9,60m de comprimento. São gastos no restauro de uma canoa o mesmo tempo que se usa para fazer uma nova. A atividade do restauro é mais complexa, mais complicada. Tudo tem de ser casado, peça por peça. Depois, só na pintura tem de se dar quatro demãos e mesmo assim nem sempre a tinta dá espelho.

Existem poucos restauradores e construtores de canoas em todo o litoral de Santa Catarina porque não está surgindo uma nova geração. Os pais não estão passando a tradição para os filhos e ninguém quer saber da profissão porque nos dias de hoje tem muitas outras atividades que rendem mais, principalmente aquelas que garantem ao trabalhador carteira assinada e mais estabilidade. Qualquer atividade com carteira assinada é mais atrativa para o jovem. Eu mesmo preferi dar estudo aos meus quatro filhos que colocar um *enxó* nas mãos deles. Não queria que eles seguissem essa profissão e foram estudar.”

[Entrevista concedida no dia 25 de junho de 2014]

JOÃO ESPÍDIO SERPA – JANGA

Janga tem 73 anos de idade, é proprietário de três canoas e já foi dono do ponto de canoa que abrangia toda a extensão da Praia de Mariscal. Atualmente divide o local com um ponto de pesca na Ponta Norte e outro na Ponta Sul, na Praia da Conceição. Sobre a pesca da tainha diz:

“Comecei na pesca da tainha aos doze anos de idade na Praia de Zimbros, porque antes também se fazia arrasto por lá com bons lanços. Há 42 anos que pesco na Praia de Mariscal e cheguei a ver um lanço com cerca de sessenta mil tainhas na Praia da Conceição em 1964. Foi o maior lanço que vi na minha vida. Aqui no Mariscal o maior lanço foi de 4.800 tainhas no ano de 2003.

A carne da tainha muda de gosto durante o curso [viagem migratória]. Eu trabalhei quatro safras na Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul, e posso garantir que não dava de comer a tainha pescada dentro da Lagoa. Tinha gosto doce. É muito diferente porque é criada no junco e aguapé. Fica igual a tainha que se cria junto às marisqueiras e suga essa sujeira, o lodo que gruda na casca do marisco. Esse gosto e cheiro vai pra carne do peixe. Por isso que a tainha que chega aqui é diferente, é muito mais saborosa.

Pouca gente conhece realmente como ocorre o ciclo reprodutivo da tainha. A tainha fica ovada entre abril e a primeira semana de julho. A partir daí ela expela a ova e coloca os pequenos grãos debaixo da escama. Na última semana do mês de julho em diante ela solta a criação no mar e começa a retornar em definitivo para o seu local de origem [Lagoa dos Patos, Rio da Prata ...]. Quando ela está com ova na escama perde muito da sua força, a ponto de não conseguir *malhar*. Por conta desse ciclo do peixe que considero que as autoridades deveriam repensar o período oficial da safra. No meu entendimento a safra deveria iniciar no dia primeiro de maio e finalizar no dia trinta de junho [atualmente a safra inicia no dia quinze de maio e finaliza no dia quinze de julho].

Também é interessante perceber que a tainha faz seu curso migratório dependendo da corrente que pega na saída da lagoa ou rio de origem. Esse ano, por exemplo, a tainha enganou muita gente experiente, porque iniciou o curso por fora, em mar aberto, e voltou pela costa. Por isso mesmo, esse ano, praticamente só pegamos cardumes na direção norte-sul.

Tão querendo fechar a pesca por quatro anos, mas esquecem de fiscalizar até mesmo dentro da Lagoa dos Patos. Se não acabar com a pesca dentro da lagoa o peixe

vai acabar. Todos matam peixe, do barco industrial à redinha feiticeira, mas o grande problema para a reprodução da tainha está na pesca generalizada que ocorre o ano inteiro dentro da Lagoa que pega o peixe grande e o peixe pequeno. Tem de preservar na origem.

Para se ter uma ideia do quanto uma canoa está valorizada nos dias de hoje a canoa pequena [Samaria] não custa menos de trinta mil reais. Mas as canoas maiores podem valer no mercado cerca de setenta mil reais com as redes e apetrechos. Isso se alguém quiser vender uma, o que é muito raro. Por isso está vindo para a região muitas canoas feitas no Sul para a pesca nas lagoas. Aqui elas são adaptadas, ganham bordadura e também mais largura. Por isso em 2008 eu tive de trazer uma canoa da Armação – Ilha de Santa Catarina.”

[Entrevista concedida no dia 30 de junho de 2014]

ELIAS MANOEL DA SILVA – DORO

Seu Doro tem 84 anos de idade e viveu muitos anos na região da Praia da Tainha quando ela ainda era chamada de *Praia de Fora* ou *Praia do Júlio*. Nasceu na localidade de *Aguada* na Baía de Zimbros. O local recebeu esse nome porque, naquela época, era ali que os pescadores faziam a limpeza dos seus barcos após a pescaria. Primeiramente ele recebeu de seus pais o nome de Eliodoro, de onde provém o apelido *Doro*. Mas sua primeira professora achou o nome muito cumprido e mudou para Elias. Quando pegou a sua certidão de nascimento no cartório a mudança estava consignada nos registros oficiais e assim ficou. Doro é um sobrevivente na arte de produzir e restaurar canoas na Região da Foz do Rio Itajaí. Sobre a pesca da tainha e a arte de fraquejar canoa diz:

“Meu pai era mestre de canoa. Quando ele morreu estava fazendo uma canoa para um pescador de Tijucas. Eu, particularmente só fiz duas canoas na minha vida, em seguida comecei a construir baleeiras porque era o que o pessoal queria para a pesca do camarão. Depois, em uma época que o camarão fracassou, com a atividade ficando muito restrita, eu deixei a construção de embarcações e comecei a construir casas. Mas também tive oportunidade de restaurar e ampliar algumas canoas. Uma coisa muito difícil de se fazer, porque tinha de mexer na estrutura da embarcação sem tirá-la do prumo.

Fazer uma canoa era algo muito complicado. Difícil mesmo. A começar por retirar o pau do mato. Depois tinha de dar uma limpada no tronco e escolher detalhadamente o ponto do tronco onde seria fraquejada a canoa. No início faz-se uns cortes para desenhar a canoa no tronco e com todo o cuidado vai se dando forma à embarcação com o enxó, sem pressa.

Acontece que faz tempo que está complicado arranjar um tronco que sirva para fazer uma boa canoa. Os paus que sobraram são muito finos e ainda tem a questão da autorização para o corte. Então passei para a construção de baleeiras. Cheguei a construir quase quarenta dessas embarcações. Mas a baleeira também deixou de ser procurada pelos pescadores que optaram por um novo tipo de embarcação: o bote. Acontece que no momento que a baleeira teve de receber motor percebeu-se que o hélice ficava acima da linha d'água fazendo com que a produção de puxar ficava prejudicada. Então o pessoal começou a construir bote, que tinha o hélice dentro d'água

conseguindo puxar melhor, aproveitando muito mais a produção de força do motor. Além da questão do motor a baleeira perdia muito espaço por conta do seu desenho afinado na proa e popa, enquanto o bote liberava mais espaço interno para rede e carga. Portanto, era muito mais produtivo para o pescador ter um bote que uma baleeira. A canoa não servia para mar de fora e a baleeira não era produtiva com motor. Essa é a história.

Quando eu era moço cheguei a participar de um lanço de dezessete mil tainhas . Foi no tempo do Getúlio e cada tainha foi vendida a quatrocentos réis. Naquele tempo o dinheiro tinha valor, não era como hoje que o dinheiro perde valor muito rápido. Eu tinha menos de quinze anos e lembro que o *caico* era chamado de bateirinha e a canoa pequena com menos de cinco metros de comprimento era chamada de *batelão*.”

[Entrevista concedida no dia 30 de junho de 2014]

JOSÉ OLÍMPIO FILHO

Seu Zequinha tem 64 anos e começou na pesca aos dez anos de idade ao lado do pai tirando água da canoa nas pescarias entre Bombas e as Ilhas das Galés, no tempo em que tudo era feito apenas à base de vela e remo. Por isso guarda em lugar destacado no rancho-de-praia a canoa Santa Rosa, sua parceira de muito trabalho e aventuras. A canoa também representa para ele a tradição da pesca que passa de pai para filho porque “ela é da família” e deve ter entre 120 e 130 anos. Sobre a pesca da tainha diz:

“Ali pelo ano de dois mil eu vi um lanço de 25 mil tainhas na Praia de Quatro Ilhas. Esse foi o maior lanço que acompanhei pessoalmente. O maior lanço que participei foi de seis mil tainhas aqui em Bombas em 2001.

Eu não considero que está diminuindo a quantidade de peixe a cada ano. É que antes se pescava tainha cem metros praia adentro e hoje cercamos até oitocentos metros, porque temos redes, como da canoa “Padroeira”, com 730 braças. Antes só vinha manta e hoje o peixe já vem dividido em pequenos cardumes por causa da ação em mar aberto das traineiras [pesca industrial] e caça de malha [pesca artesanal com barco a motor]. Mas ninguém deve se enganar sobre essa questão da safra, porque naquele tempo também se passou miséria com safras ruins de peixe. Tanto é verdade que na hora do quinhão às vezes tínhamos de instituir o **isqueiro**, que era cortar o peixe em duas partes de sorte a todo mundo poder levar um peixinho para casa e matar a fome da família.

Realmente o número de pessoas que se dedicam à pesca da tainha vem diminuindo. No tempo do meu pai ele tinha apenas uma rede e vinham procurar lugar para pescar quase trinta pescadores. O pessoal fazia farinha de mandioca até abril como reserva de alimento e vinha tranquilo para a pesca porque o pirão com o peixe estava garantido para toda a família. Acontece também que no tempo do meu pai não tinha final de mês. A gente sabia que trocava de mês, mas não chegavam as prestações para se pagar na data certa. Tinha a venda para tirar o fiado na caderneta e se pagava na medida possível em até cinquenta dias. O mais pobre que teve problemas na safra da tainha acabava indo para o mato rachar lenha e assim ter uma renda extra para cobrir a conta da venda. Era trabalho duro, mas muito menos complicado e sem pressão.

Hoje eu tenho cinco redes e só consigo formar uma camaradagem de no máximo quinze pescadores. A gente se preocupa com isso porque está em jogo a manutenção de uma tradição muito linda de nosso povo. O que acontece é que está sobrando cada vez

menos tainha para chegar à praia porque a traineira pesca após as cinco milhas, o bote com motor da pesca artesanal pesca após os oitocentos metros e a canoa entre a praia e oitocentos metros. Mas a tecnologia de pesca oferece um ganho muito grande para quem está lá fora pescando. Se uma traineira ou bote cerca com **rede de anilha** um cardume de quarenta mil tainhas, vai embarcar quarenta mil tainhas porque dificilmente o peixe escapa do **copo** da rede. Agora, se um bote com caça de malha cercar o mesmo cardume é capaz de trazer no máximo dez mil tainhas, porque o restante do cardume escapa por cima e por debaixo da rede.

Então a pesca ficou mais desfavorável ainda para o pescador de praia, porque a tecnologia aumentou muito para quem está no mar aberto e o cardume chega dividido à praia. Por isso eu defendo uma legislação mais facilitada para a pesca de arrastão de praia. Ela deveria ser liberada a partir de abril e deixar seu final livre, por decisão do pescador que está na praia. O fechamento da temporada para nós aqui dificilmente vai passar de junho, porque chegando o dia de São Pedro [29 de junho] pode fazer a conta e ir embora da praia.

Mesmo porque a pesca depende muito do tempo, principalmente vento. O vento sul toca o peixe pra fora da Lagoa dos Patos. Dizem os antigos que a última corrida do peixe se dá na lua nova de maio. Quando bate o vento sul bem forte isso é bom para o pescador de praia porque ajuda a tirar o peixe da Lagoa mas o mar mexido não permite a pesca industrial, então o peixe tem maiores chances de bater na praia. Muitas vezes o peixe está próximo da praia mas não encosta, não chega perto o suficiente para o lanço, então o vento sueste ou leste/sueste pode arribar o cardume, empurrando ele em direção à costa.

O vento minuano também ajuda a tirar o peixe de dentro da Lagoa dos Patos. O vento terral é bom para a pesca porque esfria o tempo e o mar fica liso, muito calmo o que ajuda na hora de colocar a rede e canoa dentro d'água, e fica mais fácil para o vigia ver o cardume chegando. O vento ruim para a pesca é o vento leste. Quando ocorre a lestada é hora de fechar a porta. O mar engrossa, não dá de colocar a canoa n'água, muda a corrente, puxa o peixe pra fora da praia. O vento leste aqui é brabo. Mas vale lembrar que o vento bom ou ruim depende muito da posição geográfica de cada praia.”

[Entrevista concedida a cinco de agosto de 2014]

DULCECLÉA MARCOLINO DA SILVA

Dulce tem 63 anos e passou sua infância no Sertão do Trombudo, interior do Município de Porto Belo. Sobre a tainha ela recorda como o pescado chegava com dificuldade ao interior transportada em carroças e servia como prato principal em até três refeições diárias:

“Eu lembro que o pessoal enchia a carroça de laranjas [principalmente a tangerina], batata doce, aipim e um pouco de puxa-puxa para ir trocar nas praias de Porto Belo e Itapema por peixe. A carroça passava pela estrada geral e meu pai comprava dois ou três balaies de tainha, mas em outras épocas do ano também comprava corvina, arraia, bagre, cação e muita sardinha-mole.

A gente espalhava um pouco de banha de porco sobre a chapa do fogão a lenha e fritava o peixe ali mesmo. Ficava uma delícia. Às vezes colocávamos a tainha ou outro peixe qualquer em um gradeado de arame com bambu próximo à brasa do fogão a lenha afastando alguns aros da chapa.

Quando a carroça do peixe passava era trabalho para horas a fio. Íamos para a margem do rio que passava atrás da nossa casa para limpar o pescado. Escalava a tainha pelas costas, salgava bem e colocava sobre uma armação de bambu gradeada na parte de cima. Ali a tainha ficava de três a quatro dias [dependendo da intensidade do sol] recebendo a fumaça de folhas verdes que queimávamos na parte de baixo do varal. A fumaça ajudava a defumar a carne do pescado e também espantava as moscas e outros bichos indesejáveis.

Naquela época todo mundo comia peixe com pirão de farinha três vezes ao dia. Então o peixe era consumido rapidamente porque era o principal prato até mesmo de manhã. A carne de gado era mais para dia de festa, e a carne da criação [porco e galinha] era deixada de lado um pouco porque o pessoal gostava mesmo era de peixe. E olha que naquela época meu pai caçava com os amigos nos finais de semana. Embrenhava no mato na sexta e voltava no domingo, com amigos vindos de Blumenau e Camboriú. Então era comum comer carne de tatu, paca, veado e até gambá.

Quando a carroça deixou de ir buscar o pescado no litoral meu pai chegou ir a pé lá em Itapema buscar peixe. Trazia nas costas. Saía de manhã e voltava no final da tarde. Depois começou a ir de bicicleta. Todo sacrifício era recompensado pelo gosto de comer tainha.”

[Entrevista concedida no dia 29 de julho de 2014]

CAPÍTULO III

HISTÓRIAS DE PESCADOR: LITERATURA

*dia será de ir a praia
entrar no mar
e se fartar de peixes*

*hora haverá de dividir o pão
cada quinhão da pescaria*

*as noites serão
de sarau e nas casas
tainhas arderão na brasa.*

[Nilson Weber]

HANS STADEN

O navegador Hans Staden publicou em 1577 o livro de memória intitulado “Duas viagens ao Brasil” [editado em 1974 pela Edusp e em 1988 pela Itatiaia/Edusp]. Ali encontramos uma das primeiras referências à pesca da tainha e fabricação de canoas promovidas por índios no litoral brasileiro.

Sobre a pesca da tainha Staden nos diz:

“Neste tempo (agosto) procuram (os índios) uma espécie de peixes que emigram do mar para as correntes de água doce, para aí desovar. Estes peixes se chamam, em sua língua, piratis, e em espanhol “lisas” (tainhas). Pescam grande número de peixes com pequenas redes. O fio com que as emalham, obtem-no de folhas longas e pontudas, que chamam tucum. Quando querem pescar com estas redes, juntam-se alguns deles e colocam-se em círculo na água rasa, de modo que a cada um cabe um determinado pedaço da rede. Vão, desta maneira uns poucos no centro da roda e batem na água. Se algum peixe quer fugir para o fundo, fica preso à rede. Aquele que pega muito peixe reparte com os outros que pescam pouco. Também os atiram com flechas. Têm a vista aguçada. Quando algures vem um peixe à tona, atiram-no, e poucas setas falham. Recolhem grande porção de peixes, torram-nos sobre o fogo, esmagam-nos, fazendo deles farinha, a que chamam piracuí, que secam bem a fim de que se conserve por muito tempo. Levam-na para casa e comem-na juntamente com a de mandioca”.

Sobre a construção de canoas nos diz:

“Existe lá, naquela terra, uma espécie de árvore, que chamam igá-ibara. Tiram-lhe a casca, de alto abaixo, numa só peça e para isso levantam em volta da árvore uma estrutura especial, afim de sacá-la inteira. Depois trazem essa casca das montanhas ao mar.

Aquecem-na ao fogo e recurvam-na para cima, diante e atrás, amarrando-lhe antes, ao meio, transversalmente, para que não se distenda. Assim fabricam botes nos quais podem ir trinta dos seus para a guerra. As cascas têm a grossura dum polegar, mais ou menos, quatro pés de largura e quarenta de comprimento, algumas mais longas, outras menos. Remam rápido com estes barcos e neles viajam tão distante quanto lhes apraz. Quando o mar está tormentoso, puxam as embarcações para a praia, até que se torne manso de novo. Não remam mais que duas milhas mar afora, mas ao longo da costa viajam longe.”

VIRGÍLIO VÁRZEA

O escritor Virgílio Várzea deixou suas impressões acerca da atividade pesqueira no litoral catarinense em dois livros. O primeiro é “Mares e campos” publicado originalmente no ano de 1895, recebendo sua re-edição em 1994 pela editora da Fundação Catarinense de Cultura; o segundo é “Santa Catarina – A ilha” publicado originalmente no Rio de Janeiro em 1900, recebendo posteriormente as edições de 1984 pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina e 1985 pela Editora Lunardelli.

1 - A PESCA DA TAINHA [Mares e Campos, páginas 33-45]

“Do lado de léste, do mais alto cabeço da penedia, o vigia rompera a acenar com a sua camisola vermelha. Era um magóte de tainhas que negrejára ao longe, à superfície do mar verde, caminhando na direcção de terra.

No rancho do Amaro, a muitas braças distantes, estavam as duas canôas grandes, carregadas de rêdes, puxadas de popa até meia praia, sobre grossos rôlos enormes, com as suas prôas finas e alterosas de gondolas que cortam as vagas iradas. Voltadas para o mar, na maré que subia às vezes arrancavam por si mesmas, investindo contra o oceano, na arrebentação espumosa. Então os tripolantes, camaradas e ajudantes das rêdes, que se achavam deitados, á espera que o peixe apparecesse, fumando e falando á sombra do rancho que o vento do mar refrescava, acudiam correndo e, atirando-se ás ondas revoltas que os engoliam até à cintura, voltavam com ellas de rastos, praia acima, segurando-as pelas toleteiras e bancos, todos curvos e rubros naquella rude applicação muscular.

De repente, o Delfino, um dos proprietários das rêdes, que estava de pé sobre um cômodo, a fixar o mar e varios pontos da costa com os seus olhos de grande visão, deparou com a enorme manta de peixe, ao mesmo tempo que déra com o sinal do vigia: e no atabalhoamento constante de nervoso, os braços noar, botou-se a toda para o rancho, a gritar:

- Lá estão abanando! Lá estão abanando! Repontou agora, na altura dos Ganchos uma manta de peixe que é um Deus nos acuda! Corram! Olha as canôas que larguem. Depressa!

Todos ergueram-se á uma, olhando o mar, com as mãos arqueadas sobre os olhos. Ritos estrugiam de todos os lados:

- É verdade, que alentada que era, Nossa Senhora! Nunca se vira tanto peixe assim! Eram para mais de cem mil! Aquilo ia coalhar tudo ...

Além, de pé, sobre a rocha alta, o vigia continuava a acenar.

As canôas largaram imediatamente para as bandas da Ilhota, afogadas em rôlos de espuma que rebentavam ruidosamente á prôa, levantando-as no ar. O pessoal das rêdes deitou a correr por terra, abanando também. O peixe vinha pouco a pouco acostando, entre a ponta do Rapa e as Feiticeiras. Ahi as canôas aportaram por instantes, largaram em terra o calão, que um camarada segurou logo e fizeram-se ao largo, contornando por fóra, em perpendicular á praia, o magote inteiro, agora mais conglobado na volta da enseada.

A proporção que se afastavam as canôas, o patrão, á pôpa, ia dando cabo – e a bêta negra desenrolava-se, o chicote em terra, o seio a riscar as aguas balançantes. Depois, lá fóra, além, as embarcações descreveram uma curva em direcção ao Canto das Pedras e as cortiças redondas começaram a fluctuar, espaçadas na tralha, como um cordão de enigmaticas reticencias, que os vagalhões sacudiam e desalinhavavam no seu dorso espumoso.

As canôas aportaram de novo, vasia, alagada das invasoras ondas hostis, conduzindo a outra ponta da bêta, que traçava sobre o mar como o desenho gigantesco de uma ferradura.

Naquelle dia era esse o primeiro lanço.

Os ajudantes e camaradas, arrumados em duas turmas, uma a cada ponta do cabo, entraram a puxar as rêdes em fila, a um de fundo, com os pés fincados no chão, caminhando de costas, n'um esforço lento e poderoso de bois de canga, como se estivessem a arrancar alguma pesada, invisivel riqueza do fundo torvo do mar. Mas parecia trabalharem esterilmente, porquanto o serviço não avultava senão em rôlos infindaveis de cabo, que rapazinhos arranjavam, aqui e alli, por sobre a faixa branca da praia.

Entretanto o enorme disco preto de ferradura diminuia aos poucos e as cortiças balançantes se approximavam mais [...]

Os camaradas e ajudantes das rêdes colhiam, agora, com admiravel trabalho de destreza, as primeiras malhas. O peixe sentindo se em secco, entrou a saltar, aos milhares, com relampagos côr de prata, indo cahido outro lado da tralha, com um ruido de mancheias de pedras arremessadas á agua. Cavalleiros, homens a pé, mulheres, crianças, affluíam, correndo de toda a parte. E o peixe começou a alastrar a praia, n'uma

onda viva e colossal de corpos fulgurantes, torneados, polidos, como formados d'áço, a se debater, aos rancos, n'uma angustia e convulsão de morte, as boccas abertas, offegantes, como exhalando almas. Eram tainhas do corso, de mais de meio metro, lançadas alli aos milhares, de barriga argentea e dorso verde-negro, a cabeça alentada, a chicotear tremulamente, com as escamosas causas de prata, o pó alvo, granulado da areia. As rêdes rojavam agora, em desordem, naquelle pedaço da costa, com o seu esburacado tecido de malhas, á maneira de velhas bambinelas rasgadas, sacudidas á babugem e lixaria das praias.

Mas os remadores das canôas volverma logo a cuidar das rêdes, lavando-as e embarcando-as com prodigiosa actividade, enquanto o resto do pessoal pegava as tainhas no laga-mar e saccudia-as ao alto da praia, contando-as aos pares, n'um enorme montão que augmentava.

- Cem mil! Gritou o Zé Souza, erguendo-se e mandando botar para baixo a canôa que patroava.

As filhas do Amaro e as primas olhavam, de cima de um cômor, falando alegremente, ao lado do Justino e dos outros rapazes, que commentavam com admiração o prodigioso lanço. Filhos da cidade, assistiam pela primeira vez, encantados, áquelle bello espectáculo. [...]

A outra canôa já se fizera tambem ao mar.

Iam dar o segundo lanço. Mantas de peixe successivas vinham demandando a costa, á approximação da noite.

Na praia, havia agora uma agglomeração de povo. A noticia das cem mil tainhas mortas á tarde – o maior successo da pesca naquelle anno, no logar – levava de bocca em bocca para o interior, desperara a boa gente dos sitios, entendiada e vasia nesse longo dia de descanso. E a população das freguezias mais proximas parecia vasar-se toda para alli, á maneira desses pequenos riachos que a baixa-mar entope, mas que nas grandes marés abrem fóz e se expandem para o mar. [...]

O sol desfallecera de todo, entre purpuras luminosas, quando teve logar o segundo lanço das rêdes e d'esta vez cento e cincoenta mil tainhas foram arrancadas ao seio inesgotavel do oceano. Immensos montões de peixe juncavam a praia, semelhando prateadas dunas, que nesse instante immergiam na poeirada negra e invasora do crepusculo. Uma aragem fria agitava os palmeirae e o céu no alto começava a se dourar de estrellas. [...]

O Delfino tinha dado ordens para que fossem á Rua Velha arranjar os carros para a conducção do peixe. As rêdes já estavam a enxugar, recolhidas aos varaes. E as canôas grandes de voga carregavam, promptas a seguir para a cidade, pela madrugada.[...]

Vinham chegando os primeiros carros, que faziam uma volta perto do rancho, rolavam para trás, indo encostar o arcavêro de encontro aos montões de peixe. E ouvia-se no escuro a voz grossa do carreiro:

- Eh *Captivo*! Eh *Estrella*! Fasta ... fasta ...

Os homens das rêdes entraram então a jogar o peixe para dentro das sébes, sobre o estrado do carro, aos trambolhões, n'uma faina de mil diabos. E de tudo aquillo exhalava-se um cheiro acre de maresia.

O Amaro sahiu então a dar ordens, enquanto o Delfino, por outro lado, despachava a multidão de compradores de peixe, repartia o quinhão dos ajudantes e dos camaradas, jubiloso e risonho, continuamente a bracejar e a fallar, na sua grande animação, daquella pesca opulenta. [...]"

2 – A PESCA DA TAINHA [Santa Catarina – a ilha, páginas 162 - 166]

“[...] Em maio, reparadas as redes velhas ou estragadas e ultimadas as novas, alcatroadas as canoas e pintadas as baleeiras, organizam-se as companhas e as grandes turmas de *camaradas* e *ajudantes*, que entram a povoar os numerosos ranchos das praias, então abertos até aos últimos dias de agosto. Por essa ocasião, desde a Ponta Grossa à do Rapa, a oeste e ao norte da Ilha, como dobrando daí para leste até Naufragados, um enxame geral de homens e rapazes das freguesias e arraiais nessa área espalhados, agita-se dia e noite, a rir, a palrar e a cantar alegremente, sobre a linha alva dos cômoros ou no alto dos cabeços avançados nas vagas, à espera de que enegreçam o mar azul, ao longe, para dentro do Arvoredo, os primeiros magotes ou mantas de peixe do corso – a tainha, sobretudo – que vem tocada do alto-mar pelas primeiras tempestades de inverno e o conseqüenteregelamento das águas, em busca do costão das ilhotas e do recesso mais ou menos sereno das abras e enseadas.

A faina marítima divide-se então em dois ramos bem distintos: a pesca das tainhas na costa com as redes de *arrastar* e a da enchova, feita a linha, no mar alto ou junto aos ilhotes vizinhos. Começemos, porém, pela primeira, a das tainhas, que oferece um esplêndido espetáculo em todo o seu conjunto e detalhes.

Desde as primeiras barras do dia, num ponto elevado da praia que domine toda a enseada e a costa circunjacente – em geral as pontas avançadas no mar – sobre a rocha mais alta, coloca-se um dos *camaradas* da rede, o *vigia*, cujas funções consistem em observar a superfície das águas em toda a área que a sua vista possa abranger, e, quando as tainhas aparecem (o que se caracteriza por uma tênue mancha argêntea à superfície das vagas, só perceptível a esses olhos educados e de grande visão dos pescadores), fazer o sinal para a rede a que pertence. Sentado sobre a pedra que toma o nome, nesses sítios, de “pedra do vigia”, o *camarada*, com o seu amplo chapéu de tiririca, a copa alta e cercada por uma fita preta, quase sempre afunilada devido às molhaduras constantes combinadas com a ação do calor e a elasticidade própria do tecido, as abas disformemente largas descidas à frente sobre os olhos, para protegê-los do sol, uma camisola grossa de baeta vermelha atirada a trouxe-mouxe às costas e apenas segura pelas mangas atadas em nó sobre o peito, ou envergada e resguardando-lhe o tórax quando há muito frio ou mau tempo – ele passeia seguidamente sobre o mar a sua vista detalhadora e de funda acuidade, distinguindo sabiamente, e sem jamais enganar-se, todas as tonalidades ou nuances das ondas: a sombra de uma nuvem passando no alto, o efeito de uma rajada mais forte do vento arrepiando e enegrecendo aqui e além a planura azulada, o remanso baço ou fulgurante dos recessos de embate, e, enfim, os abrigos plácidos de calma abertos às praias das ilhas e ao longo das penínsulas e pontas. [...]

Dentro e fora dos ranchos estão as companhas e o bando dos *camaradas* e *ajudantes* das redes, sendo estes últimos na sua maior parte rapazes de 12 a 20 anos. Deitada na areia fofa e macia, olhando de vez em quando o vigia e o mar, essa gente, enquanto o peixe acosta para o lanço, palestra e ri numa alegre algazarra, chupando grossos cigarros de palha ou carpinteirando, no ócio da espera, pequenos objetos de cortiça, com as suas facas afiadas de roceiros. Esses homens reúnem-se em grupos que tomam o nome dos donos das redes, nome pelo qual esses grupos se distinguem uns dos outros.

Pelos cômoros aglomeram-se igualmente alguns matutos que não tomam parte efetiva nos trabalhos da pesca nem fazem parte das companhas, mas que ali estão a vigiar o aparecimento das mantas ou cardumes, aguardando a hora do puxamento das redes para prestarem seus serviços e receberem depois o seu quinhão de peixe. Mulheres indigentes, habitando as proximidades das praias em míseras choupanas de ervagens, surgem à sombra das restingas, numa magreza esquelética, as caras chupadas e

denegridas pela fome e pelas soalheiras, ansiosas dos lanços para terem também uma pequena ração, que os pescadores lhes ofertam por entre troças e vaias. Alguns cavaleiros, indos do interior, galopam ou trotam de um lado para outro, com uma mala branca nos arreios a ver qual a primeira rede que sai, para esperarem o lanço e fazerem suas compras.

Nesta expectativa estão todos, até que de repente um dos pescadores vê o sinal do vigia, que, de pé sobre a rocha, abana com a sua camisola vermelha, determinando, num movimento do braço golpeando o ar, a direção para onde o magote se encaminha ou se estende. Os ajudantes que o cercam, como de costume, deitam logo a correr para os ranchos, agitando o chapéu e gritando:

- Olha o magote que aí vem! Olha o magote que acosta!

Então todos se erguem de alvoroço, e começam a investigar em todos os sentidos a planura das águas. Os patrões das companhias correm para as canoas, seguidos dos remadores. Camaradas e ajudantes reúnem-se em torno, falando e gesticulando agora com maior animação. Os donos das redes, quase sempre presentes, depois de examinarem o cardume e sua direção e posição, planeiam num momento o lanço, detalhando, a traços largos e num borbotão de ordens, o que os patrões devem fazer. E como as mantas se sucedem, umas após outras, acostando para dentro das pontas, de onde os vigias vão transmitindo sinal que corre de rancho em rancho, cada rede se apresta em sua raia de ação. Sigamos uma delas na sua lide e afã.

Os homens da companhia, bem assim os camaradas e ajudantes correm às bordas e à popa de cada embarcação, e, levando a mão às toleteiras e bancos uns, outros metendo os ombros à sobrepoa, fazem rolar praia abaixo as canoas, na grita vigorosa e monótona que acompanha sempre as manobras marujas:

- Oh vai-hô-hiô! ... Oh vai-hô-hiô!...

À proporção que a canoa entra a flutuar, batida já de novelos de espuma à proa, na rebentação ininterrupta e ruidosa dessas costas de mar grosso, os tripulantes vão saltando para dentro, na sua ordem de posto – o proeiro em primeiro lugar, em seguida o contraproeiro, depois o sota, depois ainda o voga e logo atrás o patrão, que tenteia a canoa até o cadaste achar fundo, e, com água até à cinta, o timão ou remo de pá de governo a uma das mãos, salta e cai de pé sobre a popa com admirável destreza.

Deixando em terra o calão, a canoa faz-se a largo a toda força de remos, rumando à distância do magote, por um lado, até ganhar a altura necessária a barlavento do mesmo, a fim de o apanhar com segurança no cerco. O calão é uma espécie de bóia,

feita em geral de cortiça, de forma troncônica e de meio metro de comprimento, tendo um grosso orifício ao extremo delgado onde dá volta o chicote da beta, que se prende a um dos punhos da rede. Este pedaço de madeira serve para fazer flutuar o chicote da beta, quando este, arremessado da canoa para a praia, cai por acaso nas ondas.

Agarrado o calão por um dos ajudantes, este o conduz para o alto da praia, enquanto à ré da embarcação que avançando mar, o patrão vai dando cabo. Excedida a altura do magote, a canoa entra a descrever uma curva por fora e, abrangendo toda a extensão do cardume, mete proa para a costa, indo abicar num ponto afastado àquele de onde partira. Aí, a companhia desembarca com uma ponta da beta que se liga ao outro punho da rede, e a canoa é puxada.

Uma turma da camaradas e ajudantes, já ali de antemão colocada – pois todo o pessoal se divide nesse instante em dois grupos – acode logo de pronto. Imediatamente começa a puxar o cabo, ao mesmo tempo que a outra turma, postada braças adiante. Neste serviço os homens caminham em fila, um atrás do outro e quase juntos, pegando a beta com água pelos joelhos e levando-a até a linha dos cômoros, onde o primeiro que chega alterna com o que vem ainda no lagamar, e assim sucessivamente, numa força e lentidão de bois de canga trabalhadores. Todos em geral trazem um pedaço de corda amarrado à cintura com uma ponta pendente, que enlaçam em uma volta ao longo do cabo negro e com o qual atenuam o grande esforço que teriam de fazer só com os braços, se não usassem este meio. À maneira que a beta é colhida, dois ou três ajudantes mais moços a vão enrolando em duchas, para a poderem reembarcar facilmente e em ordem, ao terminar o lanço. A rede, assim ao largo estendida, apresenta o desenho perfeito de um imenso rosário flutuante, curvas em crescente, e cujas contas são formadas pelas cortiças escuras destacando nas ondas.

Ao tocarem à rebentação os primeiros nós dos punhos, a tainha cercada revela-se pelos contínuos saltos contra a tralha para fora da rede; mas é insignificante a quantidade que logra por tal modo escapar, pois a manta condensa-se toda bem fechada no centro. Nesta ocasião as duas turmas aproxima-se, estreitando pouco a pouco o espaço compreendido entre ambas, até que este corresponda mais ou menos à metade do tamanho da rede. Quando as cortiças dos extremos estão quase a beijar a praia na sua curva imensa, todos correm para a tralha que seguram fortemente a pulso, levantando em parte as malhas e puxando-as para cima da batente das vagas, onde o peixe se alastra em camadas espessas, que fulguram por milhares de corpos prateados, saltando e

debatendo-se com grandes golpes de causa, as bocas escancaradas, as brânquias a palpitarem na violenta agonia que lhes dá o oxigênio.

O patrão e os camaradas põem-se logo a contar as tainhas, agarrando-as com uma e outra mão e atirando-as para junto dos cômoros, onde a maré não alcança. Aí, reunido todo o peixe em montão e resguardando do sol com uma coberta de ramagem, deixa-se um homem a tomar conta. Em seguida volta o patrão à canoa, que o espera já com a rede arrumada e a beta colhida, o que tem sido feito pelo resto da companhia e pelos camaradas e ajudantes, enquanto se dá a contagem do peixe.

E outros lanços se repetem seguidamente, porque a tainha, corrida do largo, envereda em regra para a costa por sucessivas mantas, durante dias e noites, máxime se se está em pleno inverno, isto é, nos meses de junho ou julho, em que as redes, em cada cerco matam às vezes cem mil, duzentos mil peixes. [...]”

NEREU DO VALE PEREIRA

Nereu do Vale Pereira publicou em 1993 o livro “Os engenhos de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina – etnografia catarinense” onde detalha a maneira como os nativos do litoral catarinense conciliavam a produção da farinha de mandioca com a pesca da tainha. Páginas 104-5:

“Ralam-se as raízes [...] em Santa Catarina nos meses de maio, junho, julho e agosto, meses que não têm “r”. É preciso escolher o inverno ou momentos frios porque é muito bom para se trabalhar tranquilo em ambiente fechado, dentro do rancho do engenho e, por outro lado, a mandioca em operação pode levar maior espaçamento de tempo entre a sevada e a forneada, prolongando-se sem azedume da massa.

Coincide, esse tempo, com a safra da tainha (passagem do curso da tainha), excelente espécie de peixe e que é capturada em grandes quantidades com redes de arrasto ou cerco.

A passagem dos cardumes pela costa catarinense, especialmente na Ilha, acontece no inverno, no vai e vem de buscas de águas adequadas à desova, e, tudo junto com as farinhadas, exigindo o revezamento de homens entre uma e outra atividade [...].

Quando os vigias, homens treinados em observar o mar, sentados na costa em algum lugar elevado e estratégico, anunciam a aproximação de um cardume, ou “manta” na gíria popular, através de um apito, assobio, gestos, bandeira ou gritos: “Olha aí vem uma manta com 50.000 tainhas” – é um corre-corre de homens, mulheres e crianças. Os homens vão lançar os barcos, adredemente preparados à espera, com redes ao mar.

No engenho, quando está instalado junto ao mar, ou mesmo próximo, aliás o que acontece com a maioria, é um reboleio geral. O engenho vai parar a lida por alguns momentos, pois “não se pode perder o lance”.

Há atividades, como a raspagem e a seva que podem parar imediatamente. Já em relação à prensa ou ao forno, fica mais difícil Destarte quando ocorre um grande lance de tainhas, prensador e forneiro não podem retirar-se de inopino.

Normalmente as raspadeiras trabalham até por volta das 13 horas após terem iniciado às 7 horas, e, raspam uma porção para ser operada durante o dia, até ao anoitecer.

Os grandes lances de tainha ocorrem, a mais das vezes, de manhã cedo ou à tardinha, momentos em que os homens estão mais disponíveis. As coisas se encaixam com muita naturalidade, sem atropelos.

Até nesses embricamentos de tarefas ocorre uma racional distribuição de encargos. Os homens têm a responsabilidade da vida no mar, na pesca e, dentro do engenho, do sevador, prensa e forneada. As mulheres a raspagem das raízes, lavagem e peneiramento. Se ocorre lance de tainha ficam, se for preciso, as mulheres raspando, e aguardando o retorno dos homens. Algumas mais experientes assumem alguma tarefa interrompida. Estrutura-se uma divisão social do trabalho que se ajusta ao tempo, ao espaço e às necessidades.

JUVENTINO LINHARES

Juventino Linhares é o nosso grande cronista. Entre 1958 e 1963 escreveu crônicas sob o sugestivo título de “O que a memória guardou” nos jornais **O Popular** e **Jornal do Povo** que foram reconhecidas como capital cultural do povo litorâneo da Foz do Rio Itajaí. Sobre a pesca da tainha nos diz:

“Além da madeira, outro produto de grande exportação naquela época era o bagre escalado, do qual se faziam grandes pescarias nas margens do Itajaí-Açú, notadamente no saco da Fazenda e em Navegantes, que então se denominava S. Amaro.

Hoje não se pode fazer idéia da enorme quantidade desses peixes, que eram apanhados aos milhares, em grandes lanços de rede, como ainda acontece hoje com a tainha. Pescarias houve em que numa só redada, foram retirados 40 e até 50 mil bagres.

Na Fazenda, existia uma grande família de pescadores os “Portos”, residentes logo aquém do ribeirão do Canziani, que estendia para a secagem ao sol, em loges varais de arame e de cipó, que cobriam toda a extensão entre a rua e o rio desde o citado riacho até às proximidades da rua Laguna, os produtos da pescaria que depois de secos eram embarcados a granel para o Rio, abarrotando porões inteiros. Em Navegantes, era ainda maior a pesca, tanto que se apelidavam de “papa-bagres” os residentes daquele bairro e, quando repicava sino da capelinha, a gente acompanhava o bimbalar com este estribilho que se ajustava perfeitamente ao som do bronze: “Amanhã tem bagre / Amanhã tem bagre / Fresco, escalado, cozido / De toda qualidade. Em represália os “dengo-dengos” (outro apelido que se dava aos navegantinos), retrucavam com o epíteto de “cadeados” aos residentes do lado de cá e, desse jogo de apelidos surgiram, muitas vezes, desentendimentos e atritos, alguns dos quais terminaram em pancadaria.

Os grandes cardumes de bagre desapareceram quase repentinamente das nossas águas, o que se atribuiu ao detonar constante de dinamite nas pedreiras do morro da Atalaia, quando foram iniciadas as obras do porto. O que ainda hoje existe por aí, rio acima, nem pequena parcela representa da fartura de outrora.

A abundância de tainhas, na época do curso parecia incomparavelmente maior que hoje, não sei se porque fossem os cardumes mais numerosos ou, talvez, porque não existissem, como agora, a possibilidade do transporte fácil para o interior, a Brusque, Blumenau e até para Lages. Quando o público não dava vazão ao consumo, o excedente

era escalado, salgado, estendido ao sol, em varais para secagem e aproveitamento posterior. Algumas vezes nem mesmo assim era possível aproveitar todo o pescado, que, após ser oferecido a preço ínfimo, que descia às vezes a dez e oito mil réis o cento, acabava sendo enterrado para evitar o apodrecimento ao ar livre.

A pescaria, naqueles tempos, era bastante intensa em toda a costa, existindo em Navegantes, Cabeçadas, Armação e Camboriú, número elevado de pescadores aparelhados para o seu mister e que não tinham, como agora, os balneários a atrapalhar suas atividades. A zona mais piscosa do norte do Estado sempre foi, entretanto, a costa das Bombas e dos Ganchos e, os pescadores deste último lugar, os GANCHEIROS, como eram conhecidos, vestiam, no inverno, grossas e vistosas camisas de baeta vermelha, indumentária que já era tradicional e que os distinguiam mesmo a longa distância.[...]"

MANOEL THEODORO MOREIRA – BILÉCA

No ano de 2006 Leopoldo Barentin e Edson Carvalho Bayer publicaram o livro “Biléca – o filho da Costa Esmeralda” contando a história de vida do pescador centenário Manoel Theodoro Moreira – conhecido popularmente por Biléca. Ele nasceu no dia 17 de maio de 1906 na Praia de Perequê – Porto Belo – e tinha descendência afro-portuguesa:

“Biléca teve os seus tempos de ouro na pesca quando residia na praia do Cardoso, ocasião em que possuía redes, embarcação e até mesmo rancho de canoas. Era, como se dizia na época: um pescador forte.

Biléca conta que nos bons tempos havia muita fartura na pesca artesanal e não eram raros os dias em que davam lances de dois ou três mil peixes, outras oportunidades capturavam oito ou dez chernes daqueles de 70, 80 a 100 quilos. Todavia, afirma ele, desde a sua infância os peixes mais abundantes em toda a região sempre foram o bagre, tainhota, corvina, pescadinha, charuto, anchova e tainha, cada um a sua época, quase sempre pescando-se com redes. Também havia muito cação, canguá tusquinha, miraguaia, tainha branca, burriquete, robalo, garoupa, garoupeta, badejo, corvinota, pampo, sargo, pijirica, pejereva e tantos outros que vinham nas redes ou eram costumeiramente fígados em caniços ou espinhéis armados próximos aos costões.

O complicado da época dessas fantásticas pescarias, lá por volta de 1930, é que não havia gelo, isopor, geladeira ou freezer para armazenar o peixe, fazendo com que muitas vezes toneladas fossem jogadas fora. Estragava de tanto que tinha. Nessas ocasiões o peixe era vendido às salgas e aos carroceiros que vinham de toda a região, ficando uma boa parte para ser escalado e salgado. O peixe que não se conseguia dar destino era enterrado na areia da praia.

Na praia do Cardoso a maior pescaria do Biléca foi um lance de mais de duas mil tainhas, porém participou de outras pescarias muito mais importantes quando trabalhava na camaradagem de redes. As melhores pescarias foram uma de 60 mil tainhas, em Bombas, e uma outra com semelhante quantidade do mesmo peixe, só que desta feita na Praia da Zéfa, hoje conhecida como praia de Quatro Ilhas.”

JOÃO DOS SANTOS AREÃO

João dos Santos Areão publicou artigo intitulado “A pesca com bôto” no Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore em dezembro de 1949. Nele evidencia a parceria estabelecida entre homem e boto na pesca da tainha na região de Laguna:

“Um dos fatos que a meu ver, caracteriza a Laguna, pôrto de escoamento da produção ao Sul do Estado, é a maneira por que se realiza a pescaria em suas praias e enseadas pelos seus destemidos pescadores.

Quem convive com aquela gente tostada pelo iodo do mar, entregue completamente à pescaria, simples, afável e bôa, sente por ela uma enorme simpatia. O seu trabalho se desenvolve de maneira interessante, devido, naturalmente, às certas exigências que o meio requer, a fim de mais rendosa e mais fácil se tornar a sua tarefa. Assim, por exemplo, é o auxílio prestado pelo bôto. Não conheço um outro recanto onde êsse recurso seja tão do agrado dos pescadores como na Laguna. Eis como se processa a pescaria: os bôtos criados dentro da baía vão, aos poucos, tomando contacto com os pescadores, chegando mesmo a serem reconhecidos pelo nome, como canivete, miguel, bôta-cega, galha cortada, etc... Dêsse contínuo contacto êles vão se amestrando e perdendo o medo que a princípio manifestam ter. Quando se dá o acaso de ser pescado um bôto em tenra idade, os pescadores têm o cuidado de fazer-lhe um sinal quase sempre à faca. Em seguida soltam-no e dão-lhe um nome.

O galha-cortada foi um dos que receberam êsse brutal batismo, necessário, entretanto, para o seu reconhecimento. Principalmente no começo do inverno, quando há o curso da tainha, é que o trabalho do bôto se torna mais apreciável, em virtude da qualidade do peixe. Como é sabido a tainha corseira vem do sul em grandes cardumes e para um estágio e provável desova precisa de água mansa. Por isso, ao encontrar uma lagôa procura êsse refúgio, depois de caminhar mais de duzentos quilômetros sem nenhum ambiente favorável. Ao penetrar na barra os pescadores dão-lhe caça e o peixe se dispersa. Êsse

fato tem provocado muita desavença entre êles, pois o peixe deve ter entrada fácil na lagôa. É depois da entrada do peixe que a ação do bôto se torna mais necessária. Os pescadores logo ao amanhecer se agrupam nos pesqueiros, isto é, em lugar onde o peixe possa ser atingido pelas tarrafas sem ser preciso penetrar nágua, pois se isso se der, o peixe será afugentado. Nos dias de inverno, principalmente pela manhã, quando sopra violento o vento sul, é preciso ter-se uma constituição férrea para suportá-lo. Como a praia é despida de qualquer abrigo, mesmo de touceiras, os pescadores constroem seu esconderijo escavando na areia um buraco guarnecido por alguns ramos fincados na crista do morro formado pela sobra da escavação. Êsses ramos não só auxiliam a quebra do vento, como não deixam a areia se movimentar. A vestimenta do pescador, em geral, é bastante precária: um velho paletó amarrado com barbante em lugar dos botões, um calção, resto de umas calças que já foram calças, e um chapéu surrado que também serve para guarnecer os cigarros e o fósforo colocados sôbre a cabeça. O uso do barbante no lugar dos botões é recomendado para não impedir a manobra da tarrafa e a colocação do cigarro e fósforo sôbre a cabeça para não serem facilmente atingidos pela água. Quando o bôto surge a uma certa distância, sempre em direção à barra, conduzindo o peixe, fato reconhecido pelo nervosismo com que aflora e novamente se aprofunda nágua, respirando forte e espargindo borrifos pelas narinas, os pescadores se alinham na praia e acompanham-no na sua perseguição. Os peixes perseguidos não têm outro recurso senão procurar o baixio, onde o bôto não pode chegar. Êste, porém, sente o momento de fazer a “batida” que nada mais é, senão, um avanço rápido, tomando a dianteira do peixe e, em seguida, imprime um movimento circular envolvente e com a cauda levanta o lodo do fundo do mar, toldando a água.

O objetivo do bôto na “batida” é desnortear o rumo do peixe e com o remoinho provocado, obriga-o a uma parada momentânea, tempo suficiente para apanhá-lo. É nessa ocasião que se ouve o chuáa...das tarrafas atiradas quasi ao mesmo tempo, esperando as sobras do bôto. Acontecendo, porém, que o boto nada tenha obtido com seu trabalho, procura quase sempre, tirar da tarrafa do pescador o peixe já aprisionado. Aí, então, o pescador entra nágua,

joga pedra, faz barulho para espantá-lo, afim de não perder sua pêsca e ter furada a sua tarrafa. Se, por acaso, o peixe acossado encontrou no seu trajeto um refúgio seguro ou conseguiu escapar-se de forma definitiva, o bôto retrocede, isto é, volta para o ponto de partida a espera de nova oportunidade. Nessa ocasião: como para avisar o pescador do seu insucesso, levanta-se encarando-o de frente, como quem o saúda, nadando em sentido contrário. Por várias vezes tem acontecido ser o bôto coberto pela tarrafa. Quando isso acontece, são sempre desastrosas as suas conseqüências, pois, a velocidade do seu nado e a força de que dispõe, não permitem tempo ao pescador para tirar do pulso a laçada da fieira. Também, não é fácil a saída do bôto de dentro da tarrafa porque, em geral são elas feitas de tecum muito bem fiado, o rufo bastante grande e seguro por fortes tensos, não falando da entralha de bôa fibra amparada por uma sólida chumbada. As fieiras são, geralmente, feitas de algodão de três pernas, preparado com muito esmêro, sem nós, tanto no ôlho como no punho.

Muito antes de se falar em filas, já os pescadores da Laguna praticavam-nas com o mais estrito rigor. Aquele que primeiro tomasse lugar na praia para acompanhar o bôto no seu trajeto, não teria a sua frente cortada e os que o sucediam na chegada iam se enfileirando numa verdadeira linha sagrada para todos. Nem sempre os melhores situados eram os mais felizes, pois o peixe veloz como é, dá ocasião para que, às vezes, seja apanhado pelo último da fila. O melhor ponto da pescaria com o bôto era onde hoje existe o cais de embarque de carvão. Extenso, fundo, permitia aquele local, ao pescador, manobra fácil sem tropelias. Hoje que desapareceu aquela praia de tantas recordações para os velhos pescadores, êles precisam entrar nágua para esperar quieto como um joão-grande, a passagem do bôto conduzindo o peixe tão desejado e que constitui o seu ganha-pão.

O bôto tem sido o grande amigo do pescador; sem êle a população de Laguna, em certas ocasiões do ano não teria daquele alimento tão saboroso que vive nas águas do mar e que a astúcia do homem sabe, com sua artimanha captar. Algumas vezes o bôto gosta de oferecer um espetáculo interessante aos lagunenses. Isso acontece, quando consegue, abocanhar um linguado, estando

êle de pança forra.

O espetáculo consiste em manobrar com o pobre prisioneiro, atirando-o a uma altura de talvez superior a 20 metros. Depois espera a sua queda para repetir a cena. Assim brinca pelo espaço suficiente para matar o linguado que, com certeza, não lhe é um dos bocados mais preferidos. A garateia, o espinhal, a linha, a coca, a rede, a fisga, o caniço, a feiticeira, são outros recursos lançados por aqueles pescadores, os quais havemos de focalizar, afim de que, em outras regiões da nossa imensa costa, possam ser aproveitados para dar maior expansão a essa indústria tão sujeita às variações do tempo, das condições do mar e da inteligência dêsse marinheiro expontâneo que é o nosso destemido pescador.”

JOSÉ PEDRO DE SOUZA

O pescador José Pedro de Souza concedeu entrevista ao Jornal Diário do Litoral – de Itajaí – para a edição de 14/15 de junho de 2014 onde fala do Balneário Cabeçudas e da pesca da tainha

:

“O MAIOR LANÇO AQUI DEU SEIS MIL TAINHAS

PESCADOR E PINTOR NATIVO DE CABEÇUDAS FALA SOBRE A VIDA NA PRAIA

O pintor José Pedro de Souza, 89 anos, nasceu em Cabeçudas. Tem três filhos, três netos e três bisnetos e mora no comecinho da Rua Cônsul Carlos Renaux desde sempre. Só deixou o bairro quando foi embarcado durante dois anos, ainda adolescente, e mais tarde, quando serviu o Exército. A lucidez e a boa memória do seu Zé, como o chamam os vizinhos e amigos, contam uma história de Cabeçudas que não está nos livros. A vala da Rua Benjamin Constantes, por exemplo, era uma baita lagoa. A água limpa era parada obrigatória para os pescadores artesanais e Zé era um deles, vivendo no ritmo da praia: “devagar e sempre”.

A tarrafa e o caniço eram companheiros do então jovem Zé Pedro, que vivia fisingando peixinhos ao lado dos amigos, ora na lagoa, ora na praia. Ele diz que dava muito parati, camarão e a tainha na lagoa, e que o maior lanço que presenciou em Cabeçudas foi de umas seis mil escamosas. Na Brava, não dava pra lancear, segundo Zé, porque o mar forte não deixava, mas de caniço ele pescou muito e levava o peixinho pra mãe fazer na casa da família, em frente ao lugar onde mora hoje. “Naquela época, tinha umas cinco casas só, de Blumenau e Brusque. Aqui era só pescador e ali era tudo praia, não tinha praça. A lagoa saía lá no canto das pedras e nem tinha essas duas ruas aqui, só a rua da praia” acrescenta [...]

CLÁUDIO BERSI DE SOUZA

O escritor Cláudio Bersi de Souza proferiu palestra no dia 31 de julho de 2014 nas dependências do Restaurante Olímpio – Bombinhas – sobre sua experiência como pescador profissional e a pesca da tainha no litoral catarinense:

“TRADICIONAL PESCA DA TAINHA NO LITORAL CATARINENSE A CORRIDA DO PEIXE

Considerada a maior fonte criadora de tainhas, a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul, é a base principal da safra nas praias do litoral de Santa Catarina.

A chamada corrida do peixe acontece no mês de abril, chegando à costa catarinense nos primeiros dias de maio. É o chamado peixe de corso.

Quando a pesca era liberada, sem restrição, o peixe que saía pela barra do Rio Grande se encaminhava para o norte, cumprindo assim o ciclo anual, buscando talvez águas mais quentes próximo da costa. O mesmo acontecia com aquele que saía do Rio da Prata, que, de acordo com os ventos e a corrente marinha, também avançavam ao litoral catarinense.

Até certo tempo não havia os barcos de traineiras que vão lá fora encontrar os cardumes ... Assim as mantas de tainha vinham beirando a costa, sendo então cercadas pelas redes de praia, tornando-se assim uma atração folclórica, uma verdadeira festa. Um processo puramente artesanal que atraía centenas de pessoas a apreciar os lances, muitas tendo participação como ajudante no puxamento da rede e recolhimento dos peixes.

CONDIÇÕES FAVORÁVEIS

Temos de convir que até determinada época as condições eram plenamente favoráveis para que os cardumes se aproximassem da praia. Por exemplo: não havia embarcações motorizadas circulando nas proximidades e nem pesca de trulho cercando o peixe quando fazia parada nos costões ou recifes ... Nem havia muito interesse em capturar muito devido os problemas com transporte, conservação e comercialização.

As praias mais propícias para lançar eram aquelas menos habitadas ou as que fossem ainda desertas. À medida que foram surgindo movimentos também foi diminuindo a presença dos cardumes na costa. A prova disso é que os cercos passaram a acontecer no raiar da manhã quando havia maior silêncio. Bombinhas até a década de

1960 liderava a pesca da tainha com redes de praia. A partir de então a região despertou para o turismo e não parou mais [...]. O desenvolvimento turístico de bombinhas foi tão rápido que a partir da primeira casa de veranista, construída em 1966, logo tornou-se cidade, passando a município em 1992.

A SAFRA

Cada praia, especialmente, desde o Cabo de Santa Marta até São Francisco do Sul, se prepara para a safra do ano a partir do dia primeiro de maio até fim de julho quando o peixe já estava de volta...

Normalmente ficava à disposição duas canoas, cada uma com sua rede pronta para cercar o cardume conforme o aceno do vigia ... Se fosse uma manta grande, o cerco era feito com as duas redes. As tainhas que pulavam da primeira rede ficavam na segunda. Ou se houvesse um rompimento também a segunda rede garantia o lance.

Cerca de trinta homens formavam os camaradas que faziam ponto durante os noventa dias da safra. Desses, doze eram os canoeiros e dezoito os camaradas. Cada canoa tinha o patrão, o chumbeiro e quatro remadores. O patrão também remava e guiava a canoa, além de soltar a tralha da cortiça Em cada lance cabia ao vigia escolher a maior tainha que viesse e levar para si. Era a chamada **crioula**.

O vigia era um dos camaradas que tinha a capacidade de avistar longe o cardume e até calcular a quantidade proporcional de peixe. Quando vinha o cardume, ele acenava com uma toalha ou mesmo com o paletó e deixava o mirante, vindo acenando até fechar o cerco.

Com os dois calões na praia, começava a puxada. À media que ia encalhando, era o momento de prender a tralha do chumbo com os pés e levantar a tralha da cortiça com as mãos. Operação esta que deixava todos encharcados e que rendia uma tainha a mais na partilha Na hora de enxugar o lance, as duas tralhas eram juntadas, já então o copo da rede com os peixes presos era arrastado até a praia seca.

A REPARTIÇÃO

Depois de reembarcar a rede e deixar a canoa pronta para novo lance, enquanto o vigia não desse outro sinal, era o momento de repartir o peixe. Qualquer que fosse a quantia, a metade era do dono da rede ... A outra metade novamente era dividida em dois, sendo uma parte para os camaradas e a outra parte para as comissões do patrão e dos que caíram n'água e, por fim, distribuir para os ajudantes.

Ninguém ficava sem ganhar ... Se não tocasse uma inteira, podia ser a metade ou simplesmente uma posta – que era chamada de isqueiro. Mas num lance acima de mil

todos saiam bem servidos. Depois de repartido o peixe, cada um podia fazer o seu negócio. Havia sempre compradores no varejo e por atacado.

Se por acaso ficasse peixe sobrando, então a alternativa era escalar e salgar. Tainha seca ao sol também tinha boa preferência. Era a chamada cambira que se encontrava no comércio de secos e molhados. Inclusive era feita de modo particular em cada casa de pescador que também consumia peixe seco de qualquer jeito – assado na brasa ou aferventado – que ia muito bem até com pirão d’água ou com café e farinha. A ova era um caso a parte ...

CONCLUSÃO

Esse sistema de pescar cercando na praia permaneceu por longos anos até que vieram outros métodos como as traineiras e o modo de conservação à base de gelo ou câmaras frigoríficas, o que veio a modificar totalmente os hábitos primitivos ... O peixe já não acosta tanto e quando vem é muito pouco. Fatos que fazem do cerco na praia uma prática que já não desperta grandes interesses. Em outros tempos, a praia que capturasse, por exemplo, cinquenta mil tainhas numa safra seria apontada uma campeã de produção. No entanto, hoje, essa quantia é comum para um barco de traineira que pode trazer o mesmo tanto em apenas um lance.

OBS: No decorrer da palestra Cláudio Bersi de Souza lembrou de conversa que manteve dias antes com o pescador José João de Souza [Dedé] que lhe falou de um lanço em 1949 com mais de 28 mil tainhas. Grande parte desse pescado foi levado para Santos e Rio de Janeiro pela parelha “Guaratuba” e “Luiza”.

PEDRO BERSI

A - O escritor Pedro Bersi publicou o livro “Mar e sertão” no ano de 2008. Na obra ele resgata a memória da comunidade pesqueira de Penha através de depoimentos de pescadores quase centenários como Boaventura José dos Santos e João Silva. Texto publicado nas páginas 44-45:

“Os preparativos para a pesca tinham início em maio. Reparadas as redes, as canoas e os demais aparatos os homens passavam a habitar os ranchos. Os responsáveis pelas redes, canoas e apetrechos eram os patrões. Estes prometiam aos camaradas (remadores, vigias e ajudantes) certa quantidade de peixe, por volta de cinquenta por cento do total de cada lanço. Para os curiosos que acorriam dos interiores próximos o jeito era comprar ou conseguir alguma tainha de graça. Às crianças, davam uma simples “postinha”, ou um “isqueiro”, a metade de uma tainha como se dizia antigamente. O vigia fazia parte do grupo dos camaradas e tinha o privilégio de escolher a maior tainha da rede, a chamada “marinheira” ou “crioula”. Justa gratificação para quem passava meses sobre um ponto elevado da costa, à mercê do tempo, continuamente a espreitar o mar. Patrão, camaradas e ajudantes aguardavam nos ranchos.

Conforme os gestos do vigia, num rápido bater de olhos sobre a manta o patrão calculava a quantidade de peixes. Dadas as ordens as canoas eram postas na água. Iniciava-se o cerco. A dificuldade era trazer os peixes à praia ... Caso o “pano” e as cordas da rede arreventassem outra canoa cercava por fora. Em terra, compradores e curiosos assistiam atentos à luta que se travava no mar.

Em certas ocasiões os patrões obrigavam os camaradas a se jogarem na água para conter os peixes que saltavam sobre as bóias da rede; muitas tainhas conseguiam escapar. A quantidade de peixes era muito grande e pouco se lamentava. Concluído o cerco as cordas eram trazidas à praia e o restante do pessoal dava início ao arrasto.

Havia lanços em que chegavam a pegar de oito a dez mil tainhas; às vezes mais. João Silva [...] aos 92 anos de idade ainda se recordava de um lanço semelhante ocorrido na Praia Vermelha durante a juventude.

Geralmente os lanços aconteciam em praias de mar aberto, fazendo da pesca da tainha atividade das mais perigosas. Em dias de mar grosso caso a canoa virasse na quebrança pouco se podia fazer.

Nos intervalos das pescarias, em meio a um gole e outro de cachaça, os homens envolvidos na pesca se divertiam em conversas e brincadeiras. Em roda da fogueira, sob o olhar atento dos mais novos os mais experientes narravam façanhas de pescas passadas. Falavam de lanços tão grandes que chegavam a formar morros de peixes na praia. Outros falavam de visagens, de assombrações e vultos que viam durante a noite e não sabiam explicar. Alguns até duvidavam e riam: “Boitatá existe, existe!...” – vocês não acreditam?” – dizia o João Leite. “só se eu visse um!” – retrucava o Mané Amaro. Assim as horas iam passando. Ao amanhecer todos se voltavam às suas funções.

Antigamente havia o costume dos filhos levarem para os pais a comida na praia: “peixe frito com pirão escaldado”. A tainha frita na própria banha acompanhava o pirão conforme o gosto da pessoa; podia ser de água ou feijão. De sobremesa laranja, fruto comum à época.

Durante os meses que perdurava a safra da tainha as pessoas das comunidades próximas a Itapocorói (Gravatá, Santa Lúcia, Freguesia da Penha, etc), como em grande parte do litoral catarinense se dedicava quase que exclusivamente à pesca.”

B - As memórias de Franklin Bento [transcritas por Pedro Bersi] também falam de um tempo de fartura na captura da tainha no litoral da Penha e colocam a pesca industrial como causa principal da falta desse pescado nos dias atuais. [página 51]:

“A PESCA DE ARRASTO NA PRAIA DE ARMAÇÃO

NO TEMPO DO ZÉ DIMÍCIO

Já tava se acabando isso aqui ... no tempo do Zé Dimício o seu pai se lembra. A tainha que tinha monte ali naquela Praia do Quilombo, da Pedrinha pra lá ... monte de dezoito mile tainha ali no tempo do távo, falecido Otávio ... João Cicílo, também Cicílo Passos...

O POVO AJUDAVA

De primeiro todo mundo lanceava, todo mundo ajudava ô... hoje em dia não tem aquele lanceio ... a não sê o pessoal de Blumenau que vem aí ... que o João da Báia arrumou um senhor de idade que ajuda ele, porque aqui os novo não querem nada, não querem mais nada... o pai e a mãe dá comida e ele

OS BARCOS DE PESCA ACABARAM COM TUDO

Aqui os tempo passado se caceou bastante, agora que tá vindo, compreendeu? Por causa dos barco... os barco que távo acabando com os peixinho daqui, de rede de arrasto ... passaro muito tempo aqui que não dava nada, lanceavo o dia todo não vinha, não vinha nada... há cinco, seis ano passado não tinha nada, olha, que eu me lembro que nós fizemo aquela casa do Victor Bona ali, no Caetano Figueredo, eu mais o Vicente Minéla é, aquele tempo ainda dava muita sardinha ... ainda dava cocoroca, bicuda, pescada ainda dava ... daí pra cá, os barco aqui na costa acabaro com tudo.”

JOSÉ CARLOS FAGUNDES

O escritor José Carlos Fagundes publicou em 2014 o livro “Compêndios – fragmentos para a História de Barra Velha” onde detalha a cultura popular do litoral norte catarinense. Sobre a pesca da tainha escreveu na página 23:

“A CULTURA DA TAINHA

Para os Barravelhenses a pesca da tainha não é meramente uma atividade sazonal restrita aos meses de inverno, é pela força da tradição uma manifestação da cultura local. Todos os anos nessa época (maio) a cidade se enche de animosidade e nada deixa nossa gente tão empolgada quanto degustar uma saborosa tainha. Nas ruas, nas vielas, por toda a parte o cheiro forte é peculiar: é tainha frita, é tainha assada, até as vísceras são aproveitadas. O cardápio gera renda, aproxima as pessoas e estimula uma boa prosa.

O ciclo da pesca da tainha inicia no outono quando o peixe adulto começa a abandonar o estuário da lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul e inicia sua migração reprodutiva ao longo da cota em direção ao norte sempre estimulado pelas quedas bruscas de temperatura. No entendimento do nosso caboclo este ciclo é extremamente importante, pois o peixe é criado no lodo quando sai da lagoa e atinge o oceano vem se limpando e, em Santa Catarina já está no ponto para ser consumido. Em quase toda orla catarinense, na pesca tradicional de tainhas é usado a técnica do arrastão em que os homens se posicionam em locais específicos, na beira de praia, esperando o momento certo para dar o lance.

Em Barra Velha esta modalidade praticamente desapareceu, foi substituída pela técnica de ‘trulhar’, ou seja, o cerco já acontece nos costões, nas lages e arrecifes onde os cardumes estão concentrados. A noite ao longo da costa pescadores profissionais e amadores se valem de suas tarrafas para capturar o peixe gorduroso. Entre os ribeirinhos do Rio Itapocu ainda se observa a “pesca com engodo” em que os cardumes de tainhas são atraídos com massa de pão.”

CAPÍTULO IV

CURIOSIDADES ACERCA DA TAINHA

*Esta manta
na pele fina do mar
é cardume...
mangote de tainha
impregnando de odores frescos
nossa alma açoriana.*

[Magru Floriano]

1 - BREVES NOTÍCIAS SOBRE A PESCA E COMÉRCIO DA TAINHA

“Os pescadores teem visto, nestes últimos dias, grandes mantas de tainhas, que se dirigem para o sul, parecendo assim que este anno teremos farta pesca deste peixe, de Maio a Julho.” **[Jornal O Pharol de 12 de abril de 1907 – página 03]**

“ABUNDÂNCIA DE PEIXE

Muitos pescadores nos tem dito que este anno é um dos mais pescosos de tainhas, que se lembram. Tem sido visto, das praias onde as esperam grandes mantas, que enegrecem o mar em grande extensão (...)” **[Jornal O Pharol de 09 de junho de 1911 – capa]**

“PEIXE PODRE – Na semana finda foi vendido uma lanchada de tainhas completamente podres. O sr. Fiscal Municipal compareceu ao local proibindo, mas ao virar as costas o peixe continuou a ser vendido.” **[Jornal O Pharol de 24 de maio de 1912 – capa]**

“Enquanto os jornaes de Florianópolis reclamam contra o abuso de se venderem ali as tainhas, este anno, a 1\$200 e 1\$300, em Itajahy continúa o mesmo peixe a ser vendido na banca do Mercado Público a 2\$ e 3\$, sem que providencia alguma seja tomada no sentido de terminar com essa exploração.” **[O Pharol de 26 de junho de 1926 – capa]**

“PEIXE DETERIORADO – Tem sido abundante a pesca de tainhas este anno. A banca tem estado, por varias vezes, abarrotada do appetitoso pescado sem que, entretanto, o preço apparelhe com a abundancia. O que se torna, porem, inexplicavel e estranhavel é que se venha expondo à venda, como succedeu tres ou quatro vezes nesta semana, peixe intirament estragado, sem que a saude publica tomasse a menor providencia a respeito. Pescado que, em qualquer outra parte, não seria permitida a sua exposição á venda, tal o lastimavel estado de deterioração, foi aqui vendido em grande quantidade, a preço bastante elevado. E, no entando , na Prefeitura, para melhor garantia do saneamento da cidade, existe um cargo de inspector sanitario, com os vencimentos de 200\$000

mensaes, que está sendo pago em dia, prova de que o referido, funcionario está em exercício!.” **[O Pharol de 16 de maio de 1934 - capa]**

“O PREÇO DA TAINHA – Decorre, agora, a época da pesca da tainha, que sempre foi considerada, nas populações de beira-mar, tempo de abundância e de satisfação. O que não está ocorrendo, entretanto, êste ano, quando o apreciado pescado vai custando os olhos da cara, só acessível mesmo às bôlsas fartas.” **[O Popular de 01 junho de 1961].**

‘PROGRESSO ACABA COM A PESCA ARTESANAL NA ILHA

O progresso e a carestia foram cada vez afastando mais o homem de suas atividades naturais. A exploração desordenada da natureza e a saturação da mesma condenaram o futuro de algumas atividades, e a lavoura e a pesca foram sendo exterminadas. As pequenas plantações acabaram em loteamento, pois as casas construídas na periferia eram mais baratas e mais acessíveis à população. Os velhos ranchos de barcos na beira das praias deram lugar a casas de veraneio, pois o dinheiro que era oferecido aos pescadores, donos dos terrenos, comprava uma ilusão de morar na cidade e melhorar de vida. Hoje se sentem os reflexos dessa melhora, no desenvolvimento desordenado da cidade e na mão-de-obra ociosa que circula atrás de um emprego assalariado nas construções e atrás dos balcões. **[O Estado de 04 de janeiro de 1981 pag 17]**

“CONFRONTO ENTRE PESCADORES

As embarcações atuneiras revoltam os pescadores artesanais do Litoral do Estado. No início do mês, houve conflito na Praia do Pântano do Sul, em Florianópolis Nesta terça-feira, quase brigaram novamente. Os moradores acusam os visitantes de provocar prejuízo social na localidade.[...] Há cerca de duas semanas, os moradores do Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina, queimaram a rede de um barco de Navegantes, no Litoral Norte. O prejuízo foi de R\$ 30 mil. Ninguém ficou ferido. O clima está tenso também nos municípios de Bombinhas e Porto Belo.” **[Diário Catarinense de 13 de abril de 2002 pag.18]**

“PROIBIÇÃO DA TARRAFA CAUSA REVOLTA

“A proibição da pesca amadora com tarrafa, a partir de 17 de junho, em todas as praias e rios do país foi mal recebida entre pescadores profissionais e amadores de Florianópolis.

[...] Todos concordam que o Ibama deveria dar mais atenção à pesca predatória feita por grandes embarcações com redes de arrasto.”

“Os pescadores da região do Vale do Itajaí receberam a notícia da proibição da pesca amadora com tarrafas com espanto e indignação [....] A Portaria 30/2003 do Ibama torna proibida a atividade a partir de 27 de junho.” **[Diário Catarinense de 18 de junho de 2003 – pag. 22]**

“UMA MONTANHA DE TAINHA NA ILHA

O mar está pra peixe em Santa Catarina. Pescadores da Praia de Naufragados, em Florianópolis, realizaram ontem o maior lance do Estado, com a captura de 34,4 toneladas de tainha. Esse já é um ano histórico, com a pesca de mais de 150 toneladas de tainha em apenas três dias, na Grande Florianópolis [...] Segundo o doutor em ictiologia e pesquisador da Univali, Maurício Hostim, não há registros desta quantidade pescada nos últimos 10 anos.” **[Diário Catarinense de 29 de maio de 2003 pág. 27]**

“GOVERNO ESTUDA DEFESO PARA A TAINHA – Medida pode favorecer atividade artesanal.

O defeso da tainha pode ser implantado pela primeira vez na história da pesca no litoral catarinense a partir de 2006, segundo o gerente regional Sul da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (Seap) em Santa Catarina, Luiz Alberto Sabanay. Os estudos iniciados em março último devem estar concluídos até o início de dezembro, sendo desenvolvidos por técnicos do Ibama. **[Diário Catarinense de 22 de junho de 2005 pag 08]**

‘SEGURO PARA EVITAR FOME

A Instrução Normativa 04, do Ibama, proibiu até 31 de maio a pesca na Lagoa dos Patos, afetada pelas intensas chuvas e redução da salinidade da água. As espécies mais comprometidas foram camarão rosa e tainha. O defeso fora de época, que pode garantir a chegada dos cardumes no litoral catarinense, provocou corrida pelo seguro desemprego na cidade do Rio Grande. **[Notícias do dia de 01 de maio de 2010 pag 14]**

2 - SUPERSTIÇÕES

A - Franklin Cascaes escreveu um opúsculo intitulado “A pesca da tainha na Ilha de Santa Catarina” publicado pelo Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 1978. Nele, Cascaes explica como os pescadores atuam na pesca da tainha, relaciona inúmeras receitas tendo esse pescado como ingrediente principal e fala das superstições tradicionais da camaradagem:

“São muito arraigadas, no meio comunitário onde vivem os pescadores, as superstições. Acreditam muito no “olho de inveja” ou “olho grande”. Nos dias do passado, o número de benzedores aqui na Ilha de Santa Catarina era bastante elevado e muito procurados não só pelos humildes pescadores e suas famílias, como também pelos letrados, diplomados, e gente da alta sociedade.

Quando matavam pouco peixe, atribuíam a culpa aos invejosos e então os benzedores eram chamados para exorcizarem as canoas, as redes, e, até mesmo, as pessoas da família do pescador “malinado”.

[...] Os pescadores desta ilha mantêm uma tradição de que quando vão ao mar não devem olhar para mulheres grávidas, falar em padre, penas de galinha, cobras, tamancos e outras coisas pela razão de que é agouro, por causar um certo abatimento nas suas forças físicas e psicológicas, trazendo, assim, um resultado negativo.

Em certos casos, pescadores que guardam maior poder de superstição consigo, chegam até mesmo a enterrar os peixes que capturaram, em praias desertas, para mostrar que sua embarcação está vazia e nada pescaram. Mais tarde, disfarçadamente, retornam ao local onde enterraram os peixes e vão vendê-lo em outros lugares distantes dali, sem dar conhecimento a ninguém, evitando assim o “mau-olhado”, o “quebranto” e a “inveja”.

B – Franklin Bento teve sua memória de artista e morador antigo da Armação do Itapocorói resgatada por Pedro Bersi no livro “Franklin Bento – causos, bruxas – antigas e novas histórias”. Na obra são relatadas diversas histórias de bruxas, lobisomem, boitatá, assombrações, aparições... demonstrando que o folclore da Ilha de Santa Catarina foi repassado pela tradição oral à pequena comunidade de Penha quando do surgimento da “armação” ocasionado pela invasão espanhola. [página 67]:

“SIMPATIAS – COMO ESPANTAR BRUXA

BENZIMENTO

“... tem o benzimento, né ... e também pra descobrir ela, quando ela chegá na sua casa, que você desconfiá, você pega um pé de chinelo dela e corta tudo, tudo, tudo ... e joga assim prum canto, que ela não veja, que quando ela for procurá, ela já sabe que foi você que cortô, aí ela briga com você.”

CORDÃO-DE-FRADE

“Nesse negócio de bruxa, você pega o tal de cordão-de-frade, compreendeu?... e bota na cabeceira da criança, porque por cima do espinho ela não passa. Porque o benzimento diz assim: feiticeira feitiçosa, orgulhosa... sangue de corpo humano não serve de alimento prum bicho de orvaria, né? E é por cima do telhado, por baixo do silvado.... porque por baixo do silvado ela empaca, e por cima do telhado ela pode voar, mas por baixo se disser: por baixo do telhado ela entra na porta, e pra dizer por cima telhado ela passa por cima.

DEFUMAÇÃO

“... depois tem a defumação, tem arruda, cruz de arruda que se bota, né... até tesouras aberta, agente bota debaixo do trabiceiro da criança; o alho também, porque na catinga do alho ela custa chegá bruxa não come alho, e quem é lambisome também não come alho.”

3 - PREVISÕES METEOROLÓGICAS

Isaque de Borba Corrêa e A. Seixas Netto são dois escritores que deixaram registradas algumas expressões clássicas que integram a “arte de marcar o tempo” dos pescadores do litoral catarinense:

1 – A. Seixas Netto abordou o tema no Boletim Trimensal da Sub-Comissão de Folclore [número 33 – Dezembro de 1980 - páginas 19-20]:

“[...] Os ilhéus se denominavam “matutos”, por conservarem o costume luso de “acordarem com a estrela Matuta”, ou seja, com Vênus Matutina, que equivale a dizer que os matutos acordavam, para as lides da roça e da pesca, alta madrugada, ou pelas quatro horas da manhã, indo o Sol encontrá-los com o serviço quase completo; ou seja, roça capinada na madrugada, vacas ordenhadas, pescarias arrumadas. Há muito que estudar do costume matuto ilhéu. Mas o notável no matuto era a sua Meteorologia, procedente dos seus ancestrais, destros na arte de marcar o tempo, que foram os lusitanos, tanto os da Pátria como os d’Além Mar. [...]:

De manhã, gato lambendo, à noite estará chovendo.
Gato no chão, em rodilha, é frio que vem pela trilha.
Gato estirado no chão, é bom tempo e calorão.
Pássaro voando rente ao chão, muito calor e mormaço.
Muito alto ave voando, alta pressão vai chegando.
Urubu voando em círculo, dando volta à direita, é vento sul à espreita.
Urubu voando bem baixo, à esquerda volteando, é vento norte voltando.
Em manhã vermelha, nem campo nem relha.
Nuvem vermelha, ao sol nascendo, traz chuva forte, ao sol morrendo.
Altas nuvens rabo de galo, para o norte se desfiando, massa fria do sul chegando.
Lanosos cumulus brancos, esparsos do norte vindo, é calor que está surgindo.
Cumulus brancos de lá, esparsos, no céu passando, o bom tempo está chegando.
As galinhas se catando, céu nublado e vento brando.
O galo à tarde cantando, nuvens escuras chegando e temporal se formando.
Galinha a sombra buscando, sol quente e calor vibrando.
Se o galo, de madrugada, canta longo e sonoro, vem [...] dia de sol radioso.
O cachorro enrodilhado, o tempo estará molhado.
O trevo todo fechado, chão úmido e céu molhado.
Nuvem bem alta, mui grossa e vasta, vento forte e tempestade arrasta.
Com cheiro de maresia, tem vento sul neste dia.
Cheiro de barro no ar chegando, é o vento terral resfriando.
Rabo de galo alto torcendo, é ressaca que vem batendo.
Céu pro Oeste esgazeando, muito frio na serraria, muita tainha chegando.
Serenó de manhãzinha, muito calor à tardinha.

O dia calmo e mar crespo, sem grande ondeação, é vento de viração.

2 – Isaque de Borba Corrêa publicou no ano de 2001 o livro “Pirão com milongas” contendo algumas máximas que os antigos gostavam de seguir [página 201]:

“

A neblina quando levanta, leva a água junto.
Ao sueste clareou, vento de lá soprou.
Baleias no canal, terás temporal.
Barcos virão, novas trarão.
Barra roxa em sol nascente, água em três dias não mente.
Céu pedrento chuva ou vento.
Céu rosado ao sol nascendo, traz forte chuva ao sol morrendo.
Céu rosado ao entardecer, traz forte seca no suceder.
Chuva de São João, tira vinho e não dá pão.
Chuva depois do vento, fecha tudo e bota dentro.
Depois da serração baixa, vem sol que racha.
Em abril águas mil.
Em abril, carrega a velha o carro e o carril.
Em outubro manda o boi para o palheiro e o barco para o muro.
Em terra entra a gaivota é porque o mar a enxota.
Gaivotas em terra, tempestade no mar.
Gato lambendo a cara é sinal de bom tempo.
Lua cheia quando sai, come a chuva.
Lua com círculo, traz água no bico.
Lua deitada, marinheiro em pé.
Lua em pé, marinheiro deitado.
Lua nova trovejada, trinta dias é molhada.
Março, marceirão, noite de inverno, e dia de verão.
Não se fie em céu estrelado.
Neblina na serra, chuva na terra.
Névoa alta, água em baixa.
Nordeste duro, pampeiro seguro.
Por mais sol que faça, não deixes a capa.
Quando a cabra espirra, é sinal de chuva.
Quando chove na primeira terça-feira, o resto dos dias será chuvoso...
Quem semeia vento, colhe tempestade.
Sal melado, chuva no telhado.
Sol e chuva, casamento de viúva.
Trovoada do norte e pouco mas é forte”

4 - CAUSOS

1 – Nilson José escreveu em 2007 o livro “Histórias de pescador” com o objetivo de preservar a memória dos nossos pescadores através de pequenas histórias engraçadas. Sobre a pesca da tainha ele publicou uma breve história na página 102:

“BOM DE VISÃO

Que o seu Elpídio era bom para avistar cardume ao longe, isso ninguém duvida. Mas essa foi demais:

Uma vez, ele estava na ponta da Praia de Zimbro, conversando com um grupo de amigos, quando, de repente, mandou:

- Rapazes, podem parar! Podem parar!

E os amigos ficaram em silêncio, observando... e nada! Até que resolveram perguntar:

- Oh, Seu Elpídio! Pode parar por quê? Pra quê tanto silêncio?

E ele respondeu:

- É que “acabou” de pular duas tainhas lá na Ponta de Zimbros ... pulou uma com ova e a outra sem ova...

[Contada pelo Seu Elpídio, de Zimbros]”

2 – Essa foi contada também lá na baía dos Zimbros

Dizem que o Manequinha saiu de Itajaí para pescar no Canto Grande com o Altino, Juarez e Dinho. Acontece que passadas muitas horas de pescaria, todos os amigos pegaram muitas tainhas na tarrafa, menos o Manequinha. Inconformado com sua pouca sorte no dia, enquanto Juarez e Dinho guardavam as tralhas no rancho de praia Manequinha foi com Altino até a peixaria e pediu duas tainhas “das maiores” que era para levar pra casa, porque chegar de mãos vazias não era de seu feitio.

Acontece que aproveitando de uma distração do Manequinha, ao pagar o pescado, Altino colocou dentro da boca dos dois peixes cartões de propaganda da peixaria. O dono da peixaria e Manequinha continuaram conversando normalmente, enquanto enrolavam os peixes em jornal, nada percebendo de anormal nos mesmos.

Chegando no rancho de praia Altino contou para Juarez e Dinho a armação que aprontara para o Manequinha e combinaram que iriam levá-lo em casa e fazer hora até a

patroa do amigo resolver colocar a mão nos peixes para consertá-los. Não queriam perder por nada desse mundo a cara do amigo quando pego na própria mentira.

Chegaram em Itajaí por volta das três horas da tarde e foram logo “cantando” o Manequinha para lhes servir dois dedos da purinha. Enquanto jogavam prosa fora, a patroa pegou as duas tainhas, levando-as para o tanque existente fora da casa, começando a consertar as escamosas normalmente. A conversa mantinha-se animada entre os amigos quando levaram um grande sobressalto com o berro da patroa. Correram para o fundo da casa e lá estava ela, indignada e perplexa, com diversos cartões de propaganda da peixaria de Zimbros em mãos.

As gargalhadas dos três amigos foram tão estrondosas que nem escutaram a conversa mantida entre Manequinha e sua patroa.

Na despedida dos amigos Manequinha dizia e repetia: “Essa tem volta. Essa tem volta!”

3 – Pescando com talão de cheque

Dizem nas Cabeçadas [Itajaí] que ninguém tinha mais sorte na pescaria do que o Seu Genésio. Até nos dias mais difíceis, quando ninguém pegava nada, Genésio pegava um ou dois peixes graúdos para fazer troça com os amigos.

Acontece que a “maré sempre vira” e “mentira tem pernas curtas”.

Certa feita os amigos que tradicionalmente pescavam com o Seu Genésio combinaram uma pescaria de lancha, saindo do Iate Clube Cabeçadas, cinco horas da manhã do dia seguinte. Como fazia usualmente, ainda no dia anterior, Seu Genésio chama em sua casa o Jucílio e encomenda os peixes para serem entregues na ponta do caniço. É que Genésio avisava com antecedência o local da pescaria e Jucílio ia com seu bote na frente, para mergulhar e reservar dentro de uma redinha alguns peixes graúdos para na hora certa colocá-los no anzol do Seu Genésio, de sorte a ninguém perceber o truque.

Acontece que naquela noite o Jucílio “passou mal” e na boa intenção de não deixar o Seu Genésio na mão, ensinou todo o truque para seu filho mais velho, também mergulhador. O problema é que o mergulhador inexperiente, lá embaixo d’água, não soube diferenciar qual a linha do Seu Genésio e no desespero acabou colocando os peixes na linha que avaliou ser do pescador de mais posses, mais abonado, sendo provável ser do milionário Genésio. Sucessivamente, colocou uns dez peixes naquela

linha. Depois, subiu no seu bote e foi para casa satisfeito comunicando para o pai que o serviço tinha sido feito.

No dia seguinte o Seu Genésio bate na porta da casa do Jucílio com ares de quem está muito contrariado e vai logo falando: “Então eu te pago de sempre, e bem, e você me bota peixe no anzol do Rodolfo? Foi a maior pescaria da vida dele, até fotografou para fazer choça com a cara de todo mundo. E dizer qu’eu não peguei um peixinho sequer? Podes me dizer o que aconteceu lá embaixo seu Jucílio?”

Jucílio, que estava mudo, ficou calado. Colocou a mão na barriga, andou devagarinho e com dificuldade, atirando-se novamente na humilde cama. Antes de ir embora Genésio sentenciou ainda da porta da frente da casa: “Pra compensar o estrago, na próxima pescaria quero peixes maiores, hein?! Nem que seja uma tainha!”

5 - A LIMPEZA DA TAINHA

A limpeza da tainha pode compreender diversas etapas, que dependem diretamente do objetivo proposto pelo cozinheiro. De forma geral podemos dividir as atividades desempenhadas na limpeza da tainha nas seguintes etapas:

DESVISCERAR – Ato de retirar todas as vísceras do pescado encontradas na barriga e cabeça.

DESCAMAR – Ato de retirar as escamas do pescado. Também conhecido como escamar.

ESCALAR – Ato de abrir o pescado integralmente pela barrigueira ou costado. Também é utilizada a expressão espalmar – uma referência ao gesto de dispor as duas palmas de mãos abertas. A tainha escalada ou espalmada é uma tainha aberta completamente formando duas partes iguais.

LANHAR – Ato de promover cortes superficiais, verticais, na carne do pescado de forma a facilitar a penetração do tempero.

LIMPAR – Utiliza-se o termo para designar toda a atividade empreendida pelo cozinheiro para deixar a carne do pescado apropriado para consumo. Geralmente no ato de limpeza retira-se: cabeça, escama ou couro, nadadeira, vísceras, barrigueira e espinha. A atividade de limpar o pescado recebe as denominações de governar, arrumar, consertar.

CORTAR – Ato que visa disponibilizar a carne do pescado em postas. Promoção de cortes verticais na carne do pescado de forma a fornecer pedaços mantendo a espinha central do mesmo. Obtenção de postas.

FILETAR – Ato de cortar a carne do pescado no sentido horizontal de forma a obter-se somente a carne, sem a espinha central. Obtenção de filé.

A ordem em que o cozinheiro promove as diversas etapas da limpeza do pescado depende muito da experiência e técnicas do mesmo. Tem pessoa que prefere primeiramente desviscerar o pescado e depois descamar, mas nosso entendimento o mais higiênico é primeiro desviscerá-lo de sorte a não comprometer a consistência e gosto de sua carne com o contato de materiais provenientes do fêo e bucho do pescado. Além das escamas já servirem como uma proteção natural á carne, temos de observar

que o ato de descamar o pescado geralmente força um pouco mais toda a sua estrutura possibilitando rompimentos de órgãos internos, com os respectivos materiais entrando em contato direto com a carne.

6 - DO MAR À MESA

TAINHA NA AREIA

Antigamente, quando ainda existiam muitas praias desertas no litoral catarinense, os pescadores tinham muitas dificuldades para levar as tralhas de pescaria até o costão ou praias. Então, selecionavam com mais critério o que tinham de carregar e o resto era na base do improvisado, principalmente quanto à alimentação do grupo. Nesse tempo era comum assar tainha enterrada na areia.

O pescador faz uma pequena fogueira na areia da praia com madeira colhida no próprio local, principalmente galhadas trazidas à praia pela maré alta. Depois de toda a lenha queimada afasta as cinzas, carvão e um pouco da areia quente, cavando cerca de dois palmos. No buraco coloca a tainha inteira, sem ser escalada para não entrar areia na carne. Cobre o peixe com a cinza, carvão e a areia quente retirados anteriormente e acende novamente a fogueira. Quando a lenha está queimada retira o peixe do buraco com todo o cuidado para a areia não misturar-se com a carne.

Detalhe: como a tainha não é consertada não se coloca tempero durante a assadura, somente na hora de servir. Entre os temperos é mais frequentemente o sal e limão.

Os antigos pescadores da região também costumavam assar tainha na areia da praia enrolada na folha de bananeira. Essa alternativa era mais utilizada em localidades onde existiam ranchos-de-praia e roças próximas ao combro da praia.

A tainha é escalada de forma bem simples, mantendo as escamas como forma de proteção da areia. É enrolada em folhas de bananeira em camadas sucessivas até considerar-se que está bem protegida. Alguns ainda amarram o peixe com *imbras* encontradas na mata.

[Arlindo Fernandes Hansen, Isaque de Borba Corrêa e Franklin Cascaes]

TAINHA NA TELHA OU BAMBU

A tradição de se fazer tainha enterrada na areia da praia foi levada para a casa do pescador com um certo grau de adaptação. Não precisando mais proteger o peixe da areia, dá-se lanhos [cortes verticais] nos costados, salgando a gosto e depois embrulhando a tainha em folhas verdes de bananeira. Assim é depositada em cima de uma telha de calha posta sobre o fogo de lenha ou carvão.

Outros pescadores adaptam uma grelha de bambu para assar a tainha no quintal de casa. Colocam duas forquilhas nas extremidades da pequena fogueira e envolvem a tainha em quatro tiras de bambu [duas para cada lado da tainha] amarradas nas pontas com imbira ou cipó.

[Franklin Cascaes, Magru Floriano, Isaque de Borba Corrêa]

TAINHA FEITA CAMBIRA

Diante da necessidade de conservar a tainha por mais tempo era comum no tempo antigo colocar a carne ao sol. Essa tradição de fazer tainha escalada e seca ao sol é denominada de cambira ou combira.

Para fazer uma tainha combira é muito fácil. Abre-se a tainha pelas costas, deixando a espinha central pender para uma das laterais. Tira-se a cabeça, escamas e vísceras. Deixa-se o pescado por quatro dias de molho na água com sal [salmoura] até que sua carne fique marrom. Tira-se o pescado da salmoura e coloca-se para secar dois dias ao sol.

Com esse procedimento o pescado pode ser guardado, em lugar seco, por até três meses. No caso do pescado ser consumido nos dias seguintes não há necessidade de mantê-lo tanto tempo na salmoura. Muitos pescadores encurtam o tempo da salmoura para até quatro horas. O tempo na salmoura e no varal é que vai ditar a consistência da carne, mais ou menos seca e dura.

Antigamente o pessoal colocava o pescado ao sol em cercas de madeira já existentes na propriedade. Em locais com incidência de muita mosca era comum fazer varais de cipó esticados com longas varas de bambu postas ao meio. Quanto mais alto mais dificultado o acesso do inseto ao peixe. Também era comum fazer uma pequena fogueira com folhas verdes próxima ao varal ou cerca, com menos fogo e mais fumaça.

[Adir da Silva, João Elpídio Serpa, Hélio José da Silva]

TAINHA DEFUMADA

Uma das maneiras de deixar a tainha mais deliciosa é defumá-la. A prática da defumação é pouco utilizada no nosso litoral porque precisa ter uma estufa ou local fechado mais amplo que o forno de barro tradicionalmente utilizado para fazer pão de casa. Atualmente muitas pessoas utilizam a própria churrasqueira como estufa.

Abre-se a tainha pelas costas, sendo opcional retirar as escamas. Recomenda-se retirar a cabeça, deixando as nadadeiras para preservar uma melhor estética do pescado ao servir à mesa. Passa-se sal fino, levemente, na parte interna onde a carne está exposta. Deixa-se uma tarde exposta ao sol e depois coloca-se na cabana de defumação ou na churrasqueira da casa. O peixe tem de ficar em uma boa distância da brasa ou fogo de forma a não pegar calor excessivo e rápido. A tainha deve sofrer mais a ação da fumaça e menos a ação do fogo.

Indica-se a queima de folha verde de goiabeira para dar mais fumaça. O correto é queimar madeira cujo aroma seja agradável. A defumação deve durar cerca de quatro horas.

[Fernando Teixeira]

TAINHA ESPALMADA ASSADA NO FORNO

Existe uma variedade muito grande de preparos da tainha em forno caseiros. Uma forma simplificada de se fazer uma deliciosa tainha espalmada assada no forno começa por abrir completamente a tainha pela barrigueira de forma que fique com duas partes iguais à mostra [espalmada].

Coloque por cima da carne da tainha o tempero preparado em forma de pasta contendo sal, um dente de alho e duas cebolas pequenas raladas, vinagre balsâmico. Para o tempero grudar na carne do peixe sugere-se colocar umas gotas de óleo de oliva na pasta. Deixe o peixe pegando o tempero por cerca de duas horas.

Enquanto a tainha está assando no forno, prepara-se a farofa que vai servir como complemento ao prato principal. Pega-se o par de ovas e cozinha-se em água e sal. Na frigideira faz-se um refogado com cebola, tomate e temperos verdes a gosto, todos cortados em tamanho pequeno. O sal também vai a gosto. Esfarela-se bem as ovas em outro recipiente e misturando-a gradualmente com o refogado até ficar uma massa única. Para deixar mais crocante e seca sugere-se misturar gradualmente farinha de mandioca mantendo a frigideira sobre fogo baixo. Por último, mistura-se dois ovos cozidos e bem picados, azeitona verde picada e milho verde. Não aconselha-se o uso do tomate no refogado porque ele solta muita água e deixa a farofa muito grudenta.

A tainha espalmada pode ser assada no forno ou até mesmo em grelhas de peixes nas churrasqueiras.

[Sílvia Braga dos Santos]

TAINHA RECHEADA COM PINHÃO

Na arte culinária vale tudo, principalmente utilizar de boa dose de criatividade. Por isso mesmo, cada dia que passa experimentamos pratos mais variados contendo a tainha como ingrediente principal. Um prato muito saboroso pode ser obtido recheando a tainha com pinhão.

Conserta-se a tainha pela barriga. Não precisa retirar a escama porque poderá ser assada no forno ou na brasa. Tempera-se a parte interna da tainha com sal misturado no azeite de oliva, deixando descansar por duas horas.

O recheio deve ser preparado da seguinte ordem: refoga-se cebola, alho e pimentão picados. A ova da tainha é pré-cozida em separado e esfarelada, sendo adicionada ao refogado gradualmente. O pinhão também é pré-cozido em água e sal e picado e acionado ao refogado no final. Adiciona-se sal a gosto.

Recheia-se a tainha com esta massa e fecha-se a barrigueira costurando-a, amarrando-a ou prendendo as pontas com palitos de madeira. Embrulha-se em papel laminado e coloca-se para assar em fogo baixo por uma hora ou mais, dependendo do tamanho da tainha e da capacidade do forno ou churrasqueira.

[Thiago Floriano, Sílvia Braga dos Santos]

TAINHA NO CALDO DE FEIJÃO

A tainha é um peixe que combina com praticamente tudo. Dá de fazer ensopada, em caldo, assada, frita... é um peixe bom pra tudo, até assada na folha de bananeira ou no debulho. Tem gente que adora comer tainha com feijão e/ou feita no feijão.

Conserta-se o peixe em postas, tempera-se com pouco sal e deixa-se separado descansando enquanto é feito o feijão nos moldes usuais da casa. Depois do feijão cozido separa-se uma pequena porção de caldo de feijão em uma pequena panela e mergulha-se as postas da tainha no caldo, mantendo a fervura por dez a quinze minutos. A tainha é servida em prato separado e o caldo pode ser utilizado para o pirão com farinha de mandioca.

Contudo, tem pescador que coloca a tainha diretamente na panela do feijão. Nesse caso a tainha é colocada dentro do feijão no final de seu cozimento por tempo não superior a quinze minutos.

[Elza Maria de Melo, Franklin Cascaes]

CALDO DE TAINHA

A tainha é um peixe muito pouco usado para caldo e muqueca. No nosso litoral prefere-se caldo e muqueca de garoupa e peixes de costão. Mas há quem considere a tainha um peixe especial também para a feitura de um bom caldo de peixe. Segundo os entendidos no assunto, a melhor tainha para o caldo é aquela pescada na hora que não passou por sistema de resfriamento e conservação prolongada.

Conserta-se o peixe em postas. Tempera-se as postas com sal a gosto e outros temperos selecionados deixando-as em descanso por algumas horas. É possível deixar o peixe “dormindo” na geladeira de um dia para outro. A melhor panela para se fazer o caldo de tainha é a tradicional panela de barro.

Coloca-se a panela de barro ao fogo contendo uma pequena porção de óleo de oliva ou azeite. Refogam-se os temperos picados: tomate, alho, cebola, salsa, cebolinha verde, sal. Feito o refogado colocam-se as postas da tainha, deixando ferver junto com o refogado até a carne pegar uma cor dourada. Quando a carne estiver tostada a gosto aciona-se água quente gradualmente junto com um generoso ramo de alfavaca. No final do processo aciona-se mais uma pequena porção de temperos verdes como: cebolinha, salsa e orégano.

[Franklin Cascaes, Magru Floriano]

PIRÃO ESCALDADO E LOQUE

O prato preferido para acompanhar a tainha nas nossas mesas é o tradicional pirão. A criatividade do nosso povo não tem limites quando o assunto é o pirão. A forma mais tradicional de fazer pirão no litoral de Santa Catarina é usando a farinha de mandioca misturada com água quente ou caldo. O pirão feito com água fervendo é chamado de “pirão escaldado”; o pirão com água fria é chamado de “Poriscaldado, jacuba, pirão cru, papa”. O pirão feito de água tem o nome de “pirão branco”; o pirão feito de caldo de peixe recebe o nome de “pirão escuro”.

Para fazer-se pirão escaldado sem que surjam aquelas inconvenientes “bolhas de farinha” precisa-se de técnica e muita paciência. Inicialmente, até pegar prática, deve-se trabalhar com água levemente aquecida.

Reserva-se em uma panela menor uma porção de caldo puro de peixe, colocando-a em fogo baixo. Quanto mais escaldado deseja-se o pirão mais intensa tem de ser a fervura do caldo que vai receber a farinha de mandioca. Quando o caldo está na temperatura desejada espalha-se sucessivamente sobre a sua superfície, muito vagarosamente, punhados de farinha de mandioca, mexendo continuamente o caldo com uma colher grande. Aconselha-se o movimento circular da colher. O jeito de espalhar a farinha no caldo é que vai possibilitar a sua perfeita mistura não ocasionando as indesejáveis “bolhas de farinha”. Quanto mais farinha se colocar mais grosso será o pirão. O tempo de cozimento também vai modificar a sua textura.

Muitos gostam de acompanhar a tainha com loque. Loque é uma mistura de café com farinha de forma a obter-se uma papa. No litoral catarinense o loque recebe nomes diversos como: pirão de café, miguelinho, miguéli de café, nolóli, peróca, primiana de café, silivana.

[Magru Floriano, Franklin Cascaes]

PEIXE SECO E CALDO DE PEIXE

“Nessa mesma noite pelas casas dos donos de redes há toda uma faina doméstica: a do preparo e salga do peixe. A *menagère* com as filhas, moças, parentas e outras das famílias amigas da vizinhança, acomodam-se nas cozinhas e nessas amplas varandas de chão dos prédios abastados, em torno do peixe colocado ao centro num grande montão; e cada uma de cócoras, agachada sobre esteiras ou sentada em pequenos cepos de madeira, empunhando uma faca amolada, com a pedra de afiar ao pé para quando se fizer necessária, começa o trabalho da extripação e da salga. Este serviço era feito outrora pelos escravos da casa, homens e mulheres, que tinham longos serões nessas noites hibernais de pesca junto ao braseiro confortável, ardendo e crepitando a um canto nos trafogueiros e toros. Extinta a escravidão, passou ele a ser desempenhado pela família dos pescadores, que, quando se julga insuficiente para dar conta da tarefa, reclama o auxílio da parentela e gente conhecida das proximidades, a qual acode prontamente mediante pequena remuneração.

Mas vejamos o modo por que se realiza o trabalho da extripação e da salga. Postadas a dona da casa e as moças - filhas e estranhas - em volta no montão, conforme se viu acima, a faina principia, pegando cada qual um peixe, que é aberto pelas costas e lanhado em sentido longitudinal desde a altura da cabeça até a cauda, depois de convenientemente extraídas as guelras, as ovas e a banha, como lá se chama a uma pasta gelatinosa que a tainha tem no ventre agarrada à espinha, e a qual derretida dá um azeite espesso e escuro, muito utilizado para luz nesses sítios.

Desdobrada assim a tainha em numerosos lanhos são estes cobertos por uma mancha de sal que é espalhada em toda a superfície das duas bandas cortadas. O peixe conserva a escama, e recebido este preparo se o depõe aberto como fica em grandes balaios de taquara. Todo o serviço se faz com certa rapidez e destreza, sendo que em duas ou três horas um grupo de dez ou quinze pessoas pode escalar de setecentas a mil tainhas. As ovas recolhem-se num balaio menor e à parte, depois de terem levado também uma camada de sal. Durante o trabalho servem-se todos de três gamelas oblongas e de variados tamanhos - uma contendo água, que é renovada de vez em quando, para a lavagem do peixe; outra que recebe as tripas e guelras; e outra, onde está depositado o sal. Os filhos e agregados dos donos de redes, se os possuem, ao chegarem da labuta do mar, atiram-se também ao trabalho de alinhar e salgar, auxiliando as mulheres.

E até à madrugada, nessas cozinhas e varandas inundadas de peixe, há uma alegre algazarra de faina que só termina quando a última tainha é escalada.

A essa hora então, empilhados os balaios cheios a um canto, onde ficam a escorrer, e despejadas e arrumadas as gamelas, pegam-se em oito ou dez tainhas – conforme o número de pessoas – e, preparadas, escamadas e reduzidas a postas, são lançadas à panela para o caldo ou peixada da ceia. O caldo é o peixe cozido em água e sal, com tomate, cebola-verde e poucos outros temperos. É prato simples e comum, mas ali tão bem feito às vezes que constitui excelente repasto. Em geral, ao largar do serviço já a peixada está pronta, pois que fora cuidada anteriormente. Livre e arranjada a varanda, puxa-se um largo estrado portátil, muito usado na roça como mesa para as refeições, e, estendida sobre ele uma pequena toalha alvíssima, que as mais das vezes não cobre senão a parte central, colocam-se os pratos em quadrado, põe-se-lhes ao pé a panela, com a competente colher grande de pau para tirar-se o caldo. Sentados todos os seus lugares, a *menagère* entra a servir – primeiro o marido que está a seu lado, em seguida aos filhos e outros pela gradação das idades. Um molho de laranja-azeda ou limão, com uma porção de pimentas esmagadas, enche ao centro um prato fundo, junto á cesta da farinha forrada de pano por dentro e junto á travessa colossal onde as postas alastram fartamente em montículo. Com o seu prato de caldo em frente às pernas, cruzadas comodamente à beira do estrado, cada um abarrota-o de farinha, deixando porém um lugar aberto, por onde, antes de mexer o pirão, bebe algumas colheradas ... Finda a ceia com uma tigela de café, após a qual todos se vão deitar.

De manhã muito cedo já tudo está de pé e, bebido o “aparado”, arranjam-se os varais no terreiro, tiram-se grandes lascas de embira às bananeiras, rasgam-se estas em fibras finas, faz-se um pequenino furo à faca nas tainhas escaladas e passa-se aí o atilho, unindo-as duas a duas e as estendendo depois sobre as varas para secarem ao sol. As tainhas que têm de um a seis dias de sol chamam-se frescas, porque conservam ainda a umidade da salga; as que passam desse tempo e começam a ganhar uma cor amarelada e uma oleosidade nos talhos endurecidos, denomina-se propriamente secas. Esse peixe no estado frescal é o que há de saboroso; seco porém perde muito do seu valor, sobretudo quando tem alguns meses, pois entra a cobrir-se de uma espécie de polilha e a rançar, o que o torna às vezes intragável. [...]

Durante o inverno, quem atravessa os caminhos que cortam em várias direções as freguesias e arraiais da Ilha, não encontra uma casinha ou choupana em cujo terreiro se não ostente a secar ao sol, em varais, uma multidão de peixe escalado – tainha,

enxova ou palombeta – desenhando um risonho quadro de fartura no meio dessas populações em geral pobres. Preso aos pares pelo atilho de embira, o peixe assim aberto e dependurado às varas delgadas, correndo em linha e horizontalmente sobre estacas a prumo, palpita vagamente ao vento, assemelhando-se, de longe, a enormes bandos de estranhas borboletas gigantescas, de uma cor térreo-amareladas, que pousassem ao acaso entre verdura à frente de cada vivenda.”

[Virgílio Várzea. Santa Catarina – a ilha, páginas 168 - 171]

CAPÍTULO V

REDES, CANOAS E LINGUAGEM POPULAR

*O mar salpicado
como água fervendo para o pirão
é tainha que risca,
salteia, galha e boteia.*

[Magru Floriano]

1 - A FEITURA DE REDES

[Virgílio Várzea. Santa Catarina – a ilha, páginas 159-162]

“As pescarias ativas começam, na Ilha como no continente, pela quadra invernal [...] pois nos meses que se estendem de setembro a abril, o povo [...] entrega-se aos labores agrícolas, só indo ao mar, que é menos fértil então, pelas manhãs ou pelas tardes, a um outro lanço das redes, à pesca a linha ao largo ou junto aos ilhotes vizinhos.

Durante esse tempo, que é o do descanso marítimo, os mestres ou fazedores de redes trabalham desde o alvorecer até à noite, junto às janelas e portas de suas habitações, nos terreiros ou ao longo dos caminhos, torcendo o fio de gravatá que as mulheres fiam nos longos serões pacíficos, à luz fumarenta da candeia, sentadas sobre esteiras de peri a um recanto da varanda ou da sala, ao pé das altas varas polidas encostadas à parede e onde se enrosca, segura por um atilho de embira, a basta meada têxtil, de um vago perfume a cabo novo e semelhante a uma imensa cabeleira alourada, que se abre para baixo em grande pasta fofa onde os dedos feminis, industriais e ágeis, num movimento delicado e sutil, tateiam e unem artisticamente o fio que se enrola ao fuso zunidor girando em impulso contínuo.

O fio é torcido a três pernas num torcedor de madeira movido a mão, e para que não arraste e se mantenha bem tenso, corre sobre quatro ou mais forquilha de pau fino, colocadas em linha e a grande distância uma das outras, um dos extremos atado ao fuso do aparelho, o outro fixo com laçada firme numa estaca distante, fincada para além da última forquilha a meio quilômetro mais ou menos do lugar do torcedor. Neste simples maquinismo portátil que se firma onde se quer, composto de um estrado de tábua de um metro de comprimento e largura proporcional, onde assentam perpendicularmente dois sarrafos paralelos entre os quais se move o volante circular que põe em ação uma polia de cordinha para impulsionar o respectivo fuso, volante tocado à sua vez por uma pequena manivela; neste simples maquinismo, dizemos, o fio é preparado com a maior rapidez e sai tão perfeito e rijo como se fora obra de uma máquina moderna. Sacados do aparelho os vários metros de fio torcido, são emendados e enrolados em grandes novelos que vão pejar depois os cestos dos mestres de redes, em geral velhos marinheiros retirados aos seus sítios após terem passado a maior parte de sua existência

no mar, ou antigos pescadores, encanecidos e de face enrugada pelas rudezas do ofício, os quais enchem com esses novelos as esguias agulhas de madeira com que remendam as velhas redes dilaceradas pela última faina, ou confeccionam as novas para as pescarias vindouras.

A fatura das redes, nesses sítios, é simples e curiosa; e em nossa infância, quando em freqüentes vilegiaturas pela Ilha, a ela assistimos muitas vezes com satisfação, ouvindo, não sem emoção e encanto, a narração real e pura da vida aventureira do octogenário artista marítimo que tínhamos diante de nós [...] O mestre de redes, sentado num mocho ao vão de uma janela, que enquadra alegremente ora uma curva de praia, ora a verdura de prados e montes, com o balaio das agulhas e novelos ao lado lança uma volta de fio a um prego fincado ao batente, e, com a malheira à mão esquerda, a agulha cheia na outra, mascando ou pitando, mas cuspinhando sempre, entra a urdir destramente a rede, que cresce diariamente em braças e braças até às proporções da encomenda. Pronto um dia esse imenso tecido de malhas, que as vagas irão depois envolver longamente nos seus murmúrios ou uivos de cólera ou plangência, cobrindo-o simultaneamente de rendados de espuma, na tempestade ou na bonança – começa o entalhamento, constante da costura de um cabo fino de linho às duas orlas longitudinais da rede, uma toda enfiada de grossos discos de cortiça para fazê-la flutuar, a outra palombada de espaço em espaço de chumbeiros túmidos de areia para a necessária imersão, de sorte que a rede, nos lanços, possa manter-se em perfeita postura vertical à superfície das ondas. E finalmente a colocação, a um extremo e outro, das grossas betas de imbé resistentes à água, pelas quais terá de ser puxada nas enseadas e abras pelos *camaradas* e *ajudantes*, nos repetidos cercos à tainha de corso, pululando e saltando, aprisionada nas malhas, em cardumes enormes.

Cada um desses operários pode fazer, por dia, de duas a três braças de rede se for esta de *arrastar*, pois sua altura comumente não excede de 10 metros. As redes de *arrastar* ou *arrastão*, como lá se denominam, são as que lanceando nas proximidades das costas limpas, onde não há *pegões*, cercam o peixe ao largo e levam-no depois para a praia, onde só podem ser colhidas. Há-as, porém, que mergulham-se e suspendem-se afastadas do litoral em duas ou três canoas: são as de tresmalhão ou *tramail*, como se as conhece em França [...] muito mais radas que as primeiras e cuja urdidura complexa se divide em três panos, dois dos quais de fio grosso e de grandes malhas, com um outro fio fino e de pequenas malhas de permeio. Estas, posto que de menores proporções, são de fatura mais delicada e difícil que aquelas.

A malhadeira de que falamos é uma espécie de régua curta e desquinada, feita em geral de peroba, cuja largura marca o diâmetro exato de cada malha na confecção das redes e sobre a qual a malha se tece no enlaçar dos fios com o auxílio de uma agulha de madeira. A agulha é um pequeno instrumento inteiriço pouco maior que a malheira; tem a forma de uma lançadeira esguia e alongada, mas chata, com um dente comprido e delgado, muito flexível, talhado ao centro do ângulo agudo da ponta, cujo dente se ergue na parte larga da agulha que tem uma minúscula concavidade ao fundo, por onde passa o fio que se encapela no referido dente, quando cheia a mesma agulha.”

2 - A CANOA

[Virgílio Várzea. Santa Catarina – a ilha, páginas 162-163]

“Em frente aos ranchos, erguendo-se de espaço em espaço junto aos cômodos, na sua construção baixa e achaletada, de paredes de pau-a-pique barreadas e cobertos de telha ou palha, vêem-se as grandes canoas de voga (uma para cada rede, comumente), negras e reluzentes de alcatrão, suspensas à proa sobre grossos rolos de madeira, a palamenta embarcada, aguardando o momento de fazerem-se ao mar. À popa de cada uma, sobre o longo paneiro raso, avultam os montículos das redes que se pejão, por entre as duchas negras das betas, os chumbeiros e as cortiças redondas que parecem camândulas imensas de um estranho e gigantesco rosário. Estas embarcações são feitas geralmente de guapurubu (*Schizolobium excelsum*) e de figueira brava (*ficus doliaria*): têm de comprimento de 50 a 60 palmos, por 5 ou 6 de boca, um suplmento de madeira guarnece-lhes a borda de popa a proa – a *bordadura*, que é assentada a meio fio e com verdugo no casco geral da canoa abrindo a boca daí para cima, formando à frente a *sobreproa* e no extremo oposto a *sobreproa*, que é reta e em espelho como um guarda-patrão de bote, ao passo que a primeira é angular e coroada de alto beque. Quatro toleteiras de um palmo de altura, mais ou menos, ornam-lhes os bordos, dispostas duas a cada lado, à distância necessária dos bancos, onde os tripulantes se assentam para remar. O fundo de tais canoas é chato, dando-lhes por isso insignificante calado, o que lhes facilita acesso aos mais baixos canais e praias: não têm quilha, mas apenas um estreito patilhão à proa, a fim de poderem governar bem e bolinar. Para estas pescas de *arrastão* não há embarcações iguais, pois são as únicas que se prestam a ser puxadas em terra com maior failidade, conforme as exigências da faina.”

3 – FAZEDORES DE CANOA NA ARMAÇÃO DE ITAPOCORÓI

[Pedro Bersi – Franklin Bento – causos, bruxas – antigas e novas histórias – pag 52]

ÁRVORES PARA FAZER CANOAS

Por ser profundo conhecedor da nossa mata nativa e sobretudo das árvores da região, Franklin Bento era o preferido pelos fazedores de canoa de Armação de Itapocorói para cortar as árvores usadas na confecção dessas primitivas embarcações.

“Uma ocasião nós cortemo uma figueira deu pra rede tipo lancha, deu canoa bem grande, né! O Ziferino, daquele tempo comprou dois pau lá em Santa Lúdia no Sertão do Busso. Fui eu, o Carolino e o Cucula, fomo derrubá os pau. Ninguém ... eles não garantiro o tombo do pau porque tinha duas pedra em baixo que o pau podia cair em cima. Aí eu disse pra ele se ele garantisse a cortá por trás, eu cortava o pau pela frente e derrubava o pau sem prejudicá a árvore e ... quando o Ziferino ia chegando lá no morro o pau caiu bem no meio das duas pedras. Deu uma canoa, uma canoa grande e deu um batelão ... uma canoa de doze palmo, parece.”

FAZEDORES DE CANOA

“... na Armação o Zé Angelino e o Zé Culadino mas o zé Angelino era o home que fazia a melhor canoa. O Antônio Jacinto também fazia, mas o Zé Angelino foi o home mas fazedô de canoa aqui da região.”

4 - INVENTÁRIO DAS CANOAS NO LITORAL DA FOZ DO RIO ITAJAÍ

O inventário das canoas corresponde apenas às embarcações encontradas no litoral abrangido pelos municípios da Amfri – Associação dos Municípios da Foz do Rio Itajaí – e foi realizado na temporada de pesca da tainha do ano de 2014.

Encontramos 75 canoas feitas de pau único de timbaúva [timbaú – tambaú – timbuva], canela preta, garapuvu [guarapuvu], figueira branca, garuva, cedro. Elas medem entre sete e nove metros de comprimento, com 0,90cm a 1,46m de largura [boca]. Contendo entre dois e cinco remos, com redes alcançando entre 260 e 735 braças de comprimento.

As canoas foram construídas em diversos pontos do litoral catarinense, muitas sendo originárias da Ilha de Santa Catarina, entre 1820 e 2003. Algumas das canoas mais antigas são: Tetéi, Taty, Pequena, Boa Fortuna I, Santa Rosa e Shirley.

CANOAS DE BOMBINHAS

PRAIA DA TAINHA

- 1 - Sophia
- 2 - Surpresa
- 3 - Nova Fé

PRAIA DA CONCEIÇÃO

- 1 - Lívia Maria – fora da pesca
- 2 - Gisele Rosa – fora da pesca
- 3 - não batizada – fora da pesca
- 4 - Itita I
- 5 - Itita II

PRAIA DE MARISCAL

- 1 – Maré Mansa
- 2 – Shirlei
- 3 – Sempre Alerta
- 4 – Samaria
- 5 – Boa Viagem

PRAIA DE QUATRO ILHAS

- 1 - Boa Sorte
- 2 - Boa Fortuna I
- 3 – Nilzete
- 4 – Teimosa – fora da pesca da tainha

PRAIA DOS INGLESES [RETIRO DOS PADRES]

- 1 - Três Irmãs
- 2 - Vista Alegre II
- 3 - Almerinda
- 4 - Artista
- 5 - Luz do Dia
- 6 – Canaã – fora da pesca

PRAIA DA SEPULTURA

- 1 - Taty
- 2 - Aventureira
- 3 - Netinha
- 4 - Prosinha
- 5 - Tetéi
- 6 – Pequena – fora da pesca

BOMBINHAS

- 1 – Espada
- 2 – Nativa
- 3 – Luar de Prata II
- 4 – Vista Alegre
- 5 – Nazaré

BOMBAS

- 1 – Faísca
- 2 – Porto dos Milagres
- 3 – Santa Cecília
- 4 – A Padroeira
- 5 – Santa Paulina
- 6 – não batizada
- 7 – Janaína
- 8 – Saíra
- 9 – Saíra I
- 10 – Rola
- 11 – Estrela do Mar
- 12 – Estrela Dalva
- 13 – Rondonia B
- 14 – Galheta B-I
- 15 – Nossa Senhora dos Navegantes
- 16 – Nossa Senhora dos Navegantes II
- 17 – Nossa Senhora dos Navegantes III
- 18 – Santa Rosa – fora da pesca

MUSEU NAVAL – CASA DO HOMEM DO MAR

- 1 a 18 – não batizadas – fora da pesca
- 19 – centenária – fora da pesca
- 20 – Barreiros – fora da pesca
- 21 – Mariscal II – fora da pesca
- 22 – Gavião – fora da pesca
- 23 – Garça Branca – fora da pesca
- 24 – Baía Sul – fora da pesca
- 25 – Dom Henrique / Mariscal I – fora da pesca
- 26 – Maurino – fora da pesca
- 27 – Espada – fora da pesca
- 28 – Cigana – fora da pesca
- 29 – Jade – fora da pesca
- 30 – Chalana – fora da pesca.

CANOAS DE PORTO BELO

PRAIA DE PORTO BELO [CENTRAL]

- 1 - não batizada – fora da pesca
- 2 - não batizada – fora da pesca
- 3 - não batizada – fora da pesca
- 4 – não batizada – estaleiro no centro – fora da pesca

PRAINHA DO IATE CLUBE

- 1 – não batizada – fora da pesca

PEREQUÊ

- 1 - Amizade

CANOAS DE ITAPEMA

PRAIA CENTRAL DE ITAPEMA

1 - América II

2 – Kalypso

MEIA PRAIA

1 - Vencedora

2 - Gaivota

CANOAS DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ

PRAIA DE ESTALEIRO

- 1 - Fani
- 2 - Espada
- 3 - Garça
- 4 - Campinas

PRAIA DE ESTALEIRINHO

- 1 - Riete
- 2 - Vila Rica

PRAIA DE TAQUARAS

- 1 - Santa Fé
- 2 - Silva
- 3 - Bia
- 4 - Loura

PRAIA DE LARANJEIRAS

- 1 - Yara I – fora da pesca
- 2 - Yara IV [fibra]
- 3 - Princesa [fibra]

PRAIA CENTRAL

- 1 – não batizada

5 – DICIONÁRIO DO PESCADOR DE TAINHA

ABRÊGO – Vento frio.

ADERNAR – Ação da canoa de pender mais para um lado. Quando a canoa inclina mais para um lado diz-se que ela adernou.

ADOÇAR – As redes confeccionadas com fibras naturais [gravatá, tucum...] antes de serem guardadas eram adoçadas. Eram lavadas para a retirada do salitre visando preservar melhor as fibras. Também se obtinha por cozimento ou fermentação uma tinta das fibras do comboatá, pau-ferro, mangue-charuto, aroeira que era passada nas redes para evitar o desgaste com o salitre do mar.

ÁGUA DE BARRELA – 1] Água misturada com cinzas que é fervida e utilizada para branquear as roupas no quaradouro; 2] Café fraco feito com muita água e pouco pó.

AGUACEIRO – Chuva forte repentina e rápida, de pouca duração. Cacau d'água. Carga d'água.' Variação: aguacero.

AGULHA – Equipamento pontiagudo feito de madeira ou bambu utilizado para fazer rede composto de três partes: bundinha, corpo e pinguelim.

ALBITANA – Os panos externos da rede feiticeira.

ALTO MAR – Parte do mar de onde o pescador não consegue avistar a costa.

APOITAR – Ancorar a pequena embarcação com o uso de uma *poita*.

ARAÇÁ – Localidade do Município de Porto Belo com grande atividade das pescas artesanal e industrial. Praia do Araçá. Referência à árvore frutífera nativa.

ARDENTIA – Brilho que a tainha deixa na linha d'água quando se movimenta no período noturno.

ARINCO – Conjunto de apetrecho de pesca composto por uma âncora e uma boia com a finalidade de firmar o espinhel no fundo do mar.

ARIRIBÁ – Árvore cuja madeira é utilizada na carpintaria de ribeira para construção de embarcações.

ARMADOR – Proprietário do barco da pesca industrial.

ARRASTÃO – Designação da pesca promovida nas praias com redes que cercam o cardume e depois são puxadas, arrastadas, até a praia. Pesca de arrasto de praia.

ARRIBAR – Levantar poita. Levantar âncora. Liberar a âncora/poita da embarcação.

ARRIBAR O CARDUME – Muitas vezes o cardume fica parado ao largo, sem encostar na praia. Nesse caso é preciso um vento bom para empurrar o peixe para a praia. Esse movimento do peixe respondendo ao sentido do vento os pescadores chamam de arribar.

ARRUMAR – Ato de limpar o peixe para consumo. O mesmo que: consertar, governar.

ATALAIA - É o membro da equipe de pesca responsável por ficar olhando o mar para alertar a camaradagem sobre a chegada do cardume à praia. Também orienta com panos em mãos a direção que deve ocorrer o cerco. Vigia, olheiro, espia.

AZELHA [azenha] – Parte da cabeça do peixe com carne boa para consumo localizada abaixo dos olhos.

BABUJA [Barrigueira] – Local das vísceras, tripas, do peixe.

BAFUJA – Tempo de pouco vento ou vento muito fraco.

BAGRINHO – Referência a tudo que é pequeno, menor, sem destaque. Pouca importância, pouca quantidade.

BAIXAMAR – Momento da vazante da água do mar fazendo aparecer maior extensão da faixa de areia.

BAIXIO – Local muito baixo no mar ou praia. Crôa, coroa de areia, banco de areia.

BALAIA – Pequeno balaio sem alça utilizado para depósito de frutas, verduras, apetrechos de pesca e peixe.

BALAIO – Cesto feito de fibras de bambu, cipó, piri ou outro vegetal encontrado na região em que é fabricado. Tem duas pequenas alças em suas laterais de forma a possibilitar o transporte de produtos por uma dupla de pescadores.

BALEEIRA – Embarcação feita de tábua de madeira utilizada na pesca da baleia e, depois, utilizada na pesca em geral. Embarcação movida pela ação sincronizada de dois a quatro remeiros. Tem o fundo raso, proa e popa secas. Tem proa e popa em forma de pirâmide [bico], com o centro bojudo. Suas laterais são altas e atualmente é movida a motor central.

BANCA – Local da venda do pescado.

BANDOLEIRO – Diz-se do barco que costuma balançar em demasia. Bамbeia, soçobra, chacoalha [chaqualha].

BARAÇO – Peça de cipó utilizado para confeccionar balaio, balaia, samburá e armadilhas de pesca.

BARCO DE PESCA - Designação de praticamente todas as embarcações envolvidas com a pesca industrial. São embarcações com estrutura maior que suportam a pesca longa em alto mar. São confeccionadas de madeira [principalmente ipê] ou chapa de ferro. Equipadas com motor possante de centro, guindastes e todas as tecnologias modernas, como radar e sonar.

BARLAVENTO – Lado do barco de onde sopra o vento.

BATE-BATE – Estratégia da pesca artesanal. Quando o cardume está cercado os pescadores batem forte com o remo na superfície da água para o peixe **malhar**. As pescarias de “caça de malha” de largo [mar aberto] e de costão utilizam o bate-bate.

BATELÃO – Canoa com no máximo cinco metros de comprimento. Muitas pessoas estranham o nome entendendo que deveria ser chamada de “canoinha”. O nome é aumentativo de “batela”, uma pequena gamela de madeira, redonda, que tem a mesma utilidade do alguidar de argila.

BATERA [bateira] – Embarcação de pequeno porte confeccionada artesanalmente com tábuas de madeira planada. Tem o fundo reto, achatado. Tem bico na proa e prancha na popa. A batera de maior porte tem estrutura à base de cavernas.

BEQUE – Ponta protuberante existente na proa da canoa. Alguns intitulam de alto-beque esta protuberância dianteira da canoa.

BETA – Cordas localizadas nas duas extremidades da rede. A primeira fica em mãos da camaradagem que está na praia enquanto os embarcados jogam a rede n’água. A segunda é lançada para a praia, tendo na ponta o calão, quando se termina de colocar a rede n’água. Essas duas cordas servem para a camaradagem iniciar o trabalho de puxar a rede para a praia.

BIABA [piava, piaba] – Designação genérica de filhotes de peixe.

BOEIRA – Pequena perfuração no fundo da canoa utilizada para tirar água do seu interior quando está no seco da praia.

BOIA-DE-VIGIA – Toda boia utilizada para sinalizar o início e o final de uma rede de espera que está lançada no mar.

BOJO – O corpo interno da canoa.

BOLA DE PEIXE – Grande quantidade de peixe da mesma espécie avistada no mar. Manta, cardume, magote.

BOMBINHAS – Antigo bairro de Porto Belo, atual município que abriga as praias de Bombas, Bombinhas, Lagoinha, Sepultura, Ingleses, Quatro Ilhas, Mariscal, Conceição,

Praia da Tainha. É o município da Região da Grande Itajaí que mantém mais viva a tradição da pesca da tainha na praia.

BORDADURA – Peça de madeira fixada para servir de complemento à borda da canoa. A bordadura é colocada na canoa, enquanto o Talabordão é esculpido no mesmo pau da canoa formando um conjunto de peça única. Borda falsa.

BOTE – Embarcação de pesca que possui praticamente a mesma estrutura da batera, apresentando apenas como diferencial a sua lateral mais alta e o uso da palamenta. Atualmente os botes utilizam motor central.

BOTEAR – É o ato da tainha colocar a cabeça e o dorso para fora d'água quando está nadando. Os pescadores relacionam essa característica da tainha com o nado do boto. Então dizem que a tainha boteou.

BOTO BOM – Termo utilizado pelos pescadores de Laguna para indicar os botos que cooperam com eles na pesca da tainha.

BOTO RUIM – Termo utilizado pelos pescadores de Laguna para indicar os botos que não cooperam com eles na pesca da tainha.

BRAÇA – Medida utilizada para conhecer o comprimento de redes de pesca contendo aproximadamente dez palmos equivalentes a 2,2 metros.

BRAÇA DE RODA - Medida utilizada para conhecer o comprimento da tarrafa.

BUCHEIRO – Equipamento utilizado pelos pescadores embarcados para fisgar e puxar peixes de grande porte para dentro do barco. Geralmente o bucheiro é composto por um cabo alongado de madeira ou metal, com uma fisga em forma de “u” na ponta.

BUNDINHA – Parte final de trás da agulha de fazer rede contendo uma entrada oval para receber certa quantidade de linha.

BUSSARDA [buçarda] – Curva da bordadura da canoa na sua parte mais larga.

CABEÇA DE VENTO – A primeira rajada forte de vento. Os pescadores geralmente são surpreendidos por essa rajada o que a torna especialmente perigosa para quem está pescando em mar aberto.

CABIDAL – Cardume de peixe desproporcional, gigantesco, incalculável. Magutão.

CABO – Designação de toda corda grossa.

CACÃO – Denominação de diversos peixes como mangona, tintureira, cabeça chata, galha preta e martelo. Este último também conhecido como vaca e cambeva.

CACAU – Aguaceiro, chuva forte repentina e rápida, de pouca duração. Utiliza-se a expressão composta “cacau d'água”.

CACEIO – Pesca realizada sem ponto fixo no mar, à deriva. Modalidade de pesca que faz referência ao ato de caçar, procurar o peixe.

CAFÉ CORRIDO – Café puro sem qualquer complemento como açúcar e leite. Aparado.

CAI-CAI – Modalidade de pesca onde o pescador bate na água com o remo ou vara de bambu visando assustar o peixe para ele nadar em direção à rede e ficar preso (malhado) nela. Bate-bate.

CAÍCO – Pequena embarcação que serve de apoio às embarcações maiores. Geralmente o caico é transportado na popa da embarcação maior. Catralho.

CAIQUEIRO – Na pesca industrial o caiqueiro exerce a atividade mais arriscada na pesca da tainha. Ele fica embarcado no caique, pequena embarcação que serve de ponto fixo no mar. Uma ponta da rede é segura pelo caiqueiro enquanto o barco promove o cerco do cardume. A corda inicial da rede é transferida do caique para dentro do barco e fecha-se o cerco.

CAIXA D’AÇO – Praia do Município de Porto Belo reconhecida pelos primeiros navegadores do litoral sul brasileiro como excelente ponto de abrigo das tempestades.

CALÃO – 1] Cabo de madeira anexado nos dois extremos de redes de arrasto de mão ou espera; 2] É a bifurcação do cabo que prende a *manga*, primeira parte da malha ou pano de rede; 3] Cabo de madeira anexado nas duas extremidades do espinhel utilizado em praia ou rio, podendo ser enterrado na areia para fixar o sistema; 4] boia amarrada na ponta da corda que é jogada da canoa para o camarada que está na praia. Boia da beta.

CALDO – Prato típico do litoral à base de peixe e temperos verdes formando uma sopa [caldo]. Utiliza-se a expressão composta “Caldo de peixe”.

CALHAU – Pequena ilha composta apenas de pedra. Pedra que aflora à linha d’água no mar.

CAMARADAGEM – Equipe que fica na praia dando apoio à tripulação da canoa. Os camaradas são responsáveis pelo serviço geral na praia que inclui arrastar a rede, movimentar a canoa sobre a estiva, guardá-la no rancho, recolher a rede após seu uso na pescaria. Companhia.

CAMBÃO – Pau roliço longo utilizado para transportar balaies com peixes e outras mercadorias nas costas dos vendedores ou com o auxílio de animais de carga. O nome é derivado de apetrecho próprio para sistema de tração animal como o carro-de-boi.

CAMBULHÃO – Certa quantidade de peixe transportada utilizando-se uma tira de cipó ou embira que é introduzida em suas guelras. Cambulho. Fiada. Molhe. Penca.

CANEMA – Árvore cujas casca e madeira são utilizadas para confeccionar diversos apetrechos de pesca.

CANGUA – Pequenos peixes de espécies diversas.

CANIÇO – Vara de pescaria geralmente feita de bambu.

CANOA – Embarcação confeccionada artesanalmente a partir de pau único de árvore. No litoral catarinense encontramos com mais facilidade canoas feitas de garapuvu branco e vermelho, cedro branco e vermelho, figueira branca, tambuí [tamari, caxeta], guaruva, timbuva, pau-de-bicho. Devido às restrições dos órgãos ambientais quanto ao corte de árvores atualmente encontramos canoas feitas de eucalipto e de fibra sintética.

CANOA BORDADA – Canoa fraquejada [esculpida] diretamente na madeira de um único tronco de árvore que recebe o acréscimo de apetrechos confeccionados com outras madeiras como é o caso da “bordadura”. Conhecida como “canoa de borda alta” geralmente é de maior porte e trabalha pelo sistema de remo fixo [voga], e por isso também é conhecida como “canoa de voga”.

CANOA DE BORDA LISA – Canoa fraquejada [esculpida] diretamente na madeira de um único tronco de árvore não contendo bordadura ou qualquer outro acréscimo na sua estrutura principal. Conhecida como “canoa comum” geralmente é de menor porte.

CANOA FURADA – Expressão para designar situação difícil, enroscada, perigosa. Diz-se: “Ele entrou em canoa furada”.

CANTO GRANDE – Localidade do Município de Bombinhas que abrange o “mar de fora” – pontal sul da Praia de Mariscal; e o “mar de dentro” pontal sul da Baía de Zimbros.

CAPÊLO – O termo faz referência à parte da proa de uma canoa.

CARDUME – Coletivo de peixe. Os pescadores nomeiam de manta, magote ou mangote, malha, bola de peixe.

CASAR – Expressão utilizada pelos pescadores para designar o ato de colocar duas ou mais redes pescando juntas, em sistema de apoio uma a outra. Na pesca da tainha, quando o cardume é muito grande, preventivamente os pescadores colocam uma segunda rede casada, por fora da primeira, para cercar o peixe que está escapando da primeira rede ou por medo da primeira arrebentar com o peso excessivo do peixe. Lanço duplo.

CASCOTE - Corvina pequena, filhote. Corvinhota, corvinota.

CASTANHA – Peça de madeira utilizada no interior da canoa para fixar a toleteira.

CATRALHO – Pequena embarcação que serve de apoio às embarcações maiores. Geralmente é transportado na popa da embarcação maior. Caíco.

CATUTO – Fruto seco utilizado para confecção de cuia [cabaça, coité] ou boia de rede.

CEGADO – Termo utilizado pelo pescador de tarrafa quando ele faz um lançamento sem ver se tem ou não tem peixe. Joga no escuro, sem referências. “Tô cegado”.

CERÃO [serão] – Sistema de carga utilizado sobre a garupa de cavalos. No transporte do pescado na Praia da Tainha era usual a cangalha ser composta por dois grandes balaios. Cangalha, jacá.

CHACHO – Âncora confeccionada utilizando-se três ripas de madeira cruzadas e amarradas ao centro a uma pedra. Fatecha.

CHALUPA – Embarcação de maior porte utilizada na pesca artesanal. Tem chapa larga na popa e bico na proa. O fundo é chato. Diferencia-se da *Baleeira* por ter a proa larga e não ser bojuda. Atualmente recebe motor de centro.

CHUMBADA – Apetrecho responsável por obrigar a rede a ficar depositada no fundo do mar visando cercar completamente o cardume da tainha. Apesar de receber genericamente o nome derivado de chumbo nem sempre esse apetrecho é constituído por este material. No nosso litoral é comum encontrarmos redes com pesos feitos de argila cozida e areia.

CHUMBELEIRO [chumbeiro, chumbereiro, chumbeireiro] – Membro embarcado responsável por lançar ao mar a parte mais pesada da rede na hora do cerco da tainha.

CHUMBEIRO – saquinhos de tecido grosso [lona] cheios de areia de praia. Utilizados em muitas redes de pesca de arrastão de praia no lugar de chumbo ou peso de argila visando fazer menos barulho na hora de lançar a rede ao mar.

CHUMBO DE AREIÃO – Pesos feitos de pequenos saquinhos de areia de praia acoplados ao calão da rede em substituição à tradicional chumbada. Muitos mestres de pesca preferem o saquinho de areia à chumbada tradicional porque faz menos barulho na hora que a rede entra em contato com a borda da canoa.

CHUMBO DE ARGILA – Pesos feitos de pequenas peças furadas de argila cozida acopladas ao calão da rede em substituição à tradicional chumbada.

CILIBRIM – Facho de luz utilizado na pesca noturna. Substituiu a pomboca. É composto por farol e bateria de carro ou caminhão. Alguns pescadores promovem suas próprias adaptações e utilizam lâmpadas caseiras, principalmente na pesca do peixe-espada.

CINZEIRO – Brilho do cardume à flor d'água que possibilita sua localização no período noturno. Geralmente o cinzeiro é ocasionado pelo reflexo da lua no costado do peixe que está boiando na superfície.

CLARO – Período em que os pescadores de mar aberto evitavam a pescaria por causa da dificuldade em localizar os cardumes devido à forte luminosidade da lua. Seu contraponto é o “escuro”.

COCA – Pequeno saco de rede fixado a uma grande argola de metal presa a um cabo de madeira. Muito utilizado para pescar siri na beira da praia ou para ajudar a embarcar peixes de grande porte fígados em linha de mão.

COCORESTE – Vento forte que sopra do oeste.

COLÔNIA DE PESCADORES – Entidade que congrega os pescadores envolvidos na pesca artesanal. O litoral brasileiro é dividido em zonas de pesca, sendo atribuída a cada uma delas uma jurisdição de colônia de pescadores. Porto Belo conta com a Colônia de Pescadores Z-8; Itapema tem a Colônia de Pescadores Z-7 e Balneário Camboriú a Z-6. Os pescadores envolvidos com a pesca industrial possuem entidade intitulada de Sindicato dos Pescadores.

COMBIRA [cambira] – Tainha escalada, salgada e posta para secar ao sol durante alguns dias. Também conhecida como: tainha de vento, tainha de sol, tainha seca e tainha escalada de sol.

COMBRO – Parte mais alta da praia onde as ondas geralmente não alcançam. Redução de cômodo.

COMPANHA - Equipe que fica na praia dando apoio à tripulação da canoa e responsável pelo arrasto da rede até a praia. Camaradagem.

CONDUTO – Qualquer tipo de alimento que serve como acompanhamento ao prato principal, como carne, linguiça e ovo. O peixe é um conduto do pirão d'água.

CONGÁ – Pequena sacola que o pescador de tarrafa usa lateralmente para guardar os peixes. Variações: Mariana, bungá, sapiquá.

CONSERTADA – Para enfrentar o frio na beira do mar os pescadores inventaram a bebida que ajuda a esquentar o corpo. Ela é feita com café “passado” e cachaça, recebendo alguns ingredientes a gosto, como: açúcar, canela, erva-doce, cravo e gengibre, vinho. O nome surgiu por conta das mulheres utilizarem o café do dia anterior para fazer a mistura dizendo que estavam “consertando” o café passado.

CONSERTAR – Limpar o peixe para consumo. Arrumar, governar.

CONTRAPROEIRO – Remeiro que senta no segundo banco de proa da canoa, após o proeiro. O Contraproeiro sempre senta e rema no lado contrário ao proeiro.

COPO – Terceira parte da rede, aumento da largura da rede após o **Encontro**. Trecho que fica no meio da rede e forma um bojo em formato de **copo** para receber a maior parte do pescado a ser arrastado até a praia. Na rede de tainha é comum confeccionar o copo com malha sete. Sacador.

CORDEIROS – Localidade do Município de Itajaí às margens do Rio Itajaí onde é tradicional a pesca da tainha com tarrafa e fisga.

CORDOARIA – Todas as cordas utilizadas na atividade de pesca de arrasto.

COROA – Banco de areia, lugar raso no mar, baixio. Crôa.

CORTAR – Cortar a rede é o ato de suspender a tralha de chumbo junto com a tralha da cortiça para o peixe ficar preso na rede. O corte de rede sempre acontece quando o peixe já está no raso da praia.

CORTIÇA [curtiça] – Designação genérica utilizada pelos pescadores para denominar todas as boias utilizadas em redes. Apesar do nome a maioria dessas boias é confeccionada com madeiras leves da própria região, como é o caso do garapuvu e madeiras de mangue.

CORTICEIRO - Na pesca industrial o corticeiro e o chumbereiro são responsáveis por preparar a rede para o lanço. O corticeiro arruma a parte de cima da tralha contendo as boias; o chumbereiro arruma a parte de baixo da tralha contendo os pesos.

COSTADO – Parte lateral da canoa.

CRESCENTE – Malha falsa que possibilita crescer o carreiro da malha fixa na hora da confecção da tarrafa. É o crescente que possibilita confeccionar a tarrafa em forma de pirâmide. Uma tarrafada iniciada com a medida de sessenta malhas começa a receber o crescente depois da terceira carreira. Ele é intercalado a cada cinco malhas até a carreira que vai ficar a um metro do final da rede. Crescido.

CRIOLA [crioula] – A maior tainha cercada na praia reservada ao vigia como premiação especial.

CRÔA – Banco de areia. Lugar raso no mar. O termo é uma redução de coroa.

CUIA – Pequeno recipiente que o pescador deposita no fundo da canoa e que serve para tomar água e até retirar água do fundo da embarcação que não possui um furo apropriado para essa atividade. É feita da metade de um Catuto.

CURRICO – Modalidade de pesca com o barco em movimento, na corrida.

DEBULHO – Recheio utilizado pela culinária catarinense nas tainhas assadas.

DEFENSA – Boias penduradas nas embarcações visando a proteção física de suas laterais quando estão amarradas ao trapiche e/ou ladeadas por outras embarcações.

DEFESA – Peixe sem valor comercial que é distribuído aos mais pobres da localidade.

DESOVA – Momento da postura do peixe. Ato do peixe liberar sua ova n'água.

DESPESCAR – Retirar os peixes que ficaram presos na malha da rede.

DINÂNI – Peixes de espécies pequenas. Misturinha.

EMARETADO – Estado de mal-estar físico motivado pelo balanço da embarcação. Enjoado, mareado.

EMBALÇAR [embalsar] – Técnica de guardar o peixe escalado de forma a prolongar sua vida útil. O peixe escalado é guardado de maneira que o costado de um peixe fique em contato com o costado do outro peixe e a carne também só tenha contato físico com a carne do outro peixe.

EMBATE – Local da costa que protege a embarcação da tempestade.

EMBAÚVA – Árvore cujo tronco fino é utilizado para fazer o “rolo” e a “estiva” para as canoas.

EMBICAR – Colocar a canoa em certa direção. Dar rumo à canoa.

EMBIRA – Fibra obtida de casca de árvore ou cipó própria para confecção de rede, corda e apetrechos de pesca.

EMPATAR – Dar nó na linha para segurar o anzol. Diz-se que o anzol seguro a uma linha está empatado.

ENCALA – Fio que une o pano morto à tralha da rede.

ENCARANGADO – Diz do pescador que está sofrendo a ação do frio intenso na praia.

ENCONTRO – Segunda parte da rede, aumento da largura da rede após a **manga**. Trecho intermediário da rede entre a **manga** e o **copo** ou **sacador**. Geralmente nas redes de tainha é confeccionada com malha oito ou nove.

ENGODO – Ceva composta por restos obtidos na limpeza do pescado. O engodo é jogado ao mar para atrair o peixe a um determinado local de pescaria ou para armadilhas previamente colocadas. Isca grande utilizada sem anzol. No litoral catarinense também é feito engodo triturando-se ostras, berbigões e mariscos.

ENLEAÇADA – Grande confusão de linha ou corda apresentando nós e voltas feitas sobre si mesma. Massoroca ou mossoroca, inliaçada, embaraçada, enosada.

ENTRALHAR – Ato de colocar cortiça ou chumbo na tralha da rede de pesca.

ENTUPE – Forte cerração vinda do mar.

ENXÓ – Machadinha concavada, cabo curto, utilizada para construção de canoas.

ESCALAR – Ato de abrir o peixe durante sua limpeza. Pode-se escalar o peixe pela barrigueira ou pelo costado.

ESCAMAR – Retirar as escamas da tainha. Descamar.

ESCURO – Período em que os pescadores de mar aberto aproveitam para pescar por considerarem ser mais fácil localizar os cardumes à flor d'água porque a luminosidade da lua não está muito forte. Seu contraponto é o “claro”.

ESMILINGUIDO [dismilinguido, ismilinguido] – Estado do pescado que perde seu valor devido ter sofrido alguma ação que alterou sua consistência, forma. Diz-se de um pescado mal conservado e maltratado dentro da embarcação que “este está dismilinguido”.

ESPANÁ – Momento em que a tainha se mostra à vista do pescador. Quando o pescador vê o cardume diz-se que a tainha “espanô”. Mostrar, aparecer.

ESPANARIA – Grande quantidade de peixe saltando para fora d'água ao mesmo tempo.

ESPELHO – Pequena peça de madeira utilizada como superfície de apoio e decoração interna. Algumas canoas possuem espelho de proa e espelho de popa.

ESPIA – 1] Ponto alto escolhido estrategicamente para abrigar o vigia, durante a pesca da tainha nas praias. Ponto de observação; 2] vigia, atalaia, olheiro.

ESPICHA – Instrumento feito de pau com ponta bem fina que é introduzida na tralha visando obter um orifício para colocar a chumbada. Também é utilizado pelos pescadores para desfazer nós bem apertados na cordoaria de bordo.

ESPINHEL – Modalidade de pesca que consiste em amarrar uma grande quantidade de anzóis em uma corda e soltar à deriva no mar com uma ponta amarrada na embarcação e outra ponta amarrada a uma boia com bandeira de sinalização. O espinhel é guardado dentro da embarcação com os anzóis espetados em ordem na borda de um balaio. No litoral de Santa Catarina existem muitas variações na pesca com espinhel, como o espinhel sendo puxado para dentro do mar por pandorgas e o espinhel fixo na praia por um calão enterrado na areia.

ESTILAR – Ação de fazer a água do peixe consertado escorrer.

ESTIVA - A estiva é um rolo de tronco de embaúva cortado ao meio. Pedaco de tronco de palmeira utilizado como base na hora de empurrar a canoa na areia da praia. Ela evita que a canoa enterre-se na areia da praia quando está em movimento. Geralmente os pescadores passam banha ou graxa na parte central da estiva onde está apoiada a canoa.

ESTIVADO – Conjunto de estivas colocado na praia para movimentar a canoa de sorte a ela não imbicar e enterrar-se na areia.

ESTOPA – Comida ensopada feita com carne de peixe desfiada.

ESTROVO – Pequeno anel feito de corda para acoplar o remo de voga no tolete, facilitando o apoio na remadeira da canoa.

FACÃO - É a tainha magra, cabeçuda, que guia o cardume. Ela que “saltei” na frente do cardume e por isso serve de referência para o vigia localizar os cardumes que estão chegando à praia. Usa-se o termo composto: tainha-facão. Xingó.

FACHEIRO – Designação dada ao pescador que segura o fachelete [facho] em suas mãos na pesca noturna com fisga.

FACHILETE [fachelete] – Lanterna utilizada na pesca noturna com fisga. O pescador que opera o facho é conhecido como facheiro. Facho.

FALQUEJAR [fraquejar] – O ato de esculpir a canoa no tronco com enxó.

FATECHA [fateixa, fatexa] – Âncora que utiliza duas ou três galhadas de ferro. Muitas redes de espera são seguras ao fundo do mar por fatechas. É utilizada apenas em pequenas embarcações. Chacho.

FEITICEIRA – Tipo de rede contendo três malhas. Um pano de rede mais miúdo no centro, revestido por dois panos de rede com malha mais grossa [bitana]. Geralmente as redes de fora usam malha 20 e a rede de dentro usa a malha 11. Esse tipo de rede é proibido porque pega tudo que é tipo de peixe indiscriminadamente, pequeno ou grande. Nada escapa, de cangará a tartaruga e tubarão. Tresmalhão.

FERRAR – Capturar o peixe com anzol. Quando o peixe fica preso ao anzol diz-se que o peixe está ferrado.

FIADA – É comum no nosso litoral a prática de transpassar uma tira de embira por entre as guelras dos peixes para transportá-los. O conjunto do peixe carregado por esse sistema é chamado de fiada, molhe, penca, cambulhão.

FIEIRA – Corda que une a tarrafa ao pescador. Geralmente uma de suas extremidades é amarrada ao punho.

FIMIANA – Um variação na feitura de pirão utilizando farinha de mandioca e caldo de feijão. Variações: Primiana de feijão, pirão de feijão.

FISGA – Instrumento utilizado na pesca da tainha. Consiste em colocar uma peça de ferro acoplada a um cabo de madeira roliço, amarrado a uma corda com seu início envolto ao punho do pescador ou a um ponto fixo da canoa. Existem diversos tipos de fisgas, variando entre 3 e 6 dentes.

FRESCAL – Peixe governado, salgado, mas ainda não posto ao sol para secar. Um estágio anterior à cumbira.

FUMEIRO – Local da casa localizado entre o fogão à lenha e o telhado que é utilizado para pendurar o frescal para fazer peixe defumado.

FUNDURA – Distância encontrada entre a linha d'água e o fundo do mar. Profundidade.

FUZILAR – Interpor um pedaço de arame entre o anzol e a linha de pesca de modo a dificultar a ação de peixe que tem facilidade em cortar a linha quando já está ferrado, como é o caso do baiacu.

GALHEAR – É o ato da tainha de colocar o rabo para fora da água movimentando com energia e deslocando água. Os pescadores dizem que a tainha galheia ou galha.

GARAPUVU – Árvore usada para construção de canoas e apetrechos de pesca como as boias de redes genericamente conhecidas como cortiças. Variações do termo encontradas no nosso litoral: Guapuruvu, guarapuvu, gapuruvu, gurupuvu, gupuruvu.

GARATEIA – 1] Tipo de anzol triplo geralmente utilizado na pesca do peixe-espada; 2] Tipo de âncora com uma galhada de três ferros na ponta.

GELADOR – Na pesca industrial o gelador deposita o peixe capturado no porão do barco entre camadas sucessivas de gelo. É o responsável pela conservação do pescado.

GOLPE DE AR – Ar frio em lufada, correnteza, friagem, friage. Ramo de ar.

GOVERNAR – Limpar o peixe para consumo. Consertar, arrumar.

GRADO – Graúdo, grande.

GRAVATÁ – Planta da qual se retira a fibra utilizada na confecção de fios para redes de pesca.

GRUDE – Toda comida mal preparada ou com sabor e estética ruins. Diz-se que o pirão mal feito ficou um grude. Referência à cola porque muitas crianças na falta de cola industrializada improvisam na confecção de pandorgas colando a seda com arroz cozido esmagado ou pirão de farinha de mandioca.

GUASCAÇO – Pancada de chuva forte.

IMBICAR [Abicar, embicar] – 1] Colocar o bico para a frente. Posicionar-se de frente ao local para aonde pretende mover-se. Indicar direção a ser seguida; 2] Movimento da proa da canoa para baixo de forma a se enterrar na areia ou água.

IMBIRA [embira] – Cascas de diversas árvores que são utilizadas para confecção de corda, rede, cesto e tralha de pesca.

INFORRUSCADO – Diz-se do tempo nebuloso, ameaçando trovoadas.

ISCA – Todo tipo de carne ou vegetal que o pescador utiliza para atrair o peixe ao anzol ou armadilha.

ISQUEIRO – Parte de uma tainha dividida entre camaradas que participam de um lanço muito pequeno. O isqueiro pode ser feito em posta ou em corte lateral pelo meio.

JACUVA [jacuba] – Uma variação na feitura de pirão utilizando farinha de mandioca com água fria. Pirão papa, pirão cru, poriscaldado.

JAJIGO [jajibo] – Movimento cíclico das ondas da praia em que o mar se acalma e os pescadores aproveitam para colocar a canoa n'água.

JERBO – Barbante, fio industrializado para confecção de redes e cordas.

JIRAU - Estrutura feitas com varas de bambu ou paus finos para estender as redes ao sol antes de serem novamente guardadas no rancho-de-praia no final da safra. Cama de varas. Varal de rede. Tendal. Estrado elevado.

JORNALERO [jornaleiro] – Trabalhador contratado por jornada, por dia ou por cota de trabalho. Alguns consideram os camaradas como jornaleros.

LAGAMAR – Ponto entre dois bancos de areia onde se forma uma depressão, buraco. Local do repucho.

LAGOA DO CANTO – Lagoa existente até a década de 1960 no Pontal Sul da Praia Central de Balneário Camboriú onde atualmente corre o canal do Marambaia.

LAMBE-DEDO – Prato obtido no cozimento de arroz com marisco na casca. O nome de lambe-lambe deve-se ao fato de que a pessoa tem de pegar o marisco com a mão para poder degustá-lo.

LANÇO – 1] Denominação dada pelos pescadores ao ato de jogar [lançar] ao mar a rede de pesca; 2] Todo o trabalho de pesca de arrasto na praia. Usa-se o termo: “Foi dado um grande lanço na praia” ou “Fizemos um lanço de seis mil tainhas”.

LANHO – Corte vertical superficial realizado nas laterais da tainha já descamada para facilitar a penetração do tempero. O conjunto de lanho chama-se lanhadura. Talho.

LAVADIO – Maré subindo. Maré alta.

LESTADA – Na maioria das praias de nossa região vento leste é sinônimo de mar grosso, impróprio para a pesca. “É vento de fechar a porta”. Na pesca da tainha, muitas vezes não se consegue colocar a canoa n'água, as correntes mudam e o vento empurra o peixe pra fora da praia.

LOQUE – Mistura de café passado com farinha de mandioca formando uma papa bem mole. Variações: pirão de café, miguelinho, miguéli-de-café, nolóli, peróca, primiana de café, silivana.

MACÔA – Tainha ovada de maior porte. Seria a tainha-fêmea de grande porte em contraponto com *maranhão* que é a tainha-macho de tamanho muito especial.

MAGOTE [mangote] – O mesmo que cardume à flor d'água, manta, bola de peixe, malha.

MAGUTÃO - Cardume de peixe desproporcional, gigantesco, incalculável. Cabidal.

MALHA – 1] A parte da rede constituída pelos fios transados. O mesmo que *Pano*; 2] Cardume. Magote. Manta de peixes.

MALHAR – O ato da tainha ficar presa à malha ao tentar escapar do cerco da rede.

MALHEIRO [malheira] – Peça de madeira utilizada para medir o tamanho da malha da rede. Maieira.

MALINADA – Pessoa que está sofrendo da ação de “olho grande” e inveja, ou está com azar, precisando ser benzido.

MANGA – Primeira parte do pano de rede ligada ao cabo pelo *calão*. Na rede da pesca da tainha geralmente é feita em malha onze.

MANJUVA [manjuba] – Espécie de peixe muito pequeno que vive em grandes cardumes nas águas próximas à costa. Por ter o formato parecido com a sardinha muitos confundem como filhotes da espécie. A pesca industrial usa a manjuva como isca viva na captura do atum.

MANTA – O mesmo que cardume à flor d'água, magote, malha, bola de peixe.

MAR AZUL – Local do mar onde a água é mais azul diferenciando muito da água barrenta próxima da costa. Fica visível a linha divisória entre as águas por causa da mudança de tonalidade.

MAR CHÃO – Mar muito calmo, sem ondas, liso. Mar de almirante.

MAR DE LAVADIO – Mar que está no horário do lavadio, subida da maré. Mar que lava praia e costão.

MAR GROSSO – Mar apresentando ondas muito altas.

MAR MEXIDO – Mar agitado pelo vento, picado.

MARANHÃO – Denominação dada à tainha de grande porte. Aquela tainha com mais de cinco quilos geralmente macho.

MAREADO – Diz-se do pescador que ficou enjoado com o balanço da embarcação. Marejado.

MAREZIA – 1] Cheiro de mar; 2] Ar úmido e salgado que vem do mar trazendo salitre que provoca corrosão em superfícies metálicas. Quando um carro ou grade de ferro enferruja diz-se que sofreu a ação da maresia.

MARIADA – Surgimento inesperado e rápido de um cardume à flor d'água.

MARISQUEIRA – Designa a fazenda marinha especializada no cultivo de marisco. No litoral de Santa Catarina essas fazendas também criam vieira e ostra.

MARMANSO – Mar calmo, sem ondas.

MAROLA – Pequena onda produzida pela passagem de uma embarcação.

MATO DE CAMBORIÚ – Antiga denominação do litoral do Município de Camboriú que compreendia as atuais praias de Estaleiro, Estaleirinho, da Ilhota e do Plaza.

MEEIRO – Pescador que cuida do pano da rede. Recebe o nome porque geralmente fica sentado no banco do meio da canoa.

MESTRE – Na pesca industrial o **mestre** é o responsável legal pela embarcação e tudo o que ocorre durante a pescaria. É pessoa de confiança do proeiro e por isso usualmente é indicado por ele.

MIUDEIRA – Rede com malha muito miúda geralmente proibida pelos órgãos ambientais.

MOTORISTA – Na pesca industrial é o profissional responsável pela manutenção e funcionamento do motor da embarcação.

NALHO – Linha de Nylon

NAVEGANTES – Antigo distrito e bairro de Itajaí, atual município que abriga as praias de Navegantes [antiga Praia de Itajahy] e Gravatá.

NIJE – Corda da âncora.

NISQUINHA – Pequena porção de alguma coisa. Quando o lanço resulta em pouca tainha diz-se que foi pega uma nisquinha de peixe.

NORDESTÃO – Vento nordeste muito forte.

OLHEIRO - É o membro da equipe de pesca responsável por ficar olhando o mar para alertar a camaradagem sobre a chegada do cardume à praia. Também orienta com panos em mãos a direção que deve ocorrer o cerco. Atalaia, vigia, espia.

OLHO – Parte da tarrafa que se junta à fieira.

ORAÇA – Pequena alteração obtida na superfície da água parada. A oração pode ser obtida por um mergulho, lançamento de linha de pescaria, o saltio do peixe. As crianças gostam de jogar pequenas pedras na superfície d'água de forma que elas vão salteando e deixando orações pelo caminho.

PALAMENTO – Sistema de remo duplo manipulado por apenas um remeiro. O remeiro utiliza um remo em cada lado, se posicionando de costas à direção que conduz a

embarcação. Usa-se o termo no feminino [palamenta] para designar o conjunto de apetrechos, equipamentos da canoa.

PAMPEIRO – Vento forte vindo dos Pampas.

PANEIRO RASO – Fundo falso da canoa onde é depositada a rede e suas tralhas. Coloca-se o paneiro principalmente em embarcação que tem rachaduras ou não fica abrigada em rancho-de-praia, visando preservar a rede da água que fica acumulada no seu fundo. Tafulho.

PANO – A parte da rede constituída pelos fios transados. O mesmo que *Malha*.

PANO MORTO – 1] Final onde se concentra a rede para ser ligada à tralha por intermédio da *Encala*; 2] Parte central da tarrafa que é considerada morta porque dificilmente a tainha malha neste ponto do equipamento.

PAPA-BAGRE – Antiga denominação do morador do Município de Itajaí, incluindo o distrito de Navegantes. Depois denominação exclusiva dos habitantes do Município de Navegantes.

PAPA-LAVAGEM – Embarcação artesanal rústica. Tem proa e popa molhada. Completamente reta com o fundo reto e liso. A menor das embarcações do nosso litoral. Geralmente é utilizada para o transporte de apoio às embarcações que ficam fundeadas ao largo, nas enseadas, rios e remansos. Muito utilizada na pesca de ribeira que utiliza a puçá para capturar siri.

PAPA-SIRI – Designação do morador do Município de Itajaí. Muitos estendem o nome aos moradores da praia de Balneário Camboriú.

PARAPAU – Pequena peça afixada no fundo da canoa para apoiar o mastro da vela de canoas adaptadas para este fim.

PARATI – Pescado encontrado durante todo o ano nas praias catarinenses. Tem a aparência de uma pequena tainha do corso. Muito capturada na pesca de tarrafa em praia e costão.

PARCEL – Ponto de referência dos pescadores para a pescaria no mar. Local previamente conhecido dos pescadores do litoral cujas coordenadas são passadas pela tradição oral de geração a geração. Exemplo: Parcel “Amola Faca”. Nesses locais está garantida a pescaria por abrigarem um arrecife, pedras submersas. Uma modalidade de *pesqueiro*.

PARELHA – 1] Dupla de embarcações da pesca industrial que atua em sincronia na ora da captura do pescado; 2] Conjunto formado pela canoa e sua respectiva rede e apetrechos.

PATILHA – O mesmo que *Quilha*. Parte externa do fundo da canoa. É a parte que serve de base para a canoa correr na carreira de estiva ou rolo.

PATRÃO – Proprietário da canoa e/ou rede. Muitas vezes encontramos proprietários diferenciados para o rancho-de-praia, canoa, rede e apetrechos de pesca.

PATRÃO DE PESCA – É o remeiro que fica na popa da canoa e comanda o grupo embarcado. O remo que utiliza é mais largo que os outros porque faz o papel de leme. Por isso também é chamado de remo-de-governo. Popeiro, mestre.

PÉ-DE-VENTO – Ocorrência de vento muito forte. Vendaval.

PEGÃO – Buraco na rede, avaria, rasgo.

PEIXADA – Promoção de evento culinário à base de peixe e frutos do mar. O prato principal é composto de caldo de peixe.

PEIXE BOIADO – Expressão que designa a posição do cardume mais na superfície, na linha d'água.

PEIXE DO CEDO – Identificado como aquele peixe que chega às praias do Litoral Norte de Santa Catarina no primeiro mês da safra da tainha. É um peixe que ainda está com energia para desenvolver o curso e por isso é considerado pelos pescadores como um peixe “assustado”, “nervoso”.

PEIXE DO TARDE – Identificado como aquele peixe que chega às praias do Litoral Norte de Santa Catarina no último mês da safra da tainha. É um peixe que está cansado, geralmente fazendo o retorno da migração e por isso é considerado pelos pescadores como um peixe “cansado” e calmo. Menos suscetível à reações bruscas e fortes.

PEIXE MALHADO – É o peixe que fica preso na malha da rede.

PEIXE SECO – É o peixe escalado e salgado, colocado ao sol por alguns dias para perder água e aumentar sua vida útil. Combira, cumbira.

PERAU – Local da praia ou costão onde já não dá mais pé e a pessoa tem de nadar. A expressão é sempre utilizada no sentido de perigo. Local no mar ou rio onde existe buraco grande, profundo.

PERNINHA MOLE – Termo que os pescadores utilizam para denominar os companheiros menos experientes, com menor desempenho na pescaria de tarrafa.

PERÓCA - Mistura de café passado com farinha de mandioca formando uma papa bem mole. Variações: pirão de café, miguelinho, miguéli-de-café, nolóli, loque, primiana de café, silivana.

PESCA ARTESANAL – Toda atividade pesqueira promovida por profissionais em pequenas e médias embarcações, cuja produção não está vinculada diretamente às

indústrias de beneficiamento, manipulação, estocagem e comercialização de pescado em larga escala. O pescador artesanal está vinculado à Colônia de Pescadores e não ao Sindicato como no caso dos pescadores industriais. A pesca artesanal é promovida apenas na costa, não operando no mar aberto ou “mar azul”.

PESCA INDUSTRIAL – Toda atividade pesqueira promovida por grandes embarcações pesqueiras movidas a motor e vinculadas ao processo de beneficiamento, manipulação, estocagem e comercialização de pescado em larga escala. O pescador industrial está vinculado a Sindicato da categoria e não à Colônia de Pescador como é o caso do profissional da pesca artesanal. O pescador industrial atua no “mar azul” ou “mar aberto” de onde não se avista a costa.

PESQUEIRO – Local utilizado com regularidade por pescadores que conhecem a região e que, por experiência, confirmam que o local é bom para pescaria. Geralmente utiliza-se o termo para designar um bom local de pescaria no costão. Em mar aberto o pesqueiro recebe o nome de *parcel*.

PICARÉ – Tipo de rede de arrasto de pequeno porte.

PINGUELIM – Parte dianteira da agulha de fazer rede contendo um pino esculpido para segurar certa quantidade de linha.

PIRÃO – Mistura de farinha com líquido quente, morno ou frio de modo a formar uma pasta compacta. No litoral catarinense é comum encontrar pessoas que fazem pirão misturando farinha de mandioca com: leite, café, sopa de legumes, feijão, canja de galinha, caldo de peixe.

PIRÃO ASSUSTADO – Mistura da farinha com água fervendo no início e depois com água fria de forma a dar um choque térmico na farinha mudando a consistência da massa. Pode-se inverter a ordem em que são usadas água fria e água quente.

PIRÃO DE CAFÉ – Mistura de café passado com farinha de mandioca formando uma papa bem mole. Apesar do nome não podemos considerá-lo tecnicamente como um pirão porque não chega a formar uma massa consistente, permanecendo no estágio líquido. Variações: miguelinho, miguéli-de-café, nolóli, peróca, loque, primiana de café, silivana.

PIRÃO DE FEIJÃO – Pirão feito com farinha de mandioca e caldo de feijão. Também é conhecido em nosso litoral pelo nome de “fimiana” ou “primiana de feijão”

PIRÃO DE NÁILO [nálho, nylon] – Todo pirão escaldado feito de água pura e farinha de mandioca. Pirão branco.

PIRÃO ESCALDADO – Mistura da farinha com água fervendo ao máximo de modo a formar uma massa compacta e consistente.

PIRÃO ESCURO – Pirão feito com o líquido puro do caldo de peixe.

PIRÃO PAPA – Mistura de farinha de mandioca com líquido completamente frio ou morno [água, feijão, sopa, caldo de peixe, leite, café]. A massa fica bem mole e por isso recebe a denominação de papa.

PIRIZEIRA – Malha de piri - planta encontrada às margens dos nossos rios que foi amplamente utilizada pelos colonos e índios na confecção de cesto e esteiras.

PITEIRA – Arbusto que apresenta folhas grossas e longas que fornecem excelentes fibras para confecção de apetrechos de pesca.

PITIÚME – Cheiro de peixe salgado.

POITA – Âncora feita de pedra amarrada a pedaços de madeira. Serve para pequenas embarcações da pesca amadora e para redes de espera.

POMBEIRO – Comprador de grande quantidade de pescado na praia. Atravessador. Comerciante de pescado. Vendedor ambulante.

POMBOCA – Lampião utilizado no tempo que não era fornecida energia elétrica nos domicílios. Queimava “óleo de baleia” ou “óleo de bagre” e posteriormente passou-se a queimar querosene. A pomboca era utilizada pelos pescadores para a pesca noturna da tainha, principalmente no sistema de fisga.

PONTA DO ARAÇÁ – Parte do litoral do Município de Porto Belo que abrange as praias de Araçá, Prainha, Guarda, Caixa d’Água e Estaleiro.

PONTAL – 1] Altura interna da lateral da canoa; 2] Extremidades das enseadas, baías e praias. Ponta. Extremo.

POPA – Toda a parte traseira da canoa.

PORISCALDADO - Uma variação na feitura de pirão utilizando farinha de mandioca com água fria. Pirão papa, pirão cru, jacuba.

PORRANCA – Ventania.

PORRETE – O porrete é um pedaço de madeira pesada e dura com adaptação para as mãos do pescador que o utiliza para bater na cabeça do peixe. Muito utilizado na pesca do peixe-espada.

PRAIA DA TAINHA – Praia localizada no Município de Bombinhas. Antiga Praia do Júlio e Praia de Fora.

PRAIA DA ZÉFA – Designação antiga da atual Praia de Quatro Ilhas no Município de Bombinhas.

PRAIA DO JÚLIO – Antiga denominação da Praia da Tainha. Também já recebeu o nome de Praia de Fora.

PREAMAR – Maré enchente, movimento de subida da maré.

PRIMIANA DE FEIJÃO - Um variação na feitura de pirão utilizando farinha de mandioca e caldo de feijão. Variações: fimiana, pirão de feijão.

PROA – Toda a parte frontal da canoa.

PROEIRO – 1] Remeiro que ocupa o primeiro banco de proa da canoa. É seguido pelo contraproeiro; 2] tripulante que vai em pé na proa do barco tentando avistar o cardume de peixe; 3] administrador geral do barco de pesca industrial durante a navegação/pescaria.

PROEIRO – Na pesca industrial o proeiro é o gerente, o administrador da pescaria. É ele que toma as principais decisões, inclusive sobre o local de pescaria.

PROFILO – Fio utilizado na união de partes da rede. Geralmente uma rede de grande extensão é confeccionada por cerca quantidade de braçadas e depois unidas pelo perfilo.

PROMOMBÓ – Modalidade de pesca que consiste em promover uma pequena fogueira dentro da canoa colocada na margem contrária de onde estão os pescadores batendo com paus na superfície da água e fazendo muito barulho. A atividade dos pescadores visa assustar o cardume para que os peixes corram em direção ao cerco feito pelas canoas e saltem para dentro delas.

PUXADOR – Cinto feito com uma tira grossa de couro onde é embrulhada a corda para puxar a rede da pesca de arrasto na praia.

QUADRA – Período de marcação da condição de tempo para a pescaria. Quadra boa é aquela que apresenta condições ideais de pesca; Quadra ruim é aquela que apresenta condições desfavoráveis para a pesca.

QUARADOR [quaradouro] – Local reservado onde se estende roupa que recebe o tratamento com água de barrela [água com cinza] para ser branqueada. Quarar a roupa. Qualquer local onde a roupa é estendida no chão.

QUILHA – parte externa do fundo da canoa. É a parte que serve de base para a canoa correr na carreira de estiva ou rolo. Em algumas localidades também é conhecida por *Patilha*.

QUINHÃO – Parte que cabe a cada membro da equipe de pesca. A quantidade de tainha recebida por cada pescador depende da atividade exercida na equipe [camarada, remeiro, chumbeiro, patrão, atalaia, cozinheiro, dono de rede/canoa].

RANCHO – Pequena construção rústica fixada no cômodo por pescadores fixos das praias. É conhecido como rancho de praia e serve como abrigo para canoas e tralhas de pesca. Geralmente não serve de residência fixa aos pescadores.

REBOJO – 1] Redemoinho ocasionado pela mudança de direção do vento; 2] Vento que bate em algum obstáculo e retorna.

REDE – Todo equipamento confeccionado com fios trançados visando à captura de peixe.

REDE CAÇA DE MALHA – É a rede confeccionada com malha maior visando fazer com que o peixe fique preso ao tentar fugir do cerco. A rede utilizada na pesca próxima ao costão é mais baixa, a utilizada no cerco de largo [mar aberto] é mais alta. Nos dois casos [cerco de largo e cerco no costão] os pescadores utilizam a estratégia do bate-bate para o peixe malhar.

REDE DE ARRASTO – É a rede utilizada na pesca de praia pelos pescadores artesanais na pesca conhecida como arrastão.

REDE DE CACEIO – É a rede de malha usada na modalidade de pesca de currico com o conjunto canoa-rede. A rede tem uma ponta presa à canoa e na outra extremidade uma boia com bandeira de sinalização. Possui pouca chumbada e pouca cortiça para a rede viajar com a corrente marítima. Trabalha em meia-água, não chega ao fundo.

REDE DE CERCO – É uma modalidade da pesca de caceio. A canoa cerca o cardume com uma rede, bate-se na flor d'água com paus de bambu e o peixe se espanta ficando preso na rede. Atualmente a pesca industrial utiliza uma tecnologia chamada de *Anilha*, que faz com que a rede se feche em formato de um coador ou copo assim que o cardume é cercado no mar não precisando promover o bate-bate para o peixe malhar. Rede de circo.

REDE DE ESPERA – Tipo de rede confeccionada para pescaria fixa em mar ou rio. Ela pode ser DE FUNDO ou BOIADA. Na rede de espera de fundo usa-se pouca cortiça em quantidade suficiente para a parte de cima da rede boiar pouco abaixo da linha d'água. Visa pegar cação, linguado....; na rede de espera boiada usa-se mais cortiça e menos chumbada no fundo para a rede aparecer com a parte de cima na linha d'água e pegar espécies como tainha, guaivira, anchova, sororoca....

REFREGA – Vento forte que cessa inesperadamente. Pancada de vento.

REMADEIRA – pequeno pedaço de madeira onde é afixado o tolete servindo ambos de base para o remo da canoa. A remadeira está fixada na borda da canoa sempre a frente do remador. Toleteira.

REMEIRA – A parte final do remo. A pá do remo.

REMEIRO – Termo que designa o pescador responsável por dar movimento à canoa utilizando como recurso o remo de voga. Remador.

REMEIRO DE CONTRA-PROA – O segundo remador da canoa

REMEIRO DE CONTRA-RÉ – O terceiro remador da canoa.

REMEIRO DE PROA – O primeiro remador da canoa.

REMEIRO DE RÉ – Último e quarto remador da canoa que fica antes do patrão de pesca.

REMO DE GOVERNO [remo de pá] – Remo com o final mais largo visando o maior deslocamento de água para dar direção à canoa exercendo a função de leme. O remo de governo é utilizado pelo patrão que fica sempre na popa da canoa. Nas canoas menores [canoas comuns] o remo de pá é utilizado pelo remeiro que não precisa do apoio na borda, do tolete.

REMO DE VOGA – Remo com o final mais estreito utilizado apenas para dar velocidade à canoa, não interferindo na sua trajetória. Utilizado por todos os remeiros com apoio no toleteiro.

REPUXO – Forte corrente de retorno existente na praia. Essa corrente forma um buraco no fundo chamado de valagão, oferecendo muito perigo à segurança dos banhistas. É justamente defronte a esses locais que os salva-vidas colocam bandeiras vermelhas.

RESSACA – Condição em que o mar se apresenta com maré alta e ondas gigantescas alagando áreas próximas da costa sendo completamente desfavorável à atividade pesqueira das frotas industrial e artesanal.

RESSOLHO – 1] Redemoinho ou pequena onda provocada pela movimentação dos peixes. O ressolho pode ajudar os vigias a localizarem cardumes; 2] Também pode designar o brilho do peixe à flor d'água.

RODILHA – A borda mais grossa dos balaies. Geralmente a rodilha é feita de cipó grosso.

ROLÃO – Tainha nova adulta que está no seu primeiro corso.

ROLO – Peça de tronco fino de árvore utilizado como base na hora de empurrar a canoa na areia da praia. Ele evita que a canoa enterre-se na areia da praia facilitando a sua movimentação. Tem a mesma função da estiva.

RUFO – Bolsa formada ao final da tarrafa onde o peixe fica preso. Parte da tarrafa que forma uma saqueira onde o peixe fica aprisionado geralmente iniciada a partir da sétima fileira inferior da tarrafa.

SACO DA FAZENDA – Localidade do Município de Itajaí formada a partir das obras da Barra do Rio Itajaí. Atual Baía Affonso Wippel.

SAIA – Parte mais larga do final do remo.

SALTEAR [sartear] – Ato da tainha pular na flor d'água. Sartiu da tainha.

SAMBURÁ - Balaio menor e mais raso muito utilizado por pescadores amadores que costumam frequentar os costões contendo apenas uma alça alongada que vai de um extremo ao outro.

SAPIQUÁ – Tipo de sacola que os tarrafeiros utilizam para guardar o peixe. Variações: congá, mariana, bungá.

SARAGAÇO- muvuca [mutuca], tumulto, desentendimento, confusão.

SEAR – O ato de remar para trás. Técnica geralmente utilizada em embarcações com tolete e palamento.

SEPULTURA – Praia da antiga localidade de “Baixada”, atualmente conhecida como “Ponta das Palmeiras” ou “Ponta do Zarling”.

SILIVANA - Mistura de café passado com farinha de mandioca formando uma papa bem mole. Variações: loque, pirão de café, miguelinho, miguéli-de-café, nolóli, peróca, primiana de café.

SISGA – Ligação entre a boia de sinalização e a boia da fatecha nas redes de espera.

SOBRESSAME – São dois sarrafos colocados no fundo da embarcação para ela não gastar a madeira quando em movimento sobre a carreira de estiva ou rolo.

SUBSÃO – Linha feita de madeira dura colocada embaixo da embarcação para proteger sua quilha.

SUMIAR – Ação da rede enterrar-se em um banco de areia quando está sendo arrastada para a praia. Expressão utilizada: “A rede sumiô”.

SUSIAR – Movimento da rede que faz sua malha enrolar. Diz-se que a rede susiô.

TAFULHO – Estrado ou gradeado utilizado no fundo da canoa para apoiar a rede e tralha de pescaria deixando-nos no seco. Nas pequenas embarcações os tarrafeiros improvisam um tafulho feito com palhas de bananeira amarradas com embira.

TAINHA – Nome popular dado ao peixe da família dos *mugilídeos* [*mugil brasiliensis*]. A espécie habita as águas costeiras de todo o mundo.

TAINHA ARREPIADA – É a tainha que está com a escama mais aberta abrigando seus “ovos” entre elas.

TAINHA DO CORSO – Designação que se dá à tainha de safra que está migrando para o litoral de Santa Catarina oriunda da Lagoa dos Patos no litoral do Rio Grande do Sul.

TAINHA PISADA – Tainha machucada que vem para as águas internas descansar e se recuperar de algum ferimento obtido durante o corso em alto mar. Geralmente essas tainhas são machucas ao tentar sair das redes dos pescadores ou até mesmo pelos botos.

TAINHA SECA – Tainha escalada, salgada, colocada ao sol para secar. Carne de sol feita de tainha. Combira.

TAINHOTA – Tainha pequena. Filhote de tainha. Serve também para designar o parati e a tainha que fica permanente no Rio Itajaí e não promove o corso.

TALABORDÃO – Borda esculpida diretamente na canoa, formando peça única.

TALHA – Medida utilizada para contar o cardume capturado. Uma pequena tainha é separada em um cesto sempre que se chega à contagem de 100 tainhas. Uma talha é igual a cem tainhas. No final da contagem basta conferir quantas talhas tem dentro do balaio.

TALHAMAR – A parte dianteira da canoa colocada acima do patilhão e que termina na parte superior com o alto-beque. É a parte da canoa que enfrenta a onda, talha, corta a onda. Cadaste.

TAMANCA – Triângulo feito de tábuas de madeira que servem de apoio lateral às embarcações quando recolhidas ao combro da praia de forma a ficarem em posição reta.

TARRAFA – Pequena rede utilizada por pescador individual, contendo malha e chumbada, jogada sobre o peixe em movimento circular.

TARRAFADA – Ato de jogar a tarrafa.

TENDAL – Estrutura feitas com varas de bambu ou paus finos para estender as redes ao sol antes de serem novamente guardadas no rancho-de-praia no final da safra. Cama de varas. Varal de rede. Jirau. Estrado elevado.

TENSO – Fio que sustenta o rufo da tarrafa. Fio que liga internamente a tralha à sétima malha formando o rufo da tarrafa.

TERRAL – Vento vindo de terra que acalma o mar deixando ele quase sem onda. Para a pesca da tainha é bom porque facilita colocar a canoa e a rede n'água e também porque geralmente o tempo esfria.

TICUM [tucum, tecum] – Palmeira pequena, espinhosa, de cuja folha é extraída fibra para confecção de rede e apetrechos de pesca incluindo corda.

TIMÃO – É o remo utilizado pelo patrão também conhecido como remo-de-governo ou pá-de-governo. É um remo que serve como leme dando direção à canoa.

TIMBAÚ – Árvore também conhecida popularmente como “orelha de nêgo”.

TOCA DA ONÇA – Localidade rural do Município de Itajaí atualmente conhecida como São Roque.

TOLETE – Pequeno pedaço de madeira roliço fixado na remadeira [toleteira] para receber o estrovo e servir de base para o remo de voga.

TOLETEIRA – Pequeno pedaço de madeira colocado na borda da canoa que fixa o tolete. Remadeira.

TORÓ – Chuva muito forte que chega de surpresa. Aguaceiro. Tromba d’água.

TRACANIJE – Pequena abertura existente no beque de proa da canoa visando trancar a corda da âncora também conhecida como nije.

TRALHA – 1] Todos os equipamentos da pescaria; 2] As cordas finais que correm horizontalmente na rede contendo chumbada e cortiça. Antigamente confeccionada com fibras de imbirauçu, imbira branca e peteira.

TRALHA DA CORTIÇA – Corda que percorre horizontalmente na parte superior da rede contendo a cortiça e a ela se unindo através da encala.

TRALHA DO CHUMBO – Corda que percorre horizontalmente o fundo da rede contendo a chumbada e a ela se unindo através da encala.

TRANQUEIRA – Materiais diversos recolhidos pela rede junto com o peixe, inclusive lixo.

TRESMALHÃO – Tipo de rede contendo três malhas. Um pano de rede mais miúdo no centro, revestido por dois panos de rede com malha mais grossa. Geralmente as redes de fora usam malha 20 e a rede de dentro usa a malha 11. Esse tipo de rede é proibido porque pega tudo que é tipo de peixe indiscriminadamente, pequeno ou grande. Feiteiceira.

TRIBUZANA – Tempestade ocasionada pela chegada do vento sul forte.

TRIPA – Nome popular do intestino dos animais.

TRIPULANTE – Na pesca industrial é o pescador que faz serviços gerais dentro da embarcação.

TROLHA – Rede de cerco com anilha [anel de metal] por traineiras e embarcações a motor da pesca artesanal.

VALAGÃO – Canal aberto na praia pelo repuxo ou corrente de retorno das ondas.

VAZANTE – Movimento de descida da maré, baixa-mar.

VERGA – Vara de bambu usada para dar movimento a canoa em locais de baixa profundidade.

VIGIA – É o membro da equipe de pesca responsável por ficar olhando o mar para alertar a camaradagem sobre a chegada do cardume à praia. Também orienta com panos em mãos a direção que deve ocorrer o cerco. Atalaia, espia, olheiro.

VIRAÇÃO – Mudança repentina das condições climáticas, principalmente do vento.

VIRA-VIRA – Pequena rede de mão, contendo em suas duas extremidades varas de bambu de forma que o pescador apoie suas mãos nelas para retirar o peixe de dentro da embarcação em pequenas porções.

VOGA – 1] Denominação dada ao quarto remador da canoa que fica entre o sota e o patrão de pesca; 2] Remo de base estreita utilizado para dar movimento à embarcação. Utiliza-se o termo composto remo-de-voga; 3] Técnica de remar com apoio na borda da canoa utilizando apenas um remo.

XINGÓ – O mesmo que tainha-facão. É a tainha magra, cabeçuda, que guia o cardume. Ela que “saltei” na frente do cardume e por isso serve de referência para o vigia localizar os cardumes que estão chegando à praia. Usa-se o termo composto: *tainha-xingó*.

ZANGARILHO – Anzol de três pontas fixados em uma chumbada utilizado somente na pesca da lula. Variações: jangarejo, zangarejo.

ZIMBROS – Localidade do Município de Bombinhas extensiva à Baía dos Zimbros. Referência à planta existente na região.

TURVANÇA – Espuma amarelada encontrada à flor d’água.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A canoa lança a rede
e a tainha salteia*

*Os homens
comem e oram !*

[Magru Floriano]

A TRADICIONAL PESCA DA TAINHA NO LITORAL DE SANTA CATARINA

SAMBAQUI E COLONIZAÇÃO - Temos a tainha, seguramente, presente na culinária do homem do sul “desde sempre”. Uma cultura que sobrevive há dez mil anos e que é revigorada toda vez que vamos até a banca e pedimos ao peixeiro uma tainha escalada, ovada, para rechearmos e assar ao forno. São mais de dez mil anos de tradição. Da pesca com espeto rústico, lança, arco e flecha, anzol confeccionado com osso de peixe às redes e canoas dos dias atuais, temos dez mil anos de exercícios diários corroborando com a tecitura de uma tradição.

À medida que as pesquisas sobre a história do homem americano avançam vamos colecionando evidências de que há cerca de dez mil anos a tainha já estava plenamente inserida na dieta dos povos primitivos, coletores-caçadores-pescadores, que habitavam o litoral sul e nos legaram os sambaquis. Depois dos povos sambaquinianos temos os tupi, guarani e jê. Relatos de viajantes como Hans Staden corroboram com a tese de que a tainha fazia parte do cardápio do nativo tupi no litoral de São Paulo-Rio de Janeiro. O povo tupi dominava técnicas bastante peculiares na confecção da canoa-de-um-pau-só e a fabricação de farinhas, inclusive aquelas obtidas com carne de peixe defumado e mandioca.

Por outro lado, os estudos que temos até a presente data não trazem elementos comprobatórios suficientes de que a canoa e a farinha de mandioca eram conhecidas pelos nativos que habitavam as terras do sul [Rio Grande e Santa Catarina] notadamente guarani e jê. Portanto, parece plausível pensar que a técnica de produção da canoa-de-um-pau e a farinha podem ter sido trazidas pelos primeiros jesuítas catequisadores e/ou pelos vicentistas e os nativos aculturados [tupi] que com eles empreenderam a colonização do litoral catarinense: São Francisco do Sul – 1640, Ilha de Santa Catarina – 1675, Laguna – 1676. Coincidência ou não, são esses três pontos do litoral catarinense onde encontramos o maior número de canoas. O quarto ponto é a Região de Porto Belo, colonizada em 1818 por portugueses continentais [Ericeira], mas que ao longo de

séculos recebeu fluxo migratório significativo da Ilha de Santa Catarina [via Ganchos-Tijucas].

Um levantamento promovido por Paulo Lago no ano de 1956 revela que o litoral de Santa Catarina contava com nada menos que 4.331 canoas. Um número expressivo se considerarmos que no mesmo período foram encontradas 926 baleeiras e apenas cinco barcos a motor. A “Canoa comum” foi encontrada em maior número na Região de Laguna [Imaruí]; a “canoa bordada” e “canoa de borda lisa” na Ilha de Santa Catarina. Os municípios com maior número de canoas no litoral de Santa Catarina eram - por ordem decrescente: Imaruí, São Francisco, Laguna, Florianópolis, Araranguá, Biguaçu, Itajaí, Palhoça e Camboriú.

FOZ DO RIO ITAJAÍ - Quem já teve a oportunidade de ler os relatos sobre as atividades desenvolvidas pelos pioneiros da colonização do litoral próximo à foz do Rio Itajaí deve ter percebido que se fala muito pouco na atividade pesqueira até o início do século XX. O destaque nos livros de história fica para a caça à baleia e as famosas *armações*. Memorialistas contemporâneos como Juventino Linhares e Didymea Lazzaris de Oliveira destacam a pesca abundante do bagre que, nos parece, ser responsável pelas primeiras iniciativas comerciais/industriais no setor pesqueiro da região após o advento das *armações baleeiras*. O bagre era pescado em grande quantidade, sendo escalado, lanhado, salgado e posto no varal para secar. Depois era vendido até para o Rio de Janeiro onde era muito consumido, inclusive pelo ilustre ministro itajaiense Lauro Severiano Müller.

Contudo, evidências não nos faltam para defendermos a ideia de que a pesca da tainha era praticada por um número razoável de pessoas desde os primórdios da colonização do litoral próximo à foz do Rio Itajaí. Mesmo porque encontramos com facilidade canoas com idade centenária que ainda estão nos ranchos das praias. Essas canoas são testemunhas de toda a nossa história civilizatória. Daí porque atualmente são vistas como patrimônio histórico-cultural de nossa gente. Também não é por acaso que muitas canoas centenárias que habitam os ranchos de praias de nosso litoral tem procedência na Ilha de Santa Catarina. Seus habitantes foram se espalhando pelo litoral [São José, São Miguel, Biguaçu, Ganchos, Tijucas, Porto Belo, Itajaí, Penha....] e trazendo consigo a tradição da canoa e pesca da tainha.

O jornal O Pharol em edições de 1907 e 1911 fala com naturalidade de grandes *mantas* de tainha no litoral e a Capitania dos Portos do Estado de Santa Catarina, a 16

de maio de 1916, baixa regulamento criterioso proibindo a pesca em águas internas com *malha, cai-cai, bate-bate, cerca-capim, fachos, tarrafas*. Em conformidade com o regulamento da Capitania o administrador da “Meza de Rendas Alfandegada de Itajahy” – Mascarenhas Passos -, e o superintendente municipal de Itajaí – Marcos Konder -, assinam edital datado de 06 de junho de 1916, sinalizando para uma rigorosa fiscalização no setor da pesca na Região da foz do Rio Itajaí.

O regimento publicado pela Capitania dos Portos do Estado de Santa Catarina e o edital assinado conjuntamente por Mascarenhas Passos e Marcos Konder são publicados entre 16 de maio e 06 de junho, justamente no período da pesca da tainha. Isso evidencia a preocupação das autoridades com o excessivo esforço de pesca nesse período em águas internas já em 1916. Também, já nas primeiras décadas do século passado, começava a aparecer preocupação com a fiscalização sobre o comércio desses produtos, principalmente quanto à sua conservação e até a prática de preços abusivos. Como podemos constatar, problemas recorrentes que perduram até os dias atuais.

O edital assinado por Mascarenhas Passos e Marcos Konder em 1916 sinaliza também para um fato interessante no setor da pesca artesanal: a criatividade. Ali estão relacionadas diversas maneiras de pesca e os respectivos apetrechos utilizados. No edital está relacionada *rede de arrasto, malha, tarrafa* e “outros apetrechos”; assim como as modalidades de pesca “*cai-cai, bate-bate, cerca-capim, fachos...* “. Essa mesma criatividade que constatamos nos dias atuais com a pesca da tainha com vara utilizando como isca massinha de pão, ova de *dinâni* [canguá, mingongo] e até bucho de sardinha e charuto.

A evidência de que a atividade pesqueira estava crescendo no Município de Itajaí e região pode ser retirada da autorização que o Conselho Municipal concede ao superintendente municipal a 11 de julho de 1912 para construir um trapiche com uma banca de peixe na desembocadura da Rua Samuel Heusi com a Rua São Francisco [Atual Avenida Prefeito Paulo Bauer]. A 10 de julho de 1915 o superintendente Marcos Konder assina a Resolução de número 262 concedendo a Félix Busso Asseburg a licença para construir e usufruir comercialmente de trapiche para carga e descarga de pescado, bem como a construção de uma banca de peixe à Rua São Francisco. Logo em seguida, a 27 de agosto de 1915 o empresário Félix Busso Asseburg anuncia a entrada em operação de um novo “*bote à gasolina*” exclusivamente para a atividade pesqueira.

A 21 de janeiro de 1916 Lindolfo Caetano Vieira e Francisco Seara firmam contrato com a Companhia Santista de Pesca para comprar o pescado que a empresa

capturasse na costa sul do Brasil. O primeiro lote da empreitada contou com meia tonelada de pescada e foi comercializada no Trapiche Municipal. Portanto, parece razoável colocar como pioneiros da pesca industrial de Itajaí os empresários Felix Busso Asseburg, Lindolfo Caetano Vieira e Francisco Seára.

Diante de acentuada atividade no setor pesqueiro a municipalidade anuncia a 29 de janeiro de 1917 a realização de concorrência pública para a construção de uma nova banca de peixe nos fundos do Mercado Público. Estava dado o primeiro passo em direção à construção do Mercado de Peixe de Itajaí. Na antiga Praia de Itajahy [depois Praia de Navegantes] a 09 de dezembro de 1928 ocorre a fundação da Colônia de Pescadores Z-25 [depois Z-26]. A Colônia recebe o nome Lauro Muller e tem sua sede própria inaugurada a 17 de novembro de 1940. O distrito de Navegantes, contudo, não tem tradição acentuada na pesca de arrasto em praia. Isso se deve ao fato da “Praia de Itajahy” apresentar ondas muito altas e muitos buracos, características impróprias para a canoa utilizada na pesca da tainha.

Todo esse empenho de nossas autoridades e empresários era justificado pelo esforço de pesca empreendido pelos pescadores de toda a região, que aqui vinham comercializar seus pescados, inclusive adentrando o Vale, rios acima [Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim] como nos testemunha o Seu Naro da distante Praia da Sepultura, no Município de Porto Belo [depois Bombinhas]. Vinha na vela e no remo e aqui em Itajaí, após horas no mar, ganhava o reboque amigo do Vapor Blumenau. Assim subia o pescado escalado até Ilhota, Gaspar e Blumenau.

CONFRONTO – As gerações vão se sucedendo e muitas vezes a história de uma comunidade não é passada adequadamente, em toda a sua complexidade, de pai para filho. Isso nos faz acreditar que alguns problemas que um grupo enfrenta são atuais, quando na verdade vem se arrastando ao longo de muito tempo. Esse parece ser o caso do clássico confronto entre a pesca artesanal e a pesca industrial que vem se desenrolando desde a década de 1960 quando o governo federal estabelece políticas públicas de estímulo à pesca industrial e Itajaí é escolhida para abrigar um dos polos industrial-pesqueiro fomentado pela Sudepe – Superintendência de Desenvolvimento da Pesca.

O confronto entre as pescas artesanal e industrial dá sinais de maior consistência quando a Delegacia da Capitania dos Portos em Itajaí divulga, a 28 de maio de 1960, o Regulamento da Pesca de Traineiras [frota industrial] no litoral de Santa Catarina durante a safra da tainha. A medida proíbe que a frota industrial promova cerco à tainha

em baías, enseadas e costões, bem como em águas com profundidade menor do que o calado de suas redes. Mas, não obstante essa proteção oficial à pesca artesanal, o confronto entre pescadores artesanais e industriais permanece até os dias de hoje conforme podemos perceber nos depoimentos dos pescadores artesanais e industriais.

Assim como o conflito de interesses entre pescas artesanal e industrial está longe de ter uma solução definitiva, parece-nos também evidente que vai ser prolongada e exaustiva a batalha travada entre os pescadores artesanais [que promovem a pesca de arrastão na beira da praia] com o setor turístico [interessado na promoção dos esportes náuticos, notadamente o surf]. Parece-nos uma guerra perdida, considerando que:

1 - Os pescadores são obrigados a permanecerem fixos, tendo o rancho de praia como ponto de referência de toda a sua atividade; enquanto os desportistas náuticos estabelecem estratégias de ocupação ponto-a-ponto, beneficiando-se do seu alto grau de mobilidade.

2 – Os pescadores artesanais são obrigados a atuar em equipe, camaradagem; enquanto os esportistas ocupam ponto-a-ponto, individualmente ou em grupo indistintamente.

3 – O número de pescadores artesanais vem diminuindo a cada ano; enquanto o número de esportistas náuticos vem crescendo extraordinariamente.

4 – Os pescadores artesanais tem ao seu lado apenas o setor de cultura das prefeituras locais; enquanto os esportistas tem como aliados os ecologistas e empresários do setor turístico, notadamente hotéis, comércio e restaurantes.

5 – Há um visível esvaziamento do poder político das Colônias de Pescadores, bem como a superação do número de “eleitores nativos” por “eleitores transferidos” nos colégios eleitorais dos municípios onde a pesca da tainha é tradicional, tornando a correlação de forças político-econômicas favorável ao empreendimento turístico-esportivo.

6 – Outras questões econômicas tem conspirado contra os interesses dos pescadores de praia: baixo desempenho econômico da atividade; não recolhimento de impostos; número cada vez menor de ocupação de mão-de-obra local; atividade sazonal sem garantia mínima de remuneração adequada; concorrência com outras tecnologias de pesca com melhor desempenho na relação captura/custo; desenvolvimento de atividades do setor turístico durante todas as estações do ano.

TECNOLOGIA - Quando confrontamos informações obtidas em livros e jornais antigos com os depoimentos colhidos recentemente junto aos pescadores parece que fica

evidente a manutenção de determinadas práticas de pesca que nos confirmam a existência de uma tradição cultural regional. A *pesca de facho*, por exemplo, tem referência secular na memória regional. Inicialmente utilizando *pomboca* com queima de *óleo de baleia* e *óleo de bagre*, depois com a queima de querosene. A *pomboca* cede lugar ao *cilibrim* composto por um farol possante ligado à bateria de carro ou caminhão. Contudo, essa incorporação de novas tecnologias é operacionalizada de forma gradual, porque em mãos dos pescadores continua a tradicional *fisga* e na *carpintaria de ribeira* ainda continua a construção de *bateras* e *canoas* a partir de técnicas tradicionais passadas de pai para filho que mantém em suas mãos o enxó.

Também é gradual a troca da *fisga* por *tarrafa* e redes de maior porte porque o setor demorou bastante tempo para incorporar novos produtos de pesca, como o fio de nylon, devido a custos e capacidade de fornecimento das empresas aqui instaladas. Por muito tempo as redes eram feitas a partir da fibra de *ticum* e *gravatá*, depois algodão, *fio de pneu*, até chegar ao nylon. Por conta dessa demora em assimilar novas tecnologias é que nos surpreende muito mais notícias como aquelas dadas pelo memorialista Juventino Linhares sobre lanços de até cinquenta mil peixes e, por Franklin Cascaes e Virgílio Várzea, que relatam lanços de até 150 mil tainhas na Ilha de Santa Catarina. Um feito realmente extraordinário considerando a tecnologia disponível à época.

Parece razoável afirmar que ficou estabelecida uma tradição na pesca da tainha que inclui inúmeras modalidades praticadas por um número significativo de adeptos. Este parece ser o caso da pesca de tarrafa. Tudo indica que a tradicional pesca com tarrafa, ao contrário da pesca de arrasto na praia, está apresentando ganho expressivo de adeptos. Isto pode estar ocorrendo justamente porque essa modalidade apresenta características que melhor se adaptam às exigências do mundo moderno. A tarrafa tem, a seu modo, as mesmas características do surf, notadamente mobilidade e individualidade, sem com ele competir. Tem baixo custo ecológico e pode ser incluída nas atividades de pesca esportiva.

FESTA DA TAINHA - Passados os anos, mantida a tradicional pesca da tainha pelos vários setores envolvidos [amador, artesanal, industrial] surge a iniciativa de se promover a Festa da Tainha em diversos municípios catarinenses. Porto Belo promoveu em 2014 sua 29ª Festa da Tainha, enquanto Barra do Sul promoveu a sua 22ª edição.

Em Itajaí a primeira edição da Festa da Tainha ocorreu no dia 03 de julho de 2005 justamente no terreno baldio que já havia abrigado anteriormente o primeiro Mercado de Peixe. A festa partiu da iniciativa de Augustinho Machado, Manoel Xavier

de Maria, João Claudino e Luiz da Silva. Imediatamente contou com o apoio da municipalidade e mais adiante muda o nome para Festa do Pescado. Festa similar já ocorria no Município de Porto Belo desde o ano de 1985. Desta forma a pesca da tainha no litoral próximo à foz do Rio Itajaí passa a receber atenção crescente de entidades governamentais, da sociedade civil e classistas envolvidas com os setores de cultura e turismo.

PATRIMÔNIO CULTURAL – A tradicional pesca da tainha deixa de ser uma iniciativa de uma pessoa ou grupo de pessoas e se insere na política governamental para os setores de cultura popular, arte, gastronomia, turismo, comércio, indústria. Ou seja, a pesca da tainha passa ao centro das atenções de muitas comunidades no frio inverno catarinense não apenas como atividade econômica, mas, principalmente, como atividade cultural que dá identidade a seu povo.

Esta tradição culmina com a assinatura da Lei Estadual nº 15.922 de 06 de dezembro de 2012 pelo governador Raimundo Colombo considerando como *patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado de Santa Catarina* a pesca artesanal da tainha. Mas a primeira iniciativa local foi empreendida no Município de Bombinhas com o prefeito Manoel Marcílio dos Santos assinando a Lei nº 1285 datada de 04 de julho de 2012 declarando a pesca da tainha como *integrante do patrimônio histórico, artístico e cultural* do Município.

ANEXOS

*Canoa ao mar
remos, redes, risos, riscos e ritos*

*uma tainha salteia
outra, rabeia esperança
enquanto olhares
habitam todos os cômodos das praias.*

[Magru Floriano]

ANEXO 1

Nos termos do offício nr. 339, de 16 de Maio findo, da Capitania do Porto de Sta. Catharina e de conformidade com as disposições dos artigos 270 e 271 do respectivo Regulamento, fica prohibida:

- 1 = A pesca com redes de **Arrastão** ou **Arrasto** dentro ou fôra das bahias.
- 2 = A pesca com redes de **Malha** e outros aparelhos nos costões, ilhas baixos **Boccas de Rios** gambôas, lagôas, capins e mangues, onde se reúnem as criações.
- 3 = A pesca pelos processos conhecidos neste Estado pelos nomes de **Cai-Cai, Bate-Bate, Cercar-Campim, Fachos, Luzes e Candeio**.
- 4 = A pesca com **Tarrafas** de malhas de **dois centímetros no nó**, (largura da malheira) para o camarão e de **três centímetros** para o peixe.
- 5 = A pesca de ostras, mariscos, mexilhões em fundos venenosos, nas proximidades de exgotos e em cascos forrados de cobre.
- 6 = A pesca com **Redes dentro de lagôas, viveiros de criação, na bocca da Barra e dentro da enseada da Fazenda**, bem como com **Tarrafas de malha** de dois centímetros de nó a nó.

Os infractores destas disposições soffrerão a pena de multa de quinhentos mil réis, além da perda de todos aparelhos de pesca, que serão apprehendidos e destruidos.

Este edital entrará em vigor desde a data de sua publicação e divulgação entre os interessados.

Itajahy, 6 de Junho de 1916.

Pela Meza de Rendas Alfandegada de Itajahy

Mascarenhas Passos, Administrador

Pela Superintendencia Municipal

Marcos Konder, Superintendente.

(Edital publicado no jornal O Pharol de 23 de junho de 1916)

ANEXO 2

LEI SC Nº 15.922, DE 06 DE DEZEMBRO

Declara integrante do patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado de Santa Catarina, a pesca artesanal da tainha.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA,
Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica declarada patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado de Santa Catarina, a pesca artesanal da tainha

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Florianópolis, 06 de dezembro de 2012.

JOÃO RAIMUNDO COLOMBO
Governador do Estado

ANEXO 3

LEI Nº 1285, DE 04 DE JULHO DE 2012

Declara a pesca da tainha integrante do patrimônio histórico, artístico e cultural do Município de bombinhas e dá outras providências.

MANOEL MARCÍLIO DOS SANTOS, Prefeito Municipal de bombinhas, Estado de Santa Catarina, fazendo uso das atribuições conferidas pelo inciso III do art. 64 da Lei Orgânica do Município, faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei de autoria do Vereador Marcos Chagas Perrone:

Art. 1º Fica declarada patrimônio histórico, artístico e cultural do Município de Bombinhas, a Pesca Artesanal da Tainha.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Bombinhas (SC), 04 de julho de 2012.

MANOEL MARCÍLIO DOS SANTOS
Prefeito Municipal

ANEXO 4

PESCA DE TRINEIRA

Para conhecimento geral e cumprimento pelos interessados a Delegacia da Capitania dos Portos, em Itajai divulga a “Regulamentação da Pesca de trineira no litoral de Santa Catarina” elaborada pelo “ Acôrdo de Caça e Pesca” (Ministério da Agricultura – Divisão de Caça e Pesca – Diretoria de Caça e Pesca – Secretaria da Agricultura Santa Catarina).

“Fazemos saber aos interessados que, de conformidade com o Decreto-Lei nº 744, de 19.10.1938, Código de Pesca, fica regulamentada a prática da pesca de “Trineiras”, durante a safra da “Tainha”, no litoral de Santa Catarina, restrita as seguintes determinações:

a) De acôrdo com o art. 18, do Código de Pesca e, objetivando a defesa dos interesses dos pescadores do litoral Catarinense, Fica Proibido durante a safra da Tainha, o cerco de trineiras, nas encostas junto as baías e enseadas da costa do Estado de Santa Catarina, quando próximo as zonas de pesca de terra.

OBS: A presente proibição forma-se igualmente, na determinação do que estipula o paragrafo único do art. 24, do Código de Pesca, que tão somente permite o uso de “Trineiras”, quando a profundidade das águas fôr nitidamente superior ao calado das rêdes.

Verifica-se que o litoral de Santa Catarina, principalmente nos locais que dão acesso as zonas pesqueiras de terra, a profundidade não permite o uso de “Trineiras”, já que o calado das rêdes a uma distância bem superior a 200 metros é superior a profundidade, daí a presente medida regulamentar.

b) – Os infratores serão punidos de conformidade com a lei e terão o produto da pesca irregularmente feita, apreendido.

Itajaí, 28 de maio de 1960.

(publicado no jornal Itajaí em 04 de junho de 1960)

ANEXO 5

LEI Nº 1320, DE 28 DE MAIO DE 2013

ALTERA A LEI MUNICIPAL Nº 362, DE 17 DE JUNHO DE 1997, QUE PROÍBE A PRÁTICA DE ESPORTES NÁUTICOS E LIMITA A NAVEGAÇÃO DE EMBARCAÇÕES DE LAZER E INDUSTRIAL DE PESCA DE TAINHA NO MUNICÍPIO DE BOMBINHAS, COMOFORMA DE INCENTIVO A PESCA ARTESANAL LOCAL E AUTORIZA CONTRATAÇÃO DE SERVIDORES PARA FISCALIZAÇÃO.

ANA PAULA DA SILVA, Prefeita Municipal de Bombinhas, Estado de Santa Catarina, no uso das atribuições conferidas pelos incisos I e III do art. 64, da Lei Orgânica do Município, faço saber a todos que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º [...]

.

Art. 2º [...]

III – As embarcações de pesca artesanal com propulsão motora poderão exercer atividades de pesca de tainha nos moldes estabelecidos em Instruções Normativas do IBAMA

Art. 3º A desobediência aos dispositivos desta Lei, acarretará para o infrator a imposição de multa [...]

Art. 4º Fica inserido o sistema de bandeiras na cor verde, nas praias de 4 Ilhas e Mariscal, nos dias em que a ressaca ou o mar agitado não permitir a atividade da pesca, para delimitar a área destinada a prática de surf.

§ 1º A área deverá ser delimitada pelo padrão de pesca artesanal, responsável pela rede no local.

§ 2º O Município de Bombinhas providenciará a colocação de placas nas praias informando o período de pesca da tainha, conforme instrução Normativa do IBAMA vigente, bem como sobre as limitações e proibições de prática de esportes náuticos, pesca de costão, pesca esportiva e de navegação de lazer, durante todo o período da pesca. [...]

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Bombinhas (SC) 28 de maio de 2013

ANA PAULA DA SILVA
Prefeita Municipal

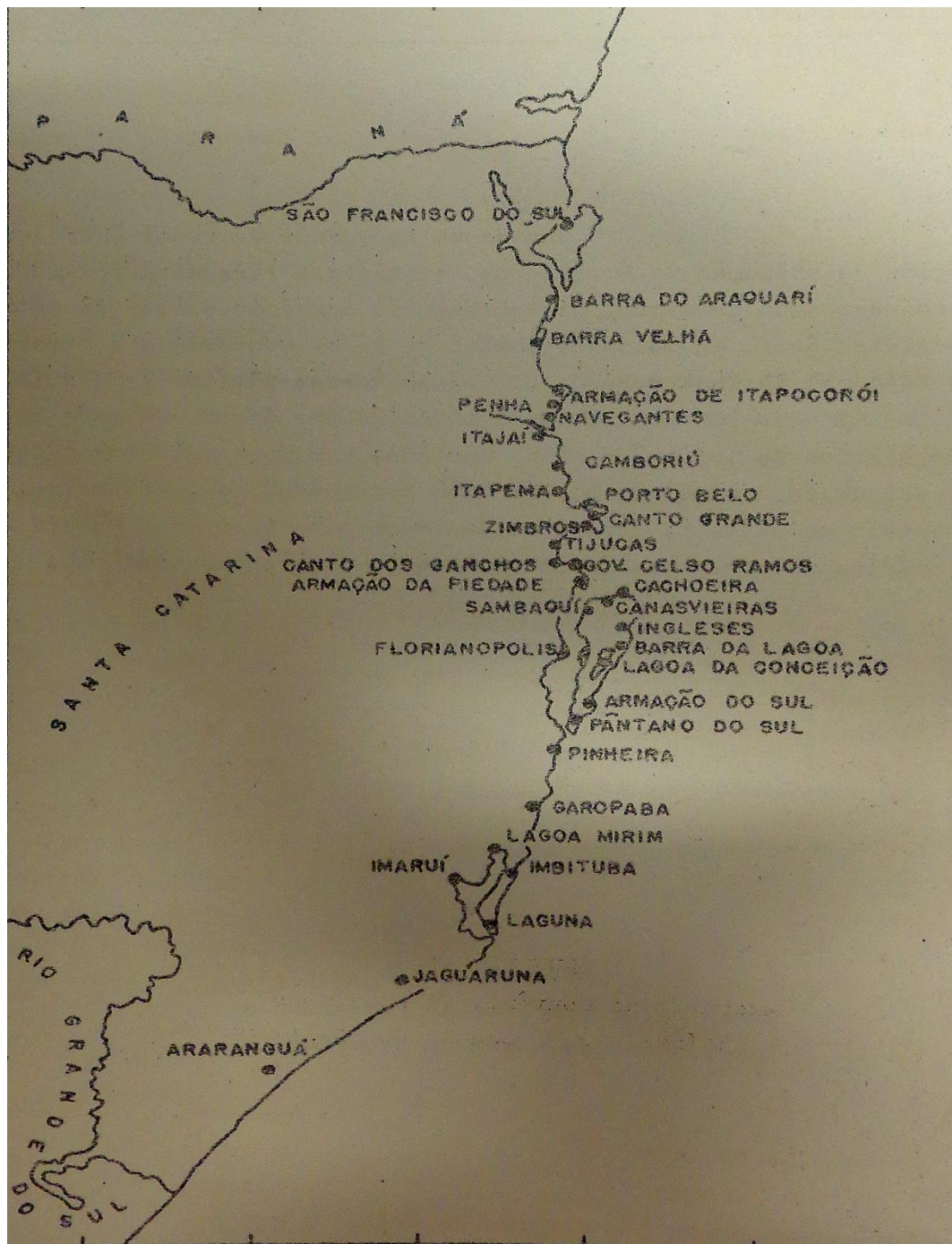
ANEXO 6

CAPTURA DE TAINHA PELA FROTA INDUSTRIAL DE SANTA CATARINA	
ANO	QUANTIDADE - KG
1964	674.464
1965	2.144.198
1966	695.495
1967	1.154.262
1968	1.504.329
1969	2.129.148
1970	2.635.548
1974	974.670
1975	2.296.271
1976	2.508.395
1977	1.721.742
1978	681.735
2000	2.620.589
2001	946.938
2002	1.346.110
2003	2.480.236
2004	2.642.015
2005	3.115.512
2006	1.080.970
2007	6.396.590
2008	2.038.304
2009	4.121.856
2010	3.313.985
2011	3.046.855
2012	1.573.924
2013	1.227.000**
2014	1.500.000**
** números não oficiais – estimativa	

ANEXO 7

CANOAS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS PONTOS DE PESCA DA TAINHA DE SANTA CATARINA NO ANO DE 1956				
Município	Canoa bordada	Canoa comum	Canoa borda lisa	TOTAL
Florianópolis	248	xxx	150	398
Imaruí	xxx	2.350	xxx	2.350
Palhoça	05	xxx	51	56
Biguaçu	28	xxx	50	78
Laguna	22	500	xxx	522
Araranguá	04	130	xxx	134
São Francisco	81	600	xxx	681
Camboriú	18	18	10	46
Itajaí	xxx	66	xxx	66
Com base em estudo promovido por Paulo Fernando de Araújo Lago				

ANEXO 8

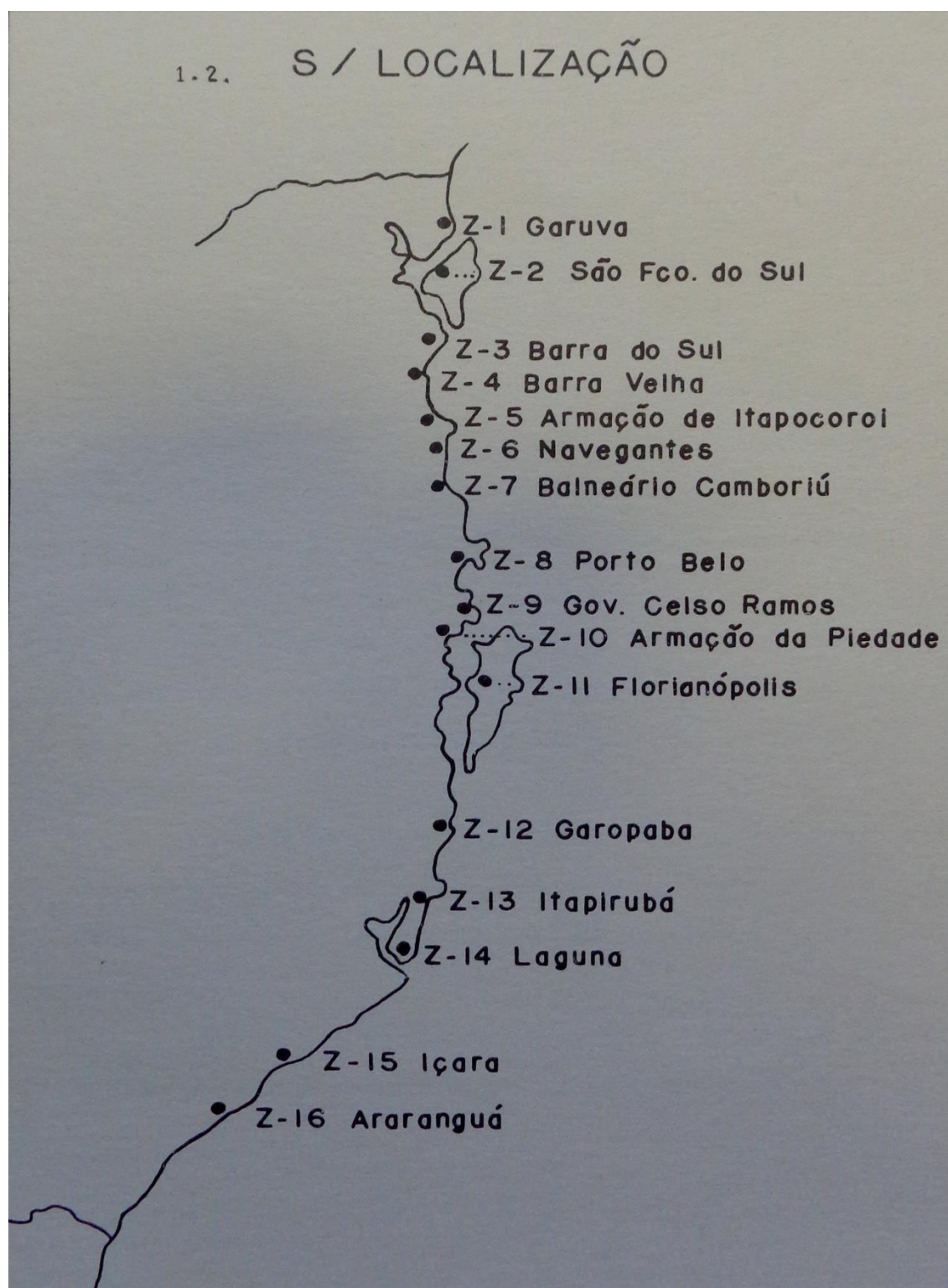


[Mapa publicado por Paulo Fernando de Araujo Lago que evidencia os principais pontos de pesca do litoral catarinense no ano de 1959]

ANEXO 9



ANEXO 10



Publicado no Relatório 1972 da Confederação Nacional dos Pescadores –
Federação das Colônias de Pescadores do Estado de Santa Catarina

ANEXO 11

AÇÃO PREDATÓRIA

LEI PROTETORA EM 1760

[jornal Anexo de 28 de março de 1996 pag. 03]

“Com a preocupação de manter os níveis de pescado num patamar satisfatório para as gerações futuras, a Câmara de Desterro tomava periodicamente algumas medidas para evitar que a pesca fosse realizada de maneira predatória. Em 1760, ela foi proibida na proximidade da barra para não afugentar os peixes e estipulado um tipo de malha que não acabasse capturando também as pequenas criações. Em várias oportunidades verificou-se até mesmo um excesso por parte das autoridades, extrapolando a própria lei. Foram impostas pesadas multas e até penas de prisão para os pescadores que não apresentassem um número determinado de cabeças de biguás, aves que existiam aos milhares na região e que consumiam grande quantidade de peixe na lagoa.

Cinco anos depois, a 11 de fevereiro, a Câmara tomava nova atitude, inconformada com os prejuízos causados pela pesca do tipo promombó, que consiste em se fazer uma fogueira dentro da canoa para que os peixes saltem para dentro dela, aturdidos pelo barulho que os pescadores produzem ao bater com os remos na água. Os pescadores alinhavam nas bocas dos rios suas canoas, umas após as outras, e obtinham muito peixe com este expediente. A medida ameaçava punir com multa de 3\$000 todo aquele que desrespeitasse a orientação da Câmara, tendo o cuidado de destinar um terço desta quantia para quem denunciasse o infrator e o restante para as despesas do Conselho e Obras da Cadeia. Poucos dias depois nova orientação foi divulgada, desta vez estipulando o período de quatro meses para que os pescadores deixassem de utilizar suas redes, pois deveriam aguardar que fossem anunciadas as medidas adequadas das malhas. Se não obedecessem, teriam que pagar multa de 4\$000, quinze dias de prisão e perda da rede, que seria queimada. O caso é que eram frequentes as denúncias de que em Desterro os peixes que estavam sendo comercializados eram muito abaixo do tamanho recomendável.

Diante da persistência no uso de redes de malha fina, a Câmara fixou o ano de 1774 como limite para que todos os pescadores se apresentassem à autoridade competente para mostrar sua própria rede. Passado o período estipulado, o problema agravou-se visto que a maioria dos pescadores ainda trabalhava com as mesmas redes e a Câmara estava decidida a cumprir sua palavra. Coube então ao Sargento de Ordens Miguel Nicolau, enviado pelo governador, contornar a situação. Alegou ele que, estando o povo continuamente necessitado de víveres e não podendo o pescador obter nem seu próprio sustento e nem o dos demais (e aí incluem-se os soldados que guarneciam as fronteiras), o melhor a fazer seria prorrogar mais uma vez o prazo e facilitar o fabrico de redes de malhas maiores. Durante esse período de transição, todo o peixe pescado seria comercializado com o preço estipulado pelos almotacés (inspetores encarregados da aplicação exata dos pesos e medidas e da taxaçaõ dos gêneros alimentícios), e aquele pescador que não seguisse as determinações teria de pagar uma multa de 6\$000 e amargar 30 dias de cadeia.

* Pesca como atividade econômica substituiu em grande parte tradição agrícola açoriana.

*GARAPUVU – O nosso açoriano, quando chegou aqui, já encontrou o índio cavando um tronco para transformá-lo numa canoa. Isso é muito lógico. Quando eles não tinham ferramentas, eles queimavam a madeira para fazê-la oca. [...] As canoas geralmente são construídas de garapuvu. Se por acaso uma embarcação virar, não vai ao fundo, fica boiada. Usavam também cedro vermelho, o pau-de-bicho, que era também outra madeira muito leve e abundante nas matas da Ilha de Santa Catarina. [O fantástico na Ilha de Santa Catarina – Franklin Cascaes].”

BASE DE CONSULTA

*A maresia traz notícias
ao combro da praia*

*tá chegando a tainha
pra tingir de prata
o mar verde-azul de Mariscal.*

[Magru Floriano]

1 – obras

- ACARPESC. **A pesca no Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 1971.
- AGASSIZ, Luiz; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil – 1865-1866**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975.
- ANDRADE, H. A. A produção da pesca industrial em Santa Catarina. **Notas Técnicas. Facimar**. 1998. Vol. 2: pag. 1-16.
- AREÃO, João dos Santos. A pesca do bôto. **Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore**. Florianópolis, dezembro de 1949, n.02, ano I.
- BARENTIN, Leopoldo; BAYER, Edson Carvalho. **Biléca – o filho da Costa Esmeralda**. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- BERSI, Pedro. **Mar e sertão**. Itajaí: autor, 2007.
- BERSI, Pedro. **Franklin Bento – causos. Bruxas – antigas e novas histórias**. Itajaí: Berger, 2001.
- BONATTI, Amanda. **Ah! mar Itajaí**. Blumenau: Nova Letra, 2013.
- BORGES, J. Sustentabilidade econômica da atividade pesqueira em Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**. 2009. Vol. 43: pag. 401-414.
- CAMINHA, Carlos Augusto. **A pesca na Freguesia da Lagoa**. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia – Curso de História, 1958. Monografia.
- CAMPOS, Ademar. **Dicionário Popular – expressões e gírias do cotidiano tijuquense**. Vol I. 1ed. Tijucas: ed. autor, 2000.
- CAMPOS, Ademar. **Dicionário popular – o tijucano – expressões, fírias e provérbios**. Tijucas: ed. autor, 2001.
- CARDOZO, Gilberto. **Tia Bilica – causos e outras cousas**. Blumenau: Nova Letra, 2014.
- CASCAES, Franklin j. **A pesca da tainha na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Museu de Antropologia/UFSC, 1978.
- CORRÊA, Isaque de Borba. **Dicionário catarinense – tratado de dialetologia, falares, subfalares e expressões idiomáticas no estado barriga verde**. Florianópolis: Insular, 2000.
- CORRÊA, Isaque de Borba. **Dicionário papa siri – expressões idiomáticas – região de Camboriú**. Itajaí: Univali, 1993.
- CORRÊA, Isaque de Borba. **Pirão com milongas – história e contos da Praia de Camboriú e do homem do centro do litoral catarinense com muito humor, descontração e seriedade**. 1ed. Camboriú: Ed. Papa-Siri, 2001.
- CORRÊA, Isaque de Borba. **Poranduba papa-siri – catalogação de manifestações inéditas do folclore do centro do litoral catarinense**. 1ed. Camboriú: Ed. Papa-Siri, 2001.
- DIEGUES, A.C. S. A pesca construindo sociedades: A história ecológica da tainha no Litoral Sudeste-Sul Brasileiro. In: **A pesca construindo sociedades. NUPAUB (USP)-São Paulo**. 2004. pag. 243- 315.
- FAGUNDES, José Carlos. **Compêndios – fragmentos para a História de Barra Velha**. São Paulo: Scortecci, 2014.
- FLORIANO, Magru. **Há-cais – uma existência à beira do Rio Itajaí & Ohmni**. Poemas inéditos.
- HERBST, Danieli Firme. **Conhecimento ecológico local dos pescadores do litoral de Santa Catarina sobre a tainha *mugil liza* Valenciennes 1836**. Florianópolis: 2013, UFSC. Monografia.

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis. **Processo do Ordenamento Pesqueiro do Recurso “Tainha” para o Sudeste e Sul do Brasil**. Itajaí. 2008. pag. 1-72.

JOSÉ, Nilson. **Histórias de pescador**. Itajaí/Blumenau: Alternativa/Nova Letra, 2007.

JÚNIOR, Silveira. **Álbum fotográfico-descritivo da Praia de Camboriú**. Camboriú: ed. autor, 1952.

KOHL, Dieter Hans Bruno. **PORTO BELO: sua história, sua gente**. 2.ed. Blumenau: Odorizzi, 2001.

LAGO, Paulo Fernando de Araujo. **Contribuição geográfica ao estudo da pesca no litoral de Santa Catarina**. Revista Brasileira de geografia, jan/mar 1961.

LERY, J. de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: USP, 1980.

LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou**. Itajaí: Univali, 1997. [Revisão e seleção de Osmar de Souza].

LUZ, Jaime Schmitt da Luz. **Uns quatro contos da prainha**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

LUZ, Jaime Schmitt da Luz. **Da Prainha, com humor!**. Blumenau: Nova Letra, 2005.

MARQUES, Lilian Argentina B. **O pescador artesanal do sul**. Rio de Janeiro: MEC-SEAC-FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1980.

MARTINS, I. M. Conhecimento Ecológico de Pescadores Artesanais sobre Peixes de Interesse Comercial: Contribuições para o Manejo e Conservação na Baía de Tijucas, SC. **Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade Federal de Santa Catarina**. 2011. pag. 116.

MEDEIROS, R. P. Regimes de Apropriação Temporários: O Caso da Pesca da Tainha na Praia Pântano do Sul (Florianópolis, Santa Catarina). **Livro de Resumos do I Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia da Região Sul: Aspectos Humanos da Biodiversidade**. 2003, pag. 241- 250.

MENEZES, N. A. Guia prático para conhecimento e identificação das tainhas e paratis (Pisces, Mugilidae) do litoral brasileiro. **Revista brasileira de Zoologia**. 1983. Vol. 2(1): pag. 1-12.

OLIVEIRA, Didymea Lazzaris. **O Navegantes que eu conto**. 2.ed. Navegantes: Papa-Terra, 2012.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Os engenhos de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina – etnografia catarinense**. Florianópolis: Fundação Cultural Açorianista, 1993.

PETERSON, Débora *et alii*. **Etnobiologia dos botos e a pesca cooperativa em Laguna**. UFSC. Artigo acessado em 30 de junho de 2014 em www.jangadadobrasil.com.br.

SECKENDORFF, Roberto. William von; AZEVEDO, Venâncio Guedes de. Abordagem Histórica da Pesca da Tainha *Mugil platanus* e Parati *Mugil curema* (Perciformes: *Mugilidae*) no Litoral Norte do Litoral de São Paulo. **Série Relatórios Técnicos, Instituto de Pesca, São Paulo**. 2007. Vol. 28: pag. 1-8.

SILVA, Fernando Alexandre Guimarães da. **Dicionário da Ilha: falar & falares da Ilha de Santa Catarina**. 23ed. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994.

SOUZA, Cláudio Bersi de. **Penha – passado & presente**. Blumenau: Nova Letra, 2011.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. São Paulo: USP, 1974.

TREMEL, Ernesto; REBELO NETO, José Emiliano. **Relatório trimestral**. Florianópolis: SUDEPE/DECAPESC, 1975/6.

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina – A ilha**. Rio de Janeiro, 1900.

2 – Acervos / coleções

- Fundação Genésio Miranda Lins – Centro de Documentação Histórica – Itajaí
- Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis
- Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – Casa José Boiteux – Florianópolis
- Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina – Florianópolis
- Arquivo Histórico – Fundação Cultural de Balneário Camboriú
- Biblioteca Comunitária da Univali – Itajaí / Balneário Camboriú
- Casa do Homem do Mar - Museu Naval – Bombinhas.
- Fundação Municipal de Cultura – Prefeitura Municipal de Bombinhas
- Fundação Municipal de Cultura – Prefeitura Municipal de Porto Belo
- Núcleo de Estudos Açorianos – Florianópolis